

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
HABILITAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS

LUCIANO DA ROSA NAGIB MURR

HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL:  
A INTEGRAÇÃO ENTRE A CULTURA GAÚCHA E A CULTURA DO SURFE

PORTO ALEGRE  
2009

LUCIANO DA ROSA NAGIB MURR

HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL:  
A INTEGRAÇÃO ENTRE A CULTURA GAÚCHA E A CULTURA DO SURFE

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Mônica Pieniz

Porto Alegre

2009

**LUCIANO DA ROSA NAGIB MURR**

***HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL:  
A INTERAÇÃO ENTRE A CULTURA GAÚCHA E A CULTURA DO SURFE***

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/2009.

Banca Examinadora

---

Profª Mônica Pieniz  
Orientadora

---

Profª Dra. Maria Berenice da Costa Machado  
Arguidora

---

Profª Dra. Helenice Carvalho  
Arguidora

Dedico este trabalho à minha mãe e companheira, Rosângela. Ao meu pai e guia, Joaquim. À minha irmã e inspiração, Gabriela. À minha avó que está sempre ao meu lado.

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento, cabem alguns agradecimentos especiais, a pessoas que foram de suma importância para a realização deste trabalho. Desde já o agradecimento a todos pelo apoio intelectual e emocional que todos me deram.

À professora Dra. Nilda Jacks, por toda carga intelectual que transferiu durante as aulas, além do apoio durante a produção da monografia.

A minha orientadora Mônica Pieniz, por todas as horas despendidas na produção e correção da monografia, além das horas de orientação e de “psicóloga”, que foram cruciais para que eu pudesse vencer esta etapa.

A todos os professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que, cada um a sua maneira, contribuíram para o meu crescimento intelectual e pessoal.

À professora Elisa Anhaia que me ajudou não apenas com o trabalho, corrigindo-o em plena madrugada de domingo, como me ensinou uma nova língua e me ouviu sempre que eu precisei.

## **RESUMO**

Este trabalho visa analisar a hibridização cultural entre a cultura gaúcha e a cultura do surfe em um site de relacionamento, mais especificamente, nas comunidades do Orkut, conceituando-se a cultura gaúcha e a cultura do surfe através de sua história e de seus símbolos, para então analisar e tentar definir o conceito de hibridização cultural e mostrar como as culturas escolhidas se misturam. Ao fim destas etapas está a análise de uma entrevista virtual, que foi a técnica utilizada com os membros de comunidades do Orkut, além da análise das mesmas, para apreender as manifestações de hibridização entre as culturas neste ambiente virtual. Há uma análise quantitativa, inicialmente, para definir dados primários que pudessem subsidiar uma análise posterior, qualitativa. Por fim, as considerações finais que permitem a conclusão do trabalho de forma a mostrar as manifestações na mídia web de uma nova cultura, híbrida, que incorpora elementos das duas culturas citadas.

**Palavras-chave:** Cultura gaúcha. Cultura do surfe. Hibridização cultural. Sites de relacionamento. Cibercultura.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the hybridization between the “gaúcha” culture and the culture of surfing on a social network website, more specifically on Orkut communities, conceptualizing the “gaúcha” culture and the surfing culture through their history and symbols in order to analyze and try to define the concept of cultural hybridization and display how the chosen cultures blend. After these steps, the analysis of a virtual interview with members of Orkut communities, besides the analysis of the communities themselves, which was the used methodology, therefore to learn the manifestation of hybridization between the cultures in this virtual environment. A first quantitative analysis to define primary data that provided resources for a further qualitative analysis. Finally, as conclusion, it’s possible to prove the existence of the manifestation in the web media, of a new culture, hybrid, that incorporates elements from the cultures mentioned.

**Key-words:** “Gaúcha” culture. Surf culture. Cultural hybridization. Relationship sites. Cyber culture.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> – Print screen do Orkut demográfico .....	<b>113</b>
<b>FIGURA 2</b> - Print screen da comunidade <i>Surf RS</i> .....	<b>71</b>
<b>FIGURA 3</b> - Print screen da comunidade <i>Surf Gaúcho</i> .....	<b>71</b>
<b>FIGURA 4</b> - Print screen da comunidade <i>Federação Gaúcha de Surf</i> .....	<b>72</b>
<b>FIGURA 5</b> - Print screen da comunidade <i>TubeAereo – Surf Gaúcho Roots</i> .....	<b>72</b>
<b>FIGURA 6</b> - Print screen da comunidade <i>Rio Grande do Surf</i> .....	<b>73</b>
<b>FIGURA 7</b> - Print screen da comunidade <i>Praia, Surf e Chimarrão Tche!</i> .....	<b>73</b>
<b>FIGURA 8</b> - Print screen da comunidade <i>Surfistas Gauchos</i> .....	<b>74</b>
<b>FIGURA 9</b> - Print screen da entrevista online.....	<b>76</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - Distribuição demográfica dos integrantes do Orkut.....	<b>113</b>
<b>TABELA 2</b> - Percentual de idade dos integrantes do Orkut.....	<b>113</b>
<b>TABELA 3</b> - Tabela de respostas sobre a existência de hibridização cultural. ....	<b>79</b>
<b>TABELA 4</b> - Tabela indicativa dos símbolos gaúchos citados nas entrevistas. ....	<b>80</b>
<b>TABELA 5</b> - Tabela indicativa dos símbolos gaúchos levados para surftrips fora do estado. ....	<b>81</b>

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO A.....	87
ANEXO B.....	88
ANEXO C.....	90
ANEXO D.....	91
ANEXO E.....	92
ANEXO F.....	93
ANEXO G.....	95
ANEXO H.....	96
ANEXO I.....	97
ANEXO J.....	98
ANEXO L.....	99
ANEXO M.....	100
ANEXO N.....	101
ANEXO O.....	103
ANEXO P.....	104
ANEXO Q.....	105
ANEXO R.....	106

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 CULTURA GAÚCHA.....</b>	<b>14</b>
2.1 HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL .....	15
2.2 SÍMBOLOS TRADICIONAIS DO GAÚCHO.....	26
2.2.1 Pilcha .....	27
2.2.2 Música .....	28
2.2.3 Churrasco.....	29
2.2.4 Chimarrão.....	30
<b>3 CULTURA DO SURFE .....</b>	<b>32</b>
3.1 ESTILOS DE SURFE .....	33
3.1.1 Longboard.....	33
3.1.2 Shortboard .....	34
3.1.3 Big Riders.....	35
3.2 TIPOS DE FUNDO.....	36
3.2.1 Beach Break .....	36
3.2.2 Rock Point.....	37
3.2.3 Reef Break.....	37
3.3 CULTURA DO SURFE NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: HAVAÍ E CALIFÓRNIA.....	38
3.3.1 Kelly Slater – Eneacampeão Mundial de Surfe .....	49
3.3.2 Surfe de Ondas Gigantes.....	52
3.4 CULTURA DO SURFE NO BRASIL .....	55
3.5 CULTURA DO SURFE NA REGIÃO SUL DO BRASIL.....	58
3.6 CULTURA DO SURFE NO RIO GRANDE DO SUL.....	60
<b>4 HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL .....</b>	<b>61</b>
4.1 RELAÇÕES MUDIÁTICAS ENTRE A CULTURA GAÚCHA E A CULTURA DO SURFE.....	67
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	70
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>84</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Observando empiricamente, percebi a formação de uma nova cultura reunindo duas culturas pré-existentes: a cultura tradicionalista gaúcha e a cultura mundial do surfe. Reunindo diversas características de cada uma, uma parcela da população do Rio Grande do Sul adaptou-se a um esporte em expansão, já desde os anos 60, que agora se transformou num gigante industrial e cultural.

Para isso, o objetivo do trabalho é analisar as manifestações desta hibridização cultural entre a cultura gaúcha e a cultura do surfe, especificamente nas comunidades de relacionamento da web. Ou seja, como se dão as manifestações de hibridização cultural nas comunidades do Orkut? Os integrantes das comunidades percebem isso? E, se percebem como eles vêem essa hibridização?

Estudar a relação que decorre de tal integração na web justifica-se por ser este o meio de comunicação em plena expansão. Além disso, o Orkut é um site norte-americano que fez muito sucesso no Brasil que hoje é o país com mais usuários como mostra a figura 1. Como o próprio site cita

no Orkut é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais. Você também pode criar comunidades on-line ou participar de várias delas para discutir temas atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas<sup>1</sup>.

Portanto, é de se esperar que comunicadores estudem esses meios de comunicação e sua influência nas pessoas e seus modos de viver. No caso do estudo, a preocupação é mostrar como o site desenvolve hibridização cultural, pois como diz Lemos (2002, p.257) “as novas tecnologias da cibercultura estão em relação estreita com a dinâmica social contemporânea, [...] esta dinâmica estabelece-se quando a micro-informática é apropriada pela vida social”. Além da importância profissional de estudar o assunto, existe também uma motivação pessoal, afinal além de gaúcho, grande admirador e seguidor da cultura e das tradições gaúchas, também pratico o surfe há sete anos. Essa vivência entre ambas as culturas ajudou-me a perceber a hibridização cultural que se mostrava latente, vide anexos P, Q e R, e então

---

<sup>1</sup> Trecho retirado do *About Orkut* em <http://www.orkut.com.br/Main#About.aspx> .

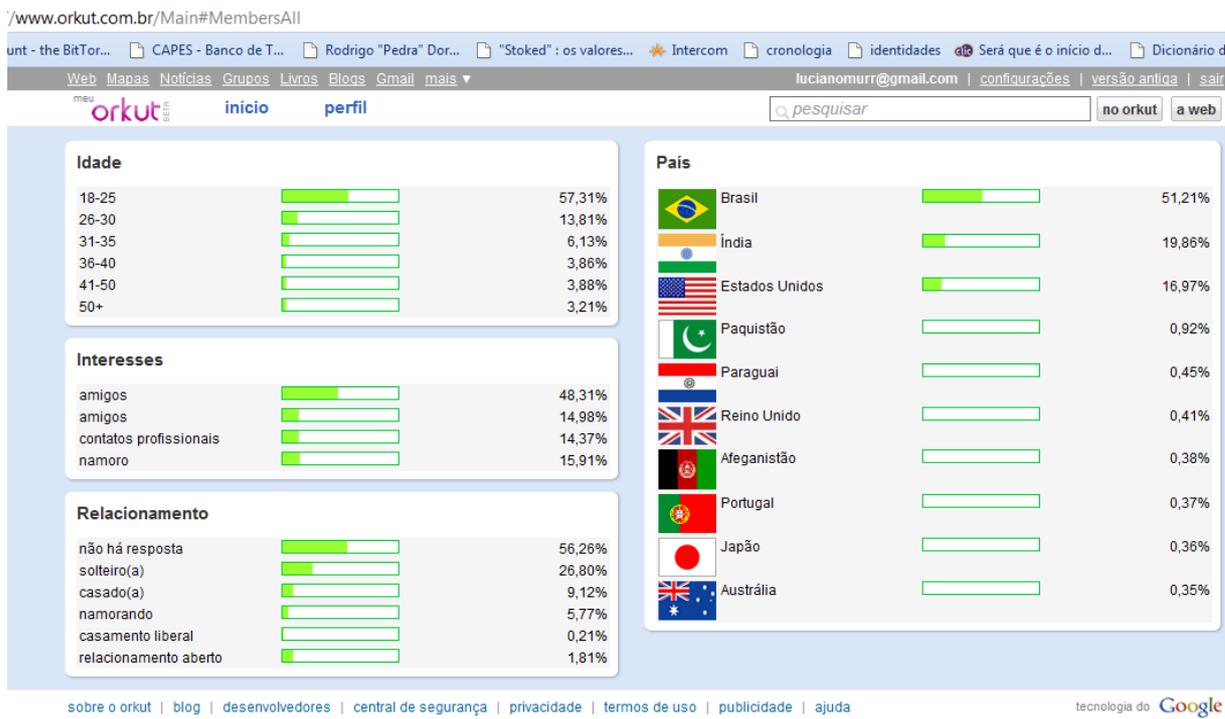
decidi aprofundar-me no assunto.

Com o problema de pesquisa definido, partiu-se, inicialmente, de uma análise das comunidades pré-selecionadas, através dos procedimentos metodológicos, assim como a análise dos perfis dos donos das comunidades e dos textos das mesmas, especificados no item 4.2.

Com isso pretendo caracterizar a cultura gaúcha desde seus costumes mais tradicionais até os dias atuais, vivendo nas metrópoles, mostrando quais costumes se mantêm firmes apesar de tantas mudanças no dia-a-dia e do acúmulo cada vez maior de tecnologias, facilidades e principalmente com a globalização.

*A posteriori*, caracterizar a cultura do surfe, desde seus primórdios no Havaí até a cultura globalizada e o gigante econômico e cultural que ela se tornou. Além disso, caracterizar sua entrada no Brasil, para especificar sua entrada na região sul, principalmente no estado de Santa Catarina e, por fim, sua entrada no Rio Grande do Sul. Mostrar como uma cultura tão antagônica à cultura local conseguiu se desenvolver tão maciçamente num estado tradicionalista e, de certa forma, fechado para influência de outras culturas.

Por fim, caracterizar a hibridização dessas culturas, anteriormente dissecadas através de dois métodos principais: entrevistas e pesquisas na web, mais especificamente nas comunidades do site de relacionamentos, Orkut, escolhido como mídia pelo grande número de brasileiros cadastrados e também pela faixa etária, condizente com o público-alvo da pesquisa como mostra a figura 1, retirada do Orkut Demográfico, que mostra os dados demográficos dos participantes da rede social, e as tabelas 1 e 2, sobre a figura abaixo. As tabelas demonstram que a quantidade de brasileiros jovens é suficiente para poder utilizar o Orkut como site de relacionamento da mídia especificada.



**Figura 1** – Print screen do Orkut Demográfico.

País	Percentual de Participação (%)
Brasil	51,21
Índia	19,85
Estados Unidos da América	16,97
Outros	11,97

**Tabela 1** – Distribuição demográfica dos integrantes do Orkut.

Idade	Percentual de Participação (%)
Até 30 anos	71,11
Acima de 30 anos	28,89

**Tabela 2** – Percentual de idade dos integrantes do Orkut.

## 2 CULTURA GAÚCHA

A cultura gaúcha é uma derivação de diversas culturas, entre as quais alguns povos que colonizaram o Rio Grande do Sul. Segundo Jacks (1999, p. 71)

no Rio Grande do Sul, cenário deste estudo, existem as duas situações: subculturas provenientes das correntes migratórias como a açoriana, alemã e italiana – que são as mais representativas – além da polonesa, russa, holandesa, japonesa, judia e negra; e a existência de uma subcultura que antecedeu essas, a *gaúcha*, que contém a simbologia usada para afirmar a sua identidade no confronto com as outras regiões brasileiras.

Além das referidas culturas, deve-se entender um pouco da história do Rio Grande do Sul para se compreender o porquê do gaúcho ser tão bairrista, mais que em outros estados brasileiros. Desde as batalhas em busca de um território próprio, passando pela agropecuária altamente desenvolvida no Estado, até os políticos modernos como Leonel Brizola e Olívio Dutra, o Rio Grande passa por esse processo de afirmação cultural.

A afirmação desta identidade faz destes um povo altamente reconhecido por manter seus costumes e tradições. Mesmo atualmente com o mundo cada vez mais globalizado, o gaúcho segue muito de suas tradições, vide a Semana Farroupilha, que dura mais do que somente a semana que antecede o feriado de 20 de Setembro, marco inicial da Revolução Farroupilha, gaúchos de diversas regiões do estado e até mesmo do país se reúnem no Parque da Harmonia, em Porto Alegre, para o Acampamento Farroupilha. O acampamento é a exaltação da cultura gaúcha em seu mais profundo âmago. Churrasco, chimarrão, todos pilchados (com roupas tradicionalistas) comemorando a data mais gaúcha do calendário.

A partir de referências como estas, chimarrão, churrasco e a música tradicionalista, a cultura gaúcha sobrevive com rara força nas terras de São Pedro, invadido pela cultura pop mundial, internet, televisão e todas outras influências que alteram a cultura regional clássica, fundamentada pelos pilares da cultura agropecuária do século XVIII e XIX. Além disso, existem algumas figuras ímpares que reforçam a força do gaúcho, como Olívio Dutra, Teixeira, etc.

## 2.1 HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

A história do Rio Grande do Sul é pautada em duas vertentes principais: suas tradições e suas guerras. Não há dúvidas de que o Estado é o mais batalhador e o que possui maior contato com suas raízes. Não se sabe a razão de tamanha ligação com suas origens, mas acredita-se que é devido, em muito, a sua história.

Segundo o Tratado de Tordesilhas, o Rio Grande do Sul pertencia à Espanha, o território português estendia-se até Santa Catarina, mais especificamente, até Laguna, porém os portugueses ansiavam por estender seu território até o Rio da Prata, onde, hoje, é a divisa entre o Brasil e o Uruguai. Para anexar o território pretendido, Portugal enviou Bandeirantes paulistas desbravarem o território, ampliando, também, a busca por escravos e riquezas que pudessem existir no território sulino. Com o avanço dos bandeirantes nos territórios jesuítas a oeste da margem do Rio Paraná, território onde, hoje, é o Paraguai, os padres espanhóis deslocaram-se até a região oeste do que hoje é o Rio Grande do Sul. Vale lembrar que este território já havia sido ocupado por missionários portugueses que fracassaram devido a falta de apoio do governo. Nas colônias, além da catequização dos índios, com fins de ocupação territorial, se produzia mate e se criava gado, dois produtos típicos da identidade do gaúcho. A região sul era, nesta época, uma região onde circulavam muitos produtos valiosos e/ou procurados. Com base nisso, o governo português ignora o Tratado de Tordesilhas e começa a invasão da região principalmente pelo litoral, fundando cidades como Rio Grande, saída para o Oceano Atlântico. Além disso, criaram a Colônia de Sacramento, próxima a Buenos Aires, local por onde eram escoados produtos como a prata, provinda de Potosí, além do couro bovino e do mate produzido na região. Devido ao potencial econômico do local, os ingleses também foram atraídos, forçando os portugueses a ocuparem militarmente seus territórios, evitando que a ocupação do estado fosse fracassada como anteriormente. Com a lucratividade da criação de gado dos espanhóis, os portugueses, que vendiam apenas o gado xucro<sup>2</sup>, começaram a cultivar o gado, e, com isso, nasceu os Sete Povos das Missões.

As reduções jesuíticas do século XVII marcaram um período muito forte no estado. Tinham o funcionamento parecido com o de uma cidade feudal. Os índios catequizados recebiam terras para poderem produzir, às quais dedicavam quatro dias da semana. Em dois dias trabalhavam nas terras comunitárias, que proviam o sustento dos padres jesuítas e

---

<sup>2</sup> Gado xucro – é o gado não domesticado.

produziam, também, para visando a exportação. Nas missões, que tinham

uma população entre 3500 e 7500 pessoas, que se dedicavam a produção de legumes, hortaliças, plantas medicinais e criação de gado (cerca de 6000 cabeças de gado por redução) além de galinhas, ovelhas e outras espécies. A alimentação tinha como base a mandioca, o milho, a batata, carne fresca e erva-mate. (VALER. 2000, p. 23)

A prosperidade da região jesuítica, liderada pelos padres, que tentaram criar um estado dentro do próprio estado, acabou por atrair a cobiça de espanhóis e portugueses que começaram a disputar a região. Com isso, o século XVIII acabou sendo recheado de diversos tratados que tinham a finalidade de uma resolução cordial entre as partes. Entretanto, esta cordialidade escondeu uma disputa intensa, baseada em guerras e destruição. Já no começo do século XIX, ao chegarem ao último dos tratados, o de Badajós, os sete povos já estavam destruídos e a prosperidade da região abalada.

O século XVIII, todavia, não foi marcado apenas pelos tratados e batalhas pelo domínio da região. Neste período, o país estava se recuperando da queda do ciclo do açúcar e dando início a uma nova cultura econômica: a mineração. Com o começo desta nova fase, a população deu início a uma migração para o interior das terras brasileiras. O estado sulino, apesar de não ser rico em pedras preciosas como os estados do sudeste, principalmente Minas Gerais, participa ativamente deste ciclo, tornando-se o grande provedor de carne, carne de sol e o charque, couro, força animal, principalmente muares (mulas) para trabalhar em algumas minas. Com o desenvolvimento da atividade econômica do estado e os viajantes percebendo que podiam aumentar seus lucros criando gado, deu-se início a um período de ocupação das terras do Rio Grande. O governo aumentou seus esforços para aumentar a população nas terras do sul enviando mais tropeiros e militares, dando a eles sesmarias, que eram extensões de 13 mil hectares de terra. Com isso, não apenas aumentaria a ocupação do estado, como também protegeria mais as missões.

Aqui, vale uma menção ao tropeiro:

A palavra tropeiro designava o “chefe de um grupo armado”, sendo o elemento que deu base para a formação do povo gaúcho. Acostumado à vida livre no campo e a preia do gado xucro, o gaúcho era normalmente visto como um elemento anti-social, pois não se adequava às normas da vida em sociedade, e por isso mesmo era perseguido. A origem do termo gaúcho estava intimamente ligado ao homem que

habitava os pampas e fazia suas próprias leis. Além da preia do gado no campo, o gaúcho também podia trabalhar nas fazendas como peão ou mesmo nas charqueadas, mas é certo que nunca se acostumou com esta vida social, preferindo a solidão do campo (VALER, 2000, p. 25).

Como é possível perceber, mesmo com tão pouco da história rio-grandense contada, é que as raízes do povo gaúcho surgiram desde o princípio do estado, estando vivas até hoje, se não mais tanto pelo peão de estância, pelas memórias que guardamos desta rica história. Mas, enfim, como diria o gaúcho “continuando a milonga”, em meados da década de 1750, inicia-se o período de colonização açoriana no sul. Inicialmente, os casais das Ilhas dos Açores deveriam ocupar a região das missões, cujos proprietários seriam os portugueses, segundo o Tratado de Madri, de 1750. Entretanto, os jesuítas espanhóis que ocupavam a região junto com os guaranis se recusaram a desocupar as terras dando início as guerras guaraníticas, entre 1754 e 1756. Em função das disputas no centro do estado, os açorianos acabaram ficando mais de vinte anos sem as terras e provisões que lhes fora prometido. Enfim, viram-se ocupando a região da Lagoa dos Patos fundando diversos povoados, incluindo Porto dos Casais, que virá a ser Porto Alegre.

Já os primeiros 35 anos do século XIX marcam o início de uma outra marca muito forte do gaúcho: a força política. Não pelo aparecimento de algum político ou revolucionário, mas porque é nestes anos que se dá a primeira baixa mais forte no estado. Em 1808 a coroa portuguesa desembarca no Brasil, fugindo das Guerras Napoleônicas. Em retaliação à Espanha, o governo central decide invadir a região do prata e anexar o território. Porém, os cisplatinos, apoiados pelos argentinos que visavam anexar o Rio Grande do Sul aos seus domínios, pelearam para recuperar o terreno perdido. A batalha, que iniciara em 1825, estende-se até 1828, quando os ingleses decidem intervir e é declarada a independência da República da Banda Oriental do Uruguai. Então, eis que o governo dá o primeiro golpe político no estado gaúcho, não apoiando a reestruturação do estado que, não havia perdido unicamente força populacional, como também perdera o fornecimento de gado proveniente do Uruguai. Não obstante, o estado também sofria com os impostos abusivos dos representantes governamentais sobre a terra e sobre os produtos sulinos, principalmente o charque, que pagava imposto não apenas pela carne, mas também pelo sal que paga altas taxas de importação. Com a concorrência desleal do charque platino as oligarquias do Rio Grande do Sul começaram a se organizar contra o governo central, buscando não somente autonomia, mas uma maior participação no processo decisório para ter um favorecimento do seu produto

em relação ao semelhante importado. Com isso, estava pronto o cenário da maior e mais marcante batalha do estado, a Revolução Farroupilha.

A Revolução Farroupilha não é uma simples luta pela separação do Rio Grande do Sul para a criação de um estado nacional, mas uma luta contra o abuso do poder central com impostos abusivos e a falta de retorno para repor as perdas das sucessivas batalhas e então proteger o estado. Assim, em 1835, dá-se início a esta batalha que durou dez anos e revelou alguns dos grandes ícones gaúchos, como Bento Gonçalves, Davi Canabarro e Giuseppe Garibaldi. Deveras, a batalha tinha como objetivo apenas as reivindicações dos estancieiros que tinham que disputar o mercado mineiro com o charque platino. Objetivo este que foi distorcido pelos farroupilhas, liderados por Bento Gonçalves, que a partir da vitória em Porto Alegre declararam independência, criando a República do Piratini. Com esta atitude, os farroupilhas acabaram perdendo muito apoio, já que a maioria dos estancieiros não desejava a independência e sim apenas as reivindicações do princípio do movimento. Ainda assim, os farroupilhas conseguiram suportar a batalha em igualdade com o exército imperial por sete anos. Porém, a partir de 1843, liderado pelo gaúcho Duque de Caxias, o exército imperial combate os revolucionários com as mesmas técnicas de guerrilha, pondo fim ao período de batalhas, propondo aos derrotados separatistas um honroso tratado de paz chamado de *A Paz do Poncho Verde*, em que os farroupilhas conseguiam todas suas reivindicações. Era interessante para o império ter os gaúchos ao seu lado, já que o estado sempre defendeu o território nacional, e os sulinos ainda lutariam a favor do império na Argentina e no Uruguai.

Com a paz restabelecida, o governo central decidiu aumentar o povoamento nas terras do sul através da imigração européia. Com isso o governo esperava aumentar a colonização do estado, garantindo sua propriedade, e, também, objetivava diminuir o poder dos fazendeiros, que possuíam todo o poder político do estado. Assim, aproveitando-se da crise que rondava a Europa devido a II Revolução Industrial, a mecanização do campo e os problemas populacionais, o governo apoiou a imigração para as terras rio-grandenses visando que mais povos ocupassem o estado. A primeira onda imigratória européia foi dos alemães que ocuparam principalmente o Vale dos Sinos, criando algumas das principais cidades da grande Porto Alegre, como Novo Hamburgo e São Leopoldo, além de outras diversas cidades da região. A outra grande onda imigratória foi do povo italiano, que veio para o Brasil a partir de 1870, em busca das promessas enganosas do governo italiano. Com a certeza de que chegariam ao país com apoio para a aquisição de terras e subsistência nos períodos iniciais os italianos encontraram um estado em que as principais áreas já estavam colonizadas e viram-se totalmente sem apoio. Com isso, dirigiram-se para a região serrana onde tiveram que começar

suas vidas do nada. Assim como os alemães, suas atividades iniciais baseavam-se na agricultura com fins de sobrevivência, no entanto, seu desenvolvimento próspero fez com que eles pudessem ampliar suas plantações, visando o lucro. Não obstante, foram os italianos que trouxeram para o estado a uva para a produção de vinho, o que ajudou a região a se desenvolver, tornando-se, hoje, uma das mais prósperas do estado. Houve também outros povos que colonizaram o Rio Grande do Sul, não com a mesma intensidade dos alemães e italianos, mas que foram marcantes como os poloneses e os judeus que chegaram ao estado no final do século XIX, início do século XX. Os segundos, inclusive, tiveram uma imigração mais intensa principalmente após o início da II Guerra Mundial, devido a perseguição nazista ao seu povo.

Antes, porém, desta fase da imigração o país passa por intensas transformações políticas, a começar pela proclamação da república, em 1889. No Rio Grande do Sul as transformações não eram menos intensas. Em 1870, foi fundado o Partido Liberal, formado basicamente de pecuaristas conservadores e liderado por Gaspar Silveira Martins, o partido apoiava fortemente os cafeeiros do centro do país. Este apoio é facilmente justificável considerando-se que os cafeeiros tinham como mão-de-obra base escravos e, portanto, necessitavam da produção de carne de charque gaúcha. Em 1882, é fundado o Partido Republicano Riograndense (PRR), que tinha como base a ala mais jovem do partido rival e,

se comparado ao Partido Liberal, o novo partido realizou um alargamento social da sua base política. Preocupou-se em incorporar setores do colonato italiano e cooptar aqueles elementos egressos do complexo colonial que enriqueceram: comerciantes e industriais (PESAVENTO, 1984. p. 66) .

Com esse diferencial social, e um amplo apoio no estado, incluindo o exército, o PRR logo se sobrepôs ao partido adversário durante a implantação da república. Liderados no Congresso Nacional por Pinheiro Machado, o partido defendeu ferrenhamente o estado gaúcho. De força política incontestável, Machado controlava boa parte do Congresso “a ponto de se falar em bancada Pinheirista, com a qual barganhava politicamente” (Valer, 2000, p. 31) apoio político ao seu estado forçando, inclusive, uma união entre Minas Gerais e São Paulo para diminuir seu poder político.

Com um começo de período republicano conturbado no cenário político do estado, vide que o Rio Grande do Sul teve 17 governadores entre 1889 e 1893. Em 1891, o positivista

Júlio de Castilhos é eleito presidente do estado (título equivalente ao de governador do estado). Adepto de um modelo governista centralizador, o positivista líder do PRR dá “um contorno totalmente centralizador a Constituição Gaúcha de 1891” (Valer, 2000, p. 31) tornando viável a reeleição com  $\frac{3}{4}$  (três quartos) dos votos, algo que só era possível graças ao voto aberto, que originou o voto de cabresto. Ao ser concluída a nova constituinte, a oposição, liderada por Joca Tavares, derruba todos os prefeitos apoiados por Júlio, além do próprio presidente do estado. Porém, em 1892, apoiado pelo exército Júlio de Castilhos dá outro golpe recuperando o governo estadual. Ao ser reeleito, “o Rio Grande do Sul foi invadido por tropas federalistas. Tendo como líder político Gaspar Silveira Martins e militar Joca Tavares as tropas rebeldes” (Valer, 2000, p. 31-32) açoitaram o estado dando início à Revolução Federalista, que também ficou conhecida como a Revolta da “Degola”, devido à forma como os massacres eram executados, já que raramente eram feitos prisioneiros. Essa guerra civil que durou mais de dois anos, com um saldo de mais de 12 mil mortos, teve como vitoriosos os pica-paus, como eram conhecidos os apoiadores de Júlio de Castilhos, que tiveram novamente o apoio do exército. Já os maragatos, que eram liderados por Gaspar Martins, tiveram que se contentar com um tratado de paz em que seus exilados tinham direito de retornar ao estado. Com esta vitória, o governo do PRR se consolidou ainda mais, já que a oposição, apesar de livre, estava desarticulada. Um fato curioso em relação ao período é a consolidação da imprensa gaúcha. Utilizada para manipular os leitores a imprensa foi assim utilizada até a criação do Correio do Povo, em 1895, por Caldas Júnior, que, apesar de federalista, trazia em seu jornal a imparcialidade fundamental do jornalismo.

Em 1898, aos 38 anos, Júlio de Castilhos deixa o governo, dando espaço ao seu sucessor, Borges de Medeiros, que governou o estado por 30 anos, dando ao PRR mais de 40 anos de governo. Durante seu governo o estado consolidou-se como “celeiro” do país graças ao seu desenvolvimento, agrícola e industrial, e também com a I Guerra Mundial, que importava alimentos produzidos pelo estado. Não obstante, fora Borges de Medeiros o criador das faculdades de medicina e de agronomia, que viriam a unir-se criando, assim, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com uma política de conciliação, Borges conseguiu governar, até 1922 com relativa tranquilidade, enfrentando poucos incidentes. Porém, com o período entre guerras as importações caíram e muitos pecuaristas entraram em crise e foram pedir ajuda a Borges, que não correspondeu ao pedido de socorro dos produtores. Tais acontecimentos aliados ao fato de o candidato a presidência nacional apoiado por Borges ter sido derrotado pela oposição, que era apoiada por Assis Brasil, fortalece o Partido Liberal no estado gaúcho. Com as eleições de 1922 fraudadas pela

situação, a oposição lidera uma revolta contra o governo, mesmo sabendo da disparidade militar, já que Medeiros era apoiado pelo exército e pela Brigada Militar.

De um lado ficaram os que apoiavam a situação, chamados de chimangos, e os que se revoltaram receberam o apelido de maragatos, herdeiros políticos da Revolução Federalista de 1833. Os maragatos eram liderados pelo advogado Joaquim Francisco de Assis Brasil... [que fora] candidato nas eleições de 1922 contra Borges de Medeiros (VALER, 2000, p. 33)

Durante este conflito destacaram-se várias figuras, entre elas estavam o futuro presidente da república, Getúlio Vargas, defensor da causa dos chimangos. Esta guerra que durou quase um ano terminou com a assinatura de um tratado de paz e a certeza de que Borges de Medeiros deixaria o governo após seu mandato. E, em 1928, muda o nome do governo, mas não o partido. Getúlio Vargas, hábil político, assume a presidência estadual, apoiando todos os setores poderosos do estado, incluindo-se aí os pecuaristas que haviam sido abandonados por Medeiros. Foi Vargas, também conhecido como *Pai dos Pobres*, quem criou o Banco do Estado do Rio Grande do Sul (BANRISUL), para aliviar a crise causada pela quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929. Getúlio também articulou politicamente os partidos gaúchos formando a Frente Única Riograndense, em 1928, que tinha projeção nacional, contando com o apoio de Minas Gerais, Paraíba e do Partido Democrático de São Paulo, formado por camadas médias e apoio militar. Assim sendo, concorreu a presidência junto com João Pessoa de vice. Derrotados por Washington Luis, em 03 de outubro de 1930 uma revolução depôs o presidente eleito colocando Vargas em seu posto.

A partir deste momento, os oligarcas gaúchos acreditavam que teriam diversas regalias com o governo federal, todas as facilidades que lhes fora negada durante os 40 anos de república. No entanto, o governo getulista não agiu da forma que os grandes pecuaristas acreditavam que aconteceria, o que fez com que inimigos da revolução de 1923, como Assis Brasil e Borges de Medeiros, se unissem e, junto com o movimento revolucionário paulista, levassem a cabo a Revolução Constitucionalista, em 1932. Flores da Cunha, que se utilizando da força do exército e da Brigada Militar, apaziguou os ânimos dos revolucionários gaúchos, aproveitou para formar um novo partido político, o Partido Republicano Liberal (PRL) “no qual reuniu os dissidentes daqueles dois partidos, comandantes dos corpos provisórios da milícia estadual e prefeitos municipais” (Valer, 2000, p. 34) para no início do governo provisório de Vargas eleger-se governador do estado. Passados incidentes como o da

intentona comunista em 1935, o PRL sofre com problemas internos que levam Flores da Cunha a desentender-se com Getúlio Vargas. Assim, quando Vargas, através de um golpe militar, impõe o Estado Novo, em 1937, Flores da Cunha renuncia ao cargo, assumindo, em seu lugar, Daltro Filho.

Um adendo a esta época, é que no período inicial da II Guerra Mundial, o crescimento do fascismo no Rio Grande do Sul é visível. Com o estado fortemente colonizado por alemães e italianos, que segundo Valer (2000) correspondia a quase 50% da população total, o fascismo rapidamente começou a espalhar-se pelo território. Empresários como Alberto Bins, do Correio do Povo, e A. J. Renner. Entre os antinazistas gaúchos estava Osvaldo Aranha e o presidente da república, Getúlio Vargas, este último existe uma controvérsia. Com a entrada brasileira na segunda grande guerra, o estado recebeu ordens punitivas para quem se utilizasse das línguas estrangeiras fascistas, além de proibir tudo que fosse ligado aos regimes fascistas.

Nesta época surgiu o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), oriundo da criação do 35 CTG, fundado em 1948. Organizado administrativamente homenageando as tradições gaúchas

segundo a estrutura hierárquica de uma estância (a época da Revolução Farroupilha): o presidente foi chamado de “patrão”; o vice-presidente de “capataz”; o secretário de “sota-capataz”; o tesoureiro de “agregado” e os diretores de departamentos de “posteiros”. Os conselhos consultivos e deliberativos foram denominados “conselho de vaqueanos”, e os departamentos, de “invernadas”. (JACKS, 1999, p. 74)

De acordo com a pesquisadora, existem dois fatores de suma importância para a criação dos CTGs: o Estado Novo getulista, que atrasou o estado economicamente, acabou com a autonomia política estadual e tentou acabar com os regionalismos, extinguindo bandeiras, acabando com hinos, além de quaisquer outros símbolos que remetesse ao estado. O outro fator seria a americanização que estava em andamento, com a grande promoção dos produtos hollywoodianos que entravam no Brasil e que viria a acabar com as diferenciações regionais. Portanto, o MTG surgiu como uma contracultura que se desenhava no país no período. Contudo, este movimento acabou por estagnar-se, fazendo com que surgisse outro, também defendendo as tradições do Rio Grande, porém, mais atualizado. Assim surgiu o Movimento Nativista, também conhecido por Nativismo.

Com início na década de 1970, principalmente a partir do festival musical *Califórnia da Canção Nativa*, de 1971, e, assim como o MTG, Jacks (1999) afirma que o Nativismo

também surgiu contra dois fatores cruciais. O primeiro foi a estagnação do MTG depois de quase trinta anos de hegemonia cultural no sul. O segundo fator era a massificação da Rede Globo que, com sua abrangência nacional, ditava os costumes regionais. O movimento nativista tem como princípio a ruptura de alguns valores essenciais do movimento tradicionalista. Na música a inserção de novos ritmos e instrumentos e na questão cultural o “questionamento de alguns valores da tradição regional, o uso não ortodoxo da indumentária gauchesca, etc.” (Jacks, 1999, p. 183). Jacks ainda afirma que o nativismo incorporou aos seus seguidores, além dos dissidentes do MTG, o segmento jovem da população, também trazendo as tradições do campo para a cidade, como a incorporação do chimarrão e de roupas típicas. A preocupação do povo rio-grandense, segundo Jacks (1999), desde a segunda metade do século XIX já é demonstrada através de movimentos criados em busca de manter a identidade regional tradicional do gaúcho, que sempre foi estreitamente ligada ao fator econômico predominante da região.

Com o fim da II Guerra Mundial veio também o fim da Era Vargas, que ainda seria eleito presidente em 51 por voto direto. Este período de redemocratização teve em dois partidos políticos sua maior representatividade. Um era o Partido Social Democrático (PSD) e o outro era o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Estes partidos dominaram o governo estadual revezando-se no poder, e, justamente neste período, surgiu uma figura deveras importante para os gaúchos, Leonel Brizola, de quem se falará mais adiante. Diversas obras foram desenvolvidas no estado durante este período, como a criação da CEEE, com fins de evitar o êxodo rural levando luz ao campo, o “I Plano de Obras” que, de acordo com Valer (2000), tinha como prioridade utilizar recursos públicos e privados evitando a descapitalização que estava em andamento no estado, além de estatizações e outras diversas ações. O último governador eleito foi Ildo Meneghetti, em 62. Ildo apoiou o golpe militar de 1964, permanecendo no governo estadual após o início da ditadura, e com isso, viu-se obrigado a trocar o local da capital, provisoriamente, pois Porto Alegre resistiu ao golpe, sendo a resistência articulada principalmente pelo prefeito Sereno Chalse do PTB. Assim, Passo Fundo foi capital do estado por três dias.

A partir do golpe militar de 1964, o Rio Grande do Sul, assim como todo o país, começa a sofrer intensamente com o governo federal. O estado, inclusive, tem participação ímpar nas transformações ocorridas durante a época, vide que três militares

gaúchos do alto escalão do Exército Brasileiro chegarão à presidência da república neste período de nossa história: o marechal Artur da Costa e Silva (67-69), o general Emílio Garrastazu Médici (69-74) e o general Ernesto Geisel (74-79) (Valer, 2000, p. 36) .

Além disso, o estado teve grande participação na luta contra a ditadura militar, e destacou-se o nome de Leonel de Moura Brizola, que merece um destaque maior aqui. Brizola, nascido em Carazinho, no Rio de Janeiro, em 22 de janeiro de 1922, cunhado de João Goulart, entrou para a política como prefeito de Porto Alegre, mais tarde elegendo-se governador do estado em 1969. Esquerdista nato, Brizola implementou diversas políticas que defendiam a economia nacional, como a CEEE (Companhia Estadual de energia Elétrica) e a CRT (Companhia Riograndense de Telecomunicações), causando, inclusive, um atrito com os Estados Unidos da América que deixaram de investir capital no estado. Além disso, politicamente destacou-se por encabeçar a bem-sucedida Campanha da Legalidade, que lutou para que João Goulart assumisse a presidência nacional após a renúncia de Jânio Quadros. Com o golpe militar de 1964 refugiou-se no Uruguai, onde possuía uma fazenda, voltando para o Brasil apenas após a Lei da Anistia, quando então foi eleito deputado federal pelo estado da Guanabara (Rio de Janeiro), e depois governador do mesmo estado. Tentou de diversas maneiras implementar um sistema educacional que acabasse com o analfabetismo e também tentou implementar a reforma agrária. Leonel Brizola morreu em 2004, aos 82 anos “deixando uma imensa herança política e ideológica” (Valer, 2000, p. 36).

De maneira geral, o que aconteceu no estado foi basicamente o que ocorreu também no resto do país. Duras sanções políticas e para a imprensa, perseguição a todos que se destacassem na luta pela liberdade, ou que defendesse interesses diferentes dos militares. E, em contraponto, crescimento econômico e industrial com apoio irrestrito dos norte-americanos. No Rio Grande do Sul, pode-se destacar o crescimento da região norte do estado, região mais desenvolvida industrialmente e o declínio da região sul onde se encontravam as grandes propriedades pecuaristas que outrora fora o ponto alto do desenvolvimento econômico gaúcho.

Com o fim do golpe militar, os gaúchos saem fortes politicamente, apesar da grande presença gaúcha no governo ditatorial. No Rio Grande do Sul, Pedro Simon, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que se destacara fortemente pelo combate a ditadura, foi o primeiro governador do período da Nova República. Antes dele, Jair Soares, do PDS, fora eleito por voto direto, com uma diferença de apenas 0,6% para Pedro Simon, porém os

militares ainda estavam governando e a eleição foi marcada por diversas denúncias de fraude. Após Simon, Alceu Collares, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), assume o governo do estado. Notadamente, este foi um dos governos mais conturbados e que trouxe um déficit para a educação gaúcha. O governo Collares sofreu muito com as greves dos professores contra os CIEPS, também conhecidos como *brizolões*, que eram um projeto educacional de turno integral para alunos da rede pública de ensino, e contra o Calendário Rotativo, com três calendários de anos letivos que se revezavam. Depois de Collares o PDT perdeu muita força no Rio Grande, não conseguindo eleger outro candidato à prefeitura de Porto Alegre e nem ao governo do estado. Antônio Brito foi seu sucessor. Peemedebista, Brito foi o primeiro governador neoliberal, abrindo o estado para o capital estrangeiro, como as montadoras de carros GM e a FORD, privatização de empresas estatais como CEEE e CRT, além de acabar com a Caixa Econômica Estadual, unindo-a com o Banrisul. Aproveitando-se destes vieses, Olívio Dutra alcançou o poder estadual. Figura que se destacou ainda no período da ditadura militar, durante a greve dos bancários, no governo de Amaral de Souza, da ARENA – partido político dos militares -, Olívio Dutra se destacou não apenas pela sua força política, mas também em muito pela sua identificação com as tradições do Rio Grande do Sul. Com seu estilo gaúcho, de bigode e em suas aparições públicas sempre com algum símbolo tradicional gaúcho, pilcha e/ou chimarrão, Olívio teve em sua campanha o apelo ao povo do campo e ao orgulho das tradições gaúchas. Em seu governo, com uma política visivelmente oposta a de seu antecessor, Olívio implantou um governo de apoio aos pequenos e médios proprietários, realizando a Reforma Agrária e implementando o Orçamento Participativo, altamente bem sucedido na capital. Durante seu governo o PIB<sup>3</sup> gaúcho cresceu 11,8%, quase o dobro do PIB nacional. Mesmo com todo o desenvolvimento do estado, sua política de revisão dos contratos das montadoras de carros, e neste ponto a perda da montadora FORD para a Bahia, e as invasões de terra do MST<sup>4</sup>, o enfraqueceram politicamente. Com isso, Germano Rigotto assumiu o governo do estado, tendo em sua campanha, uma política de não agressão, deixando Olívio Dutra e Antônio Brito se digladiarem, e apelando para a união dos gaúchos em um slogan que dizia “*Segue teu coração!*”. O Governo de Rigotto foi tranquilo, sem escândalos ou grandes problemas políticos, o que lhe garantiu uma vitória tranquila nas pesquisas eleitorais. Contando com isso, o eleitorado anti-petista gaúcho votou em massa na candidata Yeda Crusius deixando, surpreendentemente, Rigotto em terceiro lugar e fora do segundo turno, vencido pela candidata Yeda, que se tornou a primeira mulher a governar o

---

<sup>3</sup> PIB – Produto Interno Bruto

<sup>4</sup> MST – Movimento dos Sem-Terra

estado. Contudo, seu governo está sendo recheado de escândalos políticos desde antes dela assumir o cargo, devido às suas alianças políticas mal articuladas e também sua forma pouco política de governar.

## 2.2 SÍMBOLOS TRADICIONAIS DO GAÚCHO

O gaúcho é reconhecido por sua ligação com as tradições e com as raízes do estado. Seus símbolos tradicionais são uma expressão da sua identidade com as suas origens. Desde a pilcha que é sua vestimenta tradicional, passando pela música até o churrasco e o chimarrão, sem esquecer-se do sotaque e modo de falar tradicional, o gaúcho é facilmente reconhecido ao sair do estado. Busca, aonde quer que vá, levar consigo as lembranças do Rio Grande para os seus momentos de nostalgia. De acordo com Jacks (1999, p. 196),

três noções sintetizam os traços culturais percebidos como essenciais a identidade regional entre os componentes do grupo, como já foi mencionado. Trata-se da expressiva identificação com o “território”, onde a vida rural traduz o traço mais essencial; da percepção de um modo de ser diferenciado caracterizado por uma superioridade de caráter, a “distinção”, e do culto da “tradição” que foi forjada na constituição do Estado (história, economia, política, cultura, etc.).

Estes traços relevados por Nilda Jacks são facilmente percebidos no gaúcho, que tem grande apreço pela sua terra, ou seja, tem absoluta identificação com seu território levando-o consigo, a todos os lugares que for, através de suas lembranças como o chimarrão e o churrasco. O caráter, o culto a tradição gaúcha existente desde os primórdios da criação da cultura regional gaúcha.

Os elementos que mais facilmente definem o gaúcho, sem dúvida, são o chimarrão e o churrasco, contudo, não são os únicos pelo contrário, segundo Nilda Jacks (1999, p. 254)

há muitos outros elementos da cultura gaúcha que atravessam grupos sociais diferenciados, como o gosto pela música tradicional, o hábito de comer churrasco, o culto às tradições, mas a síntese deste fenômeno foi melhor captada através dos três traços identificados como definidores da relação com a identidade regional: *tradição, distinção e territorialidade*.

Ainda assim, analisando todos os traços culturais já exemplificados, e quaisquer outros traços a serem analisados nos gaúchos, sabe-se que

*Distinção e tradição* impregnadas de uma *terrorialidade*, os traços levantados a partir da percepção e autopercepção de todos os elementos [...] mostram que são fatores transclassistas, forjados e alimentados por um conjunto de acontecimentos, agentes e instituições que se definem por oposição ao resto do País (JACKS, 1999, p. 255)

Como já se pôde observar na análise da história do Rio Grande do Sul, e todas suas batalhas contra opressão, injustiça ou mesmo apenas buscando que o seu interesse fosse prioridade.

Nilda Jacks em seu livro *Querência – Cultura Regional como Mediação Simbólica* aproveita para fazer uma apresentação daqueles que são os principais símbolos do estado, a pilcha, a música, o churrasco e o chimarrão.

### 2.2.1 Pilcha

A pilcha é a vestimenta tradicional do gaúcho, desde os pés com as alpargatas e as botas, utilizadas originalmente para as lides do campo, esta indumentária típica fixou-se como símbolo tradicional gaúcho, sendo inclusive utilizada por algumas pessoas como roupa diária

usada para qualquer atividade também nos núcleos urbanos. Hoje, esse fato é normalmente aceito pela população das cidades maiores, que vê com naturalidade a presença de homens “pilchados” circulando pelas ruas, o que, há alguns anos, era motivo de chacota. A nova postura é resultado do Movimento Nativista desencadeado nos anos 70 e apoiado pelos MCM<sup>5</sup> a partir dos 80, os quais serviram para legitimar certos traços da cultura regional. (JACKS, 1999, p. 90)

Ainda segundo a pesquisadora, a pilcha é o traje, originalmente usado para “festas, fins-de-semana, viagens e para visitas a Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), onde o uso é

---

<sup>5</sup> MCM – Meios de Comunicação de Massa

obrigatório” (JACKS, 1999, p. 90). Este símbolo é tão marcante para os gaúchos que foi aprovado “pelo Poder Legislativo para uso em cerimônias oficiais”.

A pilcha, nas pesquisas, foi lembrada por 30% dos entrevistados como símbolo tradicional mais marcante dos gaúchos. A vestimenta tradicional, contudo, foi lembrada por apenas um entrevistado como item que o acompanha em suas viagens para fora do Rio Grande do Sul.

### 2.2.2 Música

Segundo Jacks (1999), a música tradicionalista possui um apelo mais diferenciado dependendo do estrato social do ouvinte. Para ela, de acordo com suas pesquisas, a música gauchesca é cotidiana para a população mais pobre e também na zona rural, enquanto para as camadas mais abastadas costumam ouvir a música regional em “ocasiões específicas, como em churrascos ou festas de cunho gauchesco” (Jacks, 1999, p. 91). Ainda de acordo com Nilda Jacks (1999, p. 91), os sete temas que mais se destacam são: “o gaúcho, a relação homem-mulher, o caráter existencial, costumes regionais, guerras, relação campo-cidade e justiça social”.

Este tema abre um leque de opções. Inicialmente, a música tradicionalista possuía seu estilo clássico, ritmo marcado, um tanto lento. Porém, como qualquer estilo musical a música evoluiu criando-se novos ritmos, ainda cunhado baseando-se naquilo que se considera tradicionalista. Com o advento dos MCM passaram a “vender” mais a cultura gaúcha, criou-se um “ritmo popular” da música tradicional, que ficou conhecido como *Tchê Music*. Com uma “levada” mais rítmica, a *Tchê Music* invadiu o país levando a canção gaúcha para o Brasil. No entanto, essa adaptação visando uma maior comercialização da música gaúcha não foi aceita pelos tradicionalistas criando uma rixa entre os músicos novos e os Tradicionalistas. As bandas que se renderam à popularização do ritmo tradicional passaram a “se vender” cada vez mais ao mercado, abolindo também as vestimentas tradicionais e os temas mais comuns, perdendo a alma tradicional e também a profundidade das letras. Estes músicos foram proibidos de tocar em CTGs, já que eles estavam rompendo com os princípios básicos dos centros. Hoje em dia, há uma tendência à volta do tradicional. Algumas bandas tradicionalistas, como a banda *Tchê Barbaridade*, que passaram a tocar a *Tchê Music* estão voltando a incorporar às suas raízes, não completamente, mas deixando de ser um estilo

totalmente avesso as tradições rio-grandenses, por exemplo, voltando a usar a pilcha gaúcha em suas apresentações.

Nas pesquisas realizadas a música tradicionalista gaúcha foi lembrada por 30% dos entrevistados como símbolo rio-grandense. E faz parte do repertório de 15% dos viajantes fora do estado.

### 2.2.3 Churrasco

O churrasco é um dos mais tradicionais símbolos do gaúcho, porém este prato típico tem ganhado cada vez mais espaço no resto do país, sendo apreciado em praticamente todos os outros estados. Com sua origem na época dos grandes pecuaristas,

este costume alimentar está historicamente vinculado à primeira atividade econômica da região, pois a pecuária, por muito tempo, foi a base da economia gaúcha até a chegada dos imigrantes alemães e italianos (meados do século XIX), que vieram para desenvolver a agricultura (JACKS, 1999, p. 89).

De acordo com a pesquisadora, este tradicional prato, muito apreciado em ocasiões especiais e finais de semana é preparado de maneira parecida em todos os lugares, sendo o tempero da carne basicamente o sal grosso. Tradicionalmente, e em CTGs é bastante utilizada esta técnica, o churrasco é preparado em fogo de chão, em espetos de madeira e apenas temperado com o sal grosso. O churrasco é tão tradicional que nas cidades quase todos os edifícios novos são equipados com uma churrasqueira em cada apartamento. Até fora do estado, principalmente onde há bastante população originária do estado mais meridional do país, alguns apartamentos e casas possuem churrasqueiras individuais.

Este item foi, inclusive, o segundo mais lembrado pelos pesquisados nas suas viagens. Foi lembrado por 50% dos entrevistados como o item, ou um dos itens, mais característicos do gaúcho, e foi lembrado por quase 30% como item típico levado em suas viagens para fora do estado gaúcho.

## 2.2.4 Chimarrão

Esta bebida quente preparada com erva mate é a bebida típica do gaúcho. Para o seu preparo é necessário uma cuia, normalmente feita de porongo, uma bomba, o modelo mais tradicional é de prata e ouro, garrafa térmica, utensílio mais moderno que substitui a chaleira mantendo a água aquecida, erva mate e água. Para carregar o chimarrão

em viagens, por exemplo, o mercado de produtos gauchescos apresentou uma espécie de “kit chimarrão”, embalagem de couro ou madeira, na qual são colocadas a cuia e a garrafa térmica (substituto moderno da chaleira) em um dispositivo que as mantém fixas. São muito comuns “rodas de chimarrão” em praças, congressos, cursos, assembléias, encontros acadêmicos, excursões, etc. (JACKS, 1999, p. 89)

Antigamente, o chimarrão era tomado pelo fazendeiro junto com os peões em uma “roda” em que eram contados os “causos” e assuntos do dia-a-dia. Com isso o chimarrão passou a ter um cunho social importante na época, e ficou conhecido como uma prática social do gaúcho. Jacks (1999, p. 89) diz que

simbolicamente, o chimarrão traduz uma prática democrática, associativa e fraternal, pois na sua origem indígena guarani, segundo Barbosa Lessa<sup>6</sup>, era uma espécie de “cachimbo da paz”, e quando foi assimilado pelos brancos, nas estâncias, começou a ser compartilhado por patrões e peões [...] irmanados pela tradição gaúcha

Até hoje, “em boa parte das famílias gaúchas, o chimarrão é tomado diariamente” (JACKS, 1999, p. 88). É tão tradicional no estado que em ambientes de trabalho, em que é permitido, como analisou Nilda Jacks (1999), é comum observar-se o chimarrão sendo passado de mão em mão substituindo o tradicional cafezinho. O chimarrão trás à tona o gaúcho campeiro, guardado na memória, que está arraigada em nossas raízes, através dos contos, tradições e cultura passada de geração em geração. Jacks utiliza-se de Martin-Barbero,

---

<sup>6</sup> LESSA, Barbosa *apud*, JACKS, Nilda. *História do Chimarrão*. Porto Alegre: Sulina, 1986, p.59

no es la memoria que podemos usar sino aquella otra de la que estamos hecho. Y que no tiene nada que ver con la nostalgia, pues su “función” em la vida de una colctividad no es hablar del pasado, sino dar continuidad al proceso de construcción permanente de la identidad colectiva. (JACKS *apud* MARTIN-BARBERO. 1999, p. 65)

Nas pesquisas, o chimarrão foi, de longe, o símbolo gaúcho mais lembrado com 85% dos entrevistados apontando-o como o mais marcante símbolo tradicional gaúcho. Além disso, 71% dos participantes afirmou levar o chimarrão para suas viagens para fora do estado.

### 3 CULTURA DO SURFE

O surfe não tem seu início histórico preciso. Sabe-se, que foi “descoberto” por um navegador inglês em havaiana no século XVIII. A partir desse momento, começou uma longa jornada até tornar-se um dos esportes mais praticados no mundo. Até a volta do crescimento do surfe a partir das exposições de Duke Paoa Kahanamoku no início do século XX, o surf sobrevivia dos “reis” que o praticavam. Já a partir deste momento, com essa divulgação, o esporte começou a crescer até se tornar o gigante da economia e cultura que é atualmente.

A cultura do surfe atual não envolve apenas a prática do esporte em si. Hoje em dia, o surf trás consigo diversas modalidades. Dentro do próprio surf existe o *bodyboard*, *longboard*, o *tow-in*. Fora do surf, quando o mar está *flat*<sup>7</sup> – na gíria do surf, *flat* é o mar sem ondas – o surfista pega seu skate e vai andar, normalmente descendo ladeiras e imitando os movimentos do similar aquático. Ademais, as divisões já citadas de modalidades de surf, existem duas que são muito antigas e desde sempre geram certa rivalidade: entre os surfistas e os *big riders*. *Big riders* é uma expressão que serve para classificar aqueles que têm prazer em surfar ondas gigantes. Esta modalidade envolve a prática do esporte quando entra um grande *swell*<sup>8</sup> – *swell* é a ondulação que vem do oceano e trás as ondas, dependendo da sua força as ondas podem variar desde *flat* até ondas maiores que 60 pés, ou seja, maiores que 20 metros. Existem alguns pontos em que a costa “suporta” esse *swell* produzindo, então, ondas gigantes e surfáveis (Documentário *Riding Giants*). O primeiro lugar em que começou a se surfar ondas desse porte é o Havaí, na ilha *North Shore*<sup>9</sup>, que significa Costa Norte. Porém a grandeza desse pequeno arquipélago ficou apagada quando se descobriu *Mavericks* na costa da Califórnia, Estados Unidos. *Mavericks* só teve sua fama abalada por *Jaws*<sup>10</sup> – que significa mandíbula, mas também muito associado ao filme *Jaws*, em português

<sup>7</sup> *Flat* – substantivo feminino. superfície plana, horizontal, nivelada, achatada; adjetivo. Liso, plano, raso, nivelado, horizontal.

<sup>8</sup> *Swell* – substantivo. Aumento, incremento; verbo. Crescer, inchar.

<sup>9</sup> *North Shore* – Litoral norte da ilha de Oahu, no Havaí.

<sup>10</sup> *Jaws* – substantivo feminino. Maxila, queixada, mandíbula; substantivo masculino. Queixo. Para o surfe, *Jaws* é um pico de surfe, cujo nome original é Peahi.

traduzido como Tubarão -, nome do pico<sup>11</sup> em alusão à força da onda ao dar um caldo no surfista.

Todos os estilos do surfe tiveram origem ou nas ilhas do pacífico, como a Indonésia, ou nas ilhas havaianas, mais conhecidas mundialmente. Destes paraísos para o esporte, vem toda cultura importada para o país. Desde suas pranchas nos mais diversos formatos e cores, até suas roupas e modos de vestir, toda cultura do surfe veio importada.

Podemos observar de forma muito nítida como esta cultura se enraizou no segmento brasileiro, hibridizando e criando a sua versão tupiniquim<sup>12</sup>. Porém deve-se tratar das peculiaridades uma a uma para efeitos de comparação.

### 3.1 ESTILOS DE SURFE

Para se compreender a cultura do surfe, deve-se poder distinguir as modalidades existentes dentro dele, assim como suas peculiaridades. O surfe se distingue basicamente em três modalidades: *longboard*, *shortboard* e *tow-in* (este último estilo será tratado por big rider).

#### 3.1.1 Longboard

O longboard é uma prancha grande, para quem gosta do estilo clássico de surfar. Os primeiros passos do surfe foram dados com essas pranchas. Primeiramente produzidas com a mesma madeira usada em canoas, essas pranchas tinham de 10 pés<sup>13</sup> – aproximadamente 3,3 metros de altura – até 14 pés – mais de 4, 5 metros - e eram extremamente pesadas, afinal, eram maciças. Com a evolução dos materiais essas pranchas começaram a ficar mais leves apesar de ainda serem feitas de madeira. Ao sair da ilhas vulcânicas do Havaí,

---

<sup>11</sup> Pico – local específico onde quebram as ondas. Local onde o surfista deve se posicionar para pegar uma onda. Na gíria do surfe, é o local onde quebram as ondas.

<sup>12</sup> A palavra faz referência ao povo brasileiro.

<sup>13</sup> A medida exata de um pé é 30,48cm.

as pranchas tiveram uma evolução. Começaram a serem confeccionadas de madeira, porém ocas, o que diminuía o peso e permitia um aumento no tamanho das pranchas. Elas começaram a ter então 4 pés a mais de tamanho, chegando até os 18 pés, que é aproximadamente 6 metros de comprimento. Essa evolução se dá também na questão das quilhas. Já se usou uma quilha, duas, três e até cinco quilhas na prancha. Hoje em dia depende do estilo de cada surfista e do tipo de onda que será surfada. Porém, quem gosta do estilo mais clássico de longboard usa uma quilha apenas, como nas origens do surfe.

Os longboards deram um grande salto a partir do uso da fibra de vidro e depois do poliuretano, material usado até hoje nos blocos de pranchas. Por ser muito grande essa prancha não permite manobras tão expressivas quanto às shortboards, com isso o estilo de ondas é bem diferente. Essas pranchas evocam nos surfistas o mais antigo instinto do surfe, evocam suas raízes.

Este estilo já sofreu até com o preconceito, pois houve uma época em que pessoas mais velhas surfavam com esses pranchões – uma vez que eles são mais fáceis de entrar na onda, já que proporcionam uma remada melhor -, porém esse preconceito foi deixado de lado e cada vez mais jovens praticam o longboard. Ele também é muito utilizado para aprender a surfar, já que a prancha grande proporciona maior estabilidade.

Mesmo assim, o longboard vem evoluindo de maneira exponencial, desde seu material, cada vez mais leve e mais resistente, até suas manobras cada vez mais radicais e modernas. Este estilo, porém, sempre é acompanhado de um surfe clássico é liso, nunca abandonando suas raízes.

### **3.1.2 Shortboard**

Shortboard, também conhecido como pranchinha, é uma prancha pequena – principalmente em relação aos longboards - que proporciona um surfe mais moderno e mais radical. Este é o estilo mais difundido e mais praticado no mundo. Com pranchas pequenas – de no máximo 7 pés – em ondas pequenas e médias, este estilo é mais radical em termos de manobras. Com o início do uso da fibra de vidro e, depois, do poliuretano as pranchas não precisavam mais ser

nem tão grandes nem tão pesadas para terem uma boa fluutuabilidade, com isso foi diminuindo o tamanho do equipamento e deu-se um novo passo no surfe.

Com a implementação dessas pranchas menores e muito leves ganhou-se muito em velocidade e liberdade de movimentos, requisitos básicos para manobrar. Sendo assim, o surfe iniciou sua era de maior evolução nas manobras. Surfando com pranchas “fish” – cujo nome faz referência a um peixe por causa do formato da prancha – as manobras ainda não tinham a radicalidade nem a força de hoje, entretanto já se podia observar a enorme diferença para manobrar. Muito mais ágil as pranchinhas iniciaram uma revolução.

Depois, com o aumento do tamanho e a diminuição da largura das pranchas as manobras começaram a ficar mais fortes, e assim, surgiu o “Power surf” que é o surfe mais forte, com mais velocidade e força nas manobras. Os surfistas começaram a usar cada vez mais o crítico da onda – parte que a onda gera mais força possibilitando que o surfista retorne da manobra com velocidade para executar mais manobras – e as manobras foram ficando mais expansivas. O surfe evoluiu demais a partir da diminuição das pranchas.

### 3.1.3 Big Riders

Os big riders são surfistas que gostam de ondas grandes. Diferenciam-se dos outros surfistas pelo estilo de ondas surfadas, manobras e também preparo físico. Estes surfistas gostam de ondas muito grandes com mais de 12 pés (aproximadamente 4 metros). Devido esta peculiaridade se reúnem em locais específicos – Oahu, Mavericks, Jaws, entre outros lugares de ondas gigantes – e principalmente no inverno, quando a possibilidade de ondas grandes é maior.

Dentro deste estilo os surfistas se dividem em dois tipos: os surfistas mais clássicos que surfam na remada e os modernos que surfam com a ajuda de um jet-ski, ou seja, praticam o *tow-in*<sup>14</sup>.

Os clássicos que surfam apenas na remada sem uso de aparatos que facilitem sua entrada nas ondas, isso, porém, impede que surfem ondas a partir

---

<sup>14</sup> *Tow-In – Tow* significa reboque ou rebocar. A junção *Tow-In* significa a reboque, que no surfe é quando o surfista é rebocado por um jet-ski para pegar a onda.

de determinado tamanho. Quando as ondas ultrapassam um determinado tamanho, exigem que o surfista entre com uma velocidade impossível de ser adquirida apenas remando. A partir deste tamanho entra em ação o “*Tow-In*”.

Tow-in é o mais radical dentre todos os estilos de surfe. Não é diferenciado pelo tamanho da prancha, mas sim pelas ondas que são surfadas. O tow-in é quando o surfista é rebocado por um jet-ski até a onda. São ondas gigantes, impossíveis de serem surfadas sem o uso do veículo exatamente por causa da velocidade exigida para o surfista não levar um *caldo*. Essa modalidade foi inventada pelo espírito desbravador do surfista de ondas grandes e sua expansão não tem limites. Esta prática também trabalha na evolução das pranchas.

No surfe de ondas grandes de remada se usa pranchas *Gun*, pranchas muito grandes, porém mais estreitas (o que as diferenciam dos longboards) que permitem uma boa entrada na onda apenas remando, mas não permite grandes manobras na onda. Já quando o surfista é rebocado não precisa se preocupar com a velocidade de entrada na onda, e sim com a facilidade para manobrar e a velocidade durante a onda. Com isso, as pranchas usadas no tow-in são cada vez menores, além disso, usam-se presilhas nos pés para garantir que ela não escapará durante as manobras.

## 3.2 TIPOS DE FUNDO

A qualidade das ondas é influenciada por diversos fatores, como o vento, recorte do litoral, ondulações, etc. Porém, um dos fatores mais importantes é o fundo do litoral. Existem três tipos de fundos: *beach brake*, *reef break* e *rock point*.

### 3.2.1 Beach Break

Fundo mais comum é o fundo de areia. Essa formação é também a pior

para a formação das ondas, ainda mais no litoral gaúcho em que o litoral quase não tem recortes nem acidentes geográficos. O fundo fica a mercê das marés e das bancadas que se formam ao longo do litoral. Existem algumas praias que mesmo com fundo de areia conseguem produzir ondas de excelente qualidade como Hossegor (FRA) e Mundaka (ESP), praias que recebem o WCT – campeonato que será melhor explicado no decorrer do trabalho - todos os anos. No Brasil podem ser citadas praias como a Praia do Rosa, em Santa Catarina, e o Arpoador, no Rio de Janeiro.

### **3.2.2 Rock Point**

Fundo de pedra, também bastante comum. Essa formação produz ondas de ótima qualidade e, normalmente, graças aos acidentes geográficos também ajuda na contenção dos ventos. Bastante comum no litoral uruguaio este fundo também está presente em Torres, no Rio Grande do Sul e o mais famoso fundo de pedra brasileiro é a Cacimba do Padre em Fernando de Noronha.

### **3.2.3 Reef Break**

Dos três tipos o mais raro. Sem exemplares tupiniquins esse fundo de coral abriga as mais perfeitas ondas, além de garantir que o fundo vai aguentar ondulações grandes sem perder qualidade. Tem a característica de produzir ondas tubulares e perfeitas. Fundo preferido pela qualidade das ondas, porém de alto risco para o surfista, incluindo casos de morte por prender o *leash*<sup>15</sup> no coral e o surfista ficar preso embaixo da água, ou mesmo por bater de cabeça no recife e desmaiar. Locais mais famosos são Pipeline, no Havaí, e Teahupoo, no Taiti.

---

<sup>15</sup> *Leash* – cordas de segurança

### 3.3 CULTURA DO SURFE NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: HAVAÍ E CALIFÓRNIA

A cultura do surfe se relaciona, em muito com os fatores existenciais. Não apenas fatores tradicionalistas como o chimarrão ou o churrasco para o gaúcho, mas muito do contato individual com a natureza e a sua alma. O surfista de alma (como chamaremos os surfistas que levam a sério as relações intrínsecas do esporte trabalhadas nessa pesquisa) busca o equilíbrio; de sua mente, sua alma, com o mar, com a prancha, com a natureza. Ele busca fora do mundo capitalista materialista a razão para seguir trabalhando, seguir vivendo. O surfista sente-se parte de algo muito maior, ele faz parte de uma tribo e, destefato, deste valor de grupo que vem a força do surfe atual. Os praticantes deste esporte que hoje tem reconhecimento internacional passaram por diversas dificuldades, preconceitos de pessoas que os consideravam vagabundos que só queriam ficar na praia. Eles só queriam ficar na praia, mas no intuito de aproveitar a vida, curtir a natureza, e, além disso, aproveitar toda inteiração e paz que o esporte proporciona ao seu praticante. Não é a toa que é tão fácil encontrar um surfista no mundo. Pode-se reconhecê-lo pelas roupas, gírias, estilo de vida. Entretanto ele pode ser uma pessoa que gosta de surfar sozinho, entrar no mar e aproveitar o momento de inteiração com o oceano, apenas ele e a força da natureza. Pode ser também, um surfista que goste de compartilhar esses momentos com seus amigos, aproveitando o tempo no mar para conversar, esquecer os problemas do dia-a-dia e aproveitar o momento para descanso.

Assim como é fácil identificar os membros pertencentes ao grupo é senso comum entre eles onde nasceu o surf. Se perguntar a um surfista em que país surgiu o esporte, mais de 90% deles responderia que foi nos Estados Unidos da América, mais especificamente, no Havaí. Porém, sobre a origem do esporte não há certezas de onde teria surgido, entretanto, não existe dúvida sobre onde ele se enraizou. O que se sabe da história é que foi trazido para o Havaí no século XVII por um rei polinésio, chamado Tahito, também conhecido como Moiheka. Conta-se que um navegador inglês, ao desembarcar nas ilhas havaianas se encantou com a habilidade do comandante absoluto da ilha em

deslizar sobre as ondas. Com isso, inclusive, o esporte ganhou o apelido de “Esporte dos Reis”, sustentado até hoje pela cultura surfista. O esporte sobreviveu durante muito tempo graças aos esforços do povo local, mais especificamente da aristocracia que o praticava. Passou por diversos altos e baixos até que em 1912 o mundo começou a olhar com mais carinho para o surfe. Neste ano um nadador chamado Duke Kahanamoku, havaiano de sangue nobre e exímio nadador (campeão olímpico nos Jogos de Stockholmo, 1912, Antuérpia, 1920 e Paris, 1924) e apaixonado pelo surfe, aproveitou a fama olímpica para divulgar o esporte no mundo introduzindo-o na América e Austrália, fazendo demonstrações e até mesmo construindo pranchas. Seus feitos relevantes não só marcaram a trajetória do surfe da “era moderna” como lhe concederam o status de “pai do surfe”.

A partir deste marco o surfe teve uma evolução exponencial, principalmente a questão de equipamentos. Em 1940, na Califórnia, foi inventada a prancha de fibra de vidro que permitiu a criação de pranchas mais leves, substituindo as velhas tábuas de madeira. Vale ressaltar, que nesta época a II Guerra Mundial estava em pleno andamento, e o surfe também servia como uma forma de buscar um caminho alternativo para viver, um caminho de paz e harmonia. Deu-se então, o início da cultura do surfe como se conhece atualmente, cultuando a natureza, a harmonia e a paz.

Na década de cinquenta surgiu a primeira loja especializada. Criada por Jack O’Neill, essa loja californiana por essência e que foi um marco para o surf. Começou como uma loja simples na beira da praia, vendendo alguns produtos especializados as famosas *surfweares*, onde se vendia pranchas *shapeadas* por ele mesmo, parafina e roupas de neoprene. Foi O’Neill que, em 1952, criou a primeira roupa térmica para o surfe, algo que revolucionou o esporte, já que a água fria era um impedimento para a prática do esporte nos dias de inverno, ou mesmo em dias mais quentes mas com a água fria. Com as roupas térmicas, inicialmente feitas de neoprene, Jack O’Neill proporcionou aos surfistas, incluindo ele mesmo, que exercessem o esporte mesmo com baixas temperaturas de água e ar, aumentando o número de praticantes, já que na Califórnia, como em grande parte do litoral americano, exceto América Central, da Costa do Pacífico, a temperatura da água, durante grande parte do ano é fria devido à corrente marítima fria da Califórnia e a Zona de refluxo de água fria também no estado norte-americano. Além disso, segundo a revista *Fluir* (edição especial de aniversário, outubro de 2000, p. 80), Jack foi o precursor do nome *Surf Shop*, em português, loja de surfe. O termo gringo é utilizado no Brasil com frequência pelas lojas especializadas, mostrando a influência estadunidense nas terras nacionais.

Já na década de 60 começaram a surgir os primeiros campeonatos de surfe mundial. A

Austrália foi o palco do primeiro campeonato, em 1964. No mesmo ano surgiu a primeira associação de surfe, a *International Surfing Federation – ISF*, que em 1976 vira a *International Surfing Association – ISA*. Em 1995 a ISA é reconhecida pelo COI – Comitê Olímpico Internacional. Hoje, a entidade máxima do surfe é a *Association of Surfing Professionals*, no Brasil conhecida como a Associação dos Surfistas Profissionais. Ela é responsável pelos eventos de surfe. Na verdade, a associação faz a distribuição dos eventos entre os patrocinadores, que ficam responsáveis pela execução, enquanto a ASP fica responsável pela organização e planejamento da temporada.

Também na década de sessenta, surge um movimento que trás em seu âmago muito da ideologia do surfe, é o Movimento Hippie. A contracultura hippie se deu em um ambiente pós II Guerra Mundial e Guerra Fria a todo vapor. Não só a Guerra Fria, mas também a Guerra do Vietnã que matou milhares de jovens norte-americanos em uma guerra sem motivos. Era um movimento de contracultura exatamente por terem seus princípios baseados no oposto da cultura estadunidense da época. Eram contra guerras, nacionalismo exacerbado, na verdade contra qualquer nacionalismo. Em seu estilo de vida havia muito o contato com a natureza, inclusive, através da experimentação de diversos tipos de drogas. Não é a toa que muitos surfistas sofreram recriminações por terem atitudes semelhantes as dos hippies, afinal, também não tinham amor pelo *American Way Of Life*, não amavam o dinheiro e o poder, e sim a natureza, a simplicidade e a liberdade proporcionada na vida de surfistas.

Junto ao movimento hippie, nasce, nos Estados Unidos, um grupo musical que influenciou muito o surfe: *The Beach Boys*. Banda que teve seu nascimento em 1961 sofreu a influência de diversos estilos musicais como o *folk* e o *rhythm & blues*, e acabou por alavancar uma revolução musical que influenciou, não somente outras bandas da época, como também toda uma geração. *The Beach Boys*, sem a menor sombra de dúvida fez parte de todos os surfistas da época. Porém, o grupo californiano

sabendo da importância dos verdadeiros beachboys, aproveitou-se do prestígio e do significado da respeitadíssima expressão pela qual esses homens extraordinários eram conhecidos. (Revista Fluir, edição especial de aniversário, outubro de 2000, p. 104)

para facilitarem uma possível alavancada na carreira da banda. Ainda segundo a revista Fluir, em sua edição de aniversário, em outubro de 2000,

Os verdadeiros beachboys fizeram pelo menos duas contribuições imensuráveis para o surf: salvaram o esporte [...] e foram precursores do estilo de vida. (Revista Fluir, edição especial de aniversário, outubro de 2000, p. 104)

Esses surfistas são os grandes precursores do espírito do surfe, da alma do surfe e, principalmente, da cultura do surfe. Amantes do mar, em primeiro lugar, esses “*waterman*”<sup>16</sup>, como são chamados na revista, vivem para o mar. Surfam, velejam, remam. Não se passa um dia sem entrarem em contato com a água, sempre com a mesma paixão e a mesma vontade de quando jovens. Na época da reportagem, ano 2000, com 80 anos, o único sobrevivente do grupo original dos *Beachboys*<sup>17</sup>, Rabbit Kekai, mostra<sup>18</sup> “com o tesão de um moleque: “Uau! Olha como está subindo o mar!! Amanhã às seis horas tô na água!” (Revista Fluir, edição especial de aniversário, outubro de 2000, p. 107). Liderados por Duke Kahanamoku os garotos da praia são os grandes responsáveis pela cultura do surfe como é conhecida hoje, também, em parte, responsáveis pelo localismo, termo a ser discutido mais tarde.

Sem sair dessa mesma época, voltando ao Havaí, surge uma lenda do surfe: Eddie Aikau, 1946 - 1978, surfista e salva-vidas havaiano conhecido por enfrentar qualquer situação, independente do perigo. Local do *Noth Shore* havaiano, ele ficou famoso não apenas pelo seu surfe destemido e salvamentos em situações impossíveis, mas também por festas homéricas na casa dos Aikau, sempre comemorando seus feitos como surfista de ondas gigantes, morreu tentando salvar os amigos. Segundo o livro sobre sua vida, *Eddie Would Go* (COLEMAN, Stuart Holmes. 2004), enquanto enfrentava sua segunda travessia do Havaí para a Indonésia – rito em homenagem aos reis polinésios que trouxeram o surfe para as ilhas havaianas, a embarcação fora atingida por uma tempestade e, para salvar seus companheiros, Eddie pulou no mar para nadar até a ilha mais próxima e nunca mais foi visto. Para ter-se uma ideia da grandeza dele existe, até hoje, um campeonato em sua homenagem, o *Quiksilver Big Wave Invitational in Memory of Eddie Aikau*, que acontece no Havaí, somente em situações extremas: quando o mar está acima de 20 pés<sup>19</sup> – mais de 6 metros de altura – ou acima de 30 pés de face de onda – mais de 10 metros de face. O torneio é disputado em apenas um dia, e o vencedor é o surfista que pegar a maior onda. O campeonato é no estilo clássico, ou seja, o

<sup>16</sup> *Waterman* – “Homen da Água” que além de ser a tradução literal, melhor forma para descrever esses homens.

<sup>17</sup> *BeachBoys* – A tradução literal é *Garotos da Praia*, como eram conhecidos os componentes desta “ganguê” havaiana. Também houve uma banda famosa de *surf music* que se aproveitou do sucesso dos *BeachBoys* originais para nomearem o seu grupo musical.

<sup>18</sup> A reportagem da revista não é assinada, portanto não é possível afirmar o nome do entrevistador.

<sup>19</sup> A onda é medida por trás, ou seja, se é uma onde de 6 pés sua face será maior atingindo até 9 pés.

surfista precisa pegar a onda na remada, sem o auxílio de jet-ski. Só participam do torneio surfistas convidados. Poucos surfistas têm o orgulho do brasileiro Carlos Burle, famoso *big rider* brazuca<sup>20</sup>, recentemente convidado para participar do campeonato. Além disso, foi imortalizada a frase *Eddie would go*, em português Eddie iria, que dá nome ao livro, fazendo referência a situações de perigo eminente sempre encaradas pelo destemido salva-vidas.

Já na década de oitenta, após tantas revoluções no esporte – desde pranchas a roupas para o surfe – surge um nome que influenciará o surfe não apenas por seu estilo, mas também pelo seu pupilo: Tom Curren. Filho de Pat Curren, famoso por encarar as famosas ondas de Waimea Bay, Tom fez história nos anos oitenta. Seu primeiro título mundial veio em 1985, aliás, foi o primeiro norte-americano a sagrar-se campeão mundial. Conhecido pela sua linha perfeita e estilo único de surfar Tom foi o mestre da maior lenda do surfe mundial, Kelly Slater. Surfando pranchas Al Merrick, Curren inovou o surfe com suas manobras progressivas e surfe perfeito. Segundo Marck Occhilupo, famoso surfista da década de 90, competir contra Tom Curren era muito difícil porque ele não competia contra o adversário que estava na água, e sim, competia contra si mesmo, elevando, com isso, o nível do seu surfe. Depois de aposentado, Tom Curren continuou surfando, agora como *free surfer*<sup>21</sup> e também se dedicou mais a carreira de cantor, tendo lançado alguns CDs. Não contente, ele elevou ao extremo a descoberta de novos picos para surfar, sendo o primeiro surfista a encarar as águas geladas do Alaska.

Também é nos anos oitenta que Al Merrick começa a confeccionar suas pranchas, em Santa Barbara, na Califórnia. Produzindo suas peças para Tom Curren, ele começa a ver sua marca ganhar cada vez mais expressão entre os surfistas. Ao começar a acolher alguns dos grandes nomes do surfe – e Al é um expert em descobrir grandes talentos – cria seu reduto de surfistas chamado *Channel Islands*. Fazem parte deste seleto grupo nomes como o próprio Tom, como já fora citado, Rob Machado e Kelly Slater, entre outros nomes famosos e futuras promessas do surfe mundial. A importância deste shaper pode ser vista no documentário *Flow* que trata de sua história, contada por ele, por surfistas que ele acompanha e pelo seu filho, mostrando um lado familiar nesta relação que, teoricamente, seria apenas profissional. Al Merrick é peça chave na compreensão do surfe como é hoje em dia, visto sua importância no desenvolvimento das tecnologias para o desenvolvimento das pranchas.

---

<sup>20</sup> Brazuca é uma gíria utilizada para denominar brasileiro. Esta gíria é muito utilizada por surfistas, principalmente fora do país.

<sup>21</sup> *Free Surfer* – Aquele que surfa por prazer ao esporte. Muitos surfistas se dedicam ao *free surf* como carreira. Existem exemplos famosos como Tom Curren, Rob Machado e o brasileiro Murilo Grillo.

Nessa época, surge um dos grandes nomes do surfe mundial, uma lenda para todas as gerações: Derek Ho. Primeiro surfista havaiano a ganhar o título de campeão do WCT. Kaleiki Derek Ho nasceu em Honolulu, na famosa ilha havaiana de Oahu, uma das mais procuradas pelos turistas que visitam o arquipélago e pelos surfistas que vão atrás das lendárias ondas havaianas. Tudo começou com seu pai, Chico, membro dos originais *BeachBoys* influenciou seus filhos Michael e Derek Ho a surfarem. Michael, irmão mais velho tornou-se profissional antes e já em 1983 sagrou-se campeão da tríplice coroa – título para quem consegue a maior pontuação na perna havaiana que inclui o primeiro campeonato nas ilhas, mais precisamente em Haleiwa, o segundo em Sunset, clássico pelas ondas grades e pesadas e por fim o Pipe Masters, campeonato mais famoso e por muito tempo considerado o mais perigoso do WCT. Esse foi o primeiro de seis títulos da Tríplice Coroa vencido pelos irmãos Ho. Além disso, Michael Ho figurou entre os top 16 durante dez anos seguidos, feito poucas vezes igualado até hoje.

Derek Ho, por sua vez demorou mais tempo para se encontrar. Apesar de ter começado a surfar muito jovem, aos três anos de idade, teve muitos problemas em sua infância, tendo, inclusive, sido detido em um centro de reabilitação aos 18 anos. A partir de então, acompanhado por seu mentor Brian Suratt Derek iniciou outro momento em sua vida. Em 1982, Brian leva Derek ao Japão para disputar uma etapa do campeonato mundial. O novato chega às semifinais e descobre sua grande vocação: o surfe. Já no ano seguinte, na sua primeira temporada no circuito, Derek se mantém entre os top 30 destacando-se em diversos eventos durante o ano. Sua evolução era visível. Logo no seu terceiro ano como profissional alcançou os top 16, junto com seu irmão e em 1989 foi vice-campeão mundial. O título era eminente, e chegou em 1993. Mas o caminho não foi fácil. Havia muitos adversários de qualidade, entre eles Kelly Slater, que ganhara o título do ano anterior, justo no ano em que Derek atingira seu mais baixo ranking desde que entrara no circuito: trigésimo sexto lugar. Mas ele não esmoreceu e chegou a perna havaiana disputando com mais seis surfistas o título, e em ondas de 8 pés consistentes em Pipeline. Condições épicas para a disputa da final do WCT. Vitorioso, sagrou-se como o primeiro havaiano a ganhar o título mais importante do surfe profissional. Continuou surfando até que uma grave lesão durante um evento quase o tirou para sempre das competições, mas ainda assim voltou a competir até 1998 quando se aposentou. Derek Ho mora em Oahu com sua esposa e dois filhos e ainda disputa campeonatos de masters<sup>22</sup> em Pipeline.

---

<sup>22</sup> Campeonatos disputados por surfistas aposentados.

Passada a década de 80, nos anos noventa grandes mudanças acontecem para o surfe. O esporte começa a ser tratado como um grande da economia. O surfe começa a ser visto com outros olhos não só pela indústria, mas também pela comunidade. O estigma de que os surfistas são vagabundos que não querem nada com a vida começa a cair e o surfe ganha cada vez mais respeito. Marcas como Billabong e Quiksilver crescem cada vez mais, no Brasil a Hang Loose e Mormaii começam a ganhar mais espaço, e o surfe faz girar cada vez mais dinheiro. O espaço na mídia aumenta e o número de praticantes cresce exponencialmente. Não obstante, a cultura do surfe se propaga muito tomando para si cada vez mais seguidores. Nisso, surgem grandes nomes de surfistas como Kelly Slater, Rob Machado, Mark Occhilupo, Taylor Knox entre tantos outros gringos. É também quando outras modalidades ganham destaque como o surfe feminino e o surfe de ondas gigantes com o auxílio de jet-skis, o *Tow-In*. Aliás, o surfe de ondas gigantes tanto nesta modalidade, o *Tow-In*, quanto o surfe de ondas gigantes na remada, terão um subcapítulo a parte para destacar a grandeza e a importância desta modalidade no surfe de hoje em dia. Outro destaque é o surfista Kelly Slater, que também terá um subcapítulo a parte, afinal, para fins de comparação, Kelly Slater está para o surfe assim como Pelé está para o futebol.

A década de 90 foi dominada por um gigante, Kelly Slater. Dos dez campeonatos da década, Kelly ganhou seis, e nenhum outro surfista ganhou dois. Quem quebrou a hegemonia de Kelly Slater na década de 90 foi Damien Hardman, em 91, Derek Ho, em 93, Mark Occhilupo em 99 e Sunny Garcia em 2000.

Dos nomes citados, dois têm grande importância para a história recente do surfe: Mark Occhilupo, australiano, e Sunny Garcia, havaiano. Occhi, como é conhecido o australiano, trouxe o surfe australiano de volta a cena com um surfe moderno e inovador. Sunny Garcia, por sua vez, tem sua relevância, muito mais pelas suas atitudes do que pelo seu surfe.

Sunny Garcia, nascido na cidade de Maui, em Oahu, no Havaí, no ano de 1970, é um surfista havaiano do estilo mais clássico em relação as suas atitudes. É um *bad boy* e que apresenta uma característica muito comum em surfistas, o localismo. Localismo faz parte da cultura do surfe e teve começo na invasão de turistas nas praias havaianas. Com isso o povo local tenta tomar conta do lugar de qualquer forma, sendo com ameaças, agressões físicas e diversas outras táticas. O simples fato de saber que em tal praia o localismo é forte é o suficiente para que as pessoas evitem o lugar ou então tenham muito cuidado ao frequentá-lo. E Sunny é o exemplo perfeito de local havaiano. Certa vez, durante um campeonato ele estava competindo com o brasileiro Neco Padaratz durante o campeonato disputado em Pipeline. Sunny simplesmente agrediu o brasileiro durante a bateria, que estava em risco, e não foi

punido nem pelos juízes que estava avaliando o campeonato nem pela ASP. Um incidente como este mostra a força do localismo principalmente no Havaí, porém, assim como o resto da cultura do surfe, o localismo se difundiu entre os surfistas do mundo. No Brasil existem muitas praias onde o localismo é forte, porém todas as praias sofrem deste mal.

Segundo Gabriele Lomba (2008), correspondente do site [globoesporte.com](http://globoesporte.com), diretamente do Havaí,

o localismo no Havaí é intenso há mais de 30 anos. Mas, se no passado os Black Trunks mantinham tudo “em ordem” na base da força, hoje quem impõe respeito por lá são os professores de jiu jitsu. Kai Garcia, por exemplo, ficou famoso por dar apoio aos irmãos Andy e Bruce Irons.<sup>23</sup>

Também segundo a correspondente, o Black Trunks<sup>24</sup> era um grupo

grupo que nos anos 70 aterrorizava estrangeiros no Havaí. Eddie Rumam, um dos fundadores do grupo, até hoje dá ordens no North Shore. Seu filho, Mauá, deu um soco na cara do brasileiro Paulo Moura durante o Pipe Masters de 2005. Nem Rabbit Bartolomeu, campeão mundial de 1978 e atual presidente da ASP, escapou. Em 1976, ele tomou uma surra por falar nas revistas que os australianos eram os melhores surfistas no Havaí.<sup>25</sup>

Essa postura é típica do povo havaiano e como se vê é algo enraizado culturalmente. Os povos locais se consideram donos dos lugares bons para a prática do esporte e o dominam tanto pela força física quanto pela ameaça e tradição de localismo, não apenas no Havaí, mas no mundo todo.

Apesar de bastante disseminada a cultura do localismo nem todos os surfistas são adeptos desta prática. O localismo também é dissipado através de práticas muito simples como o respeito ao povo local, que apesar de parecer algo básico é muitas vezes ignorado pelo visitante, o que ajudou a perpetuar o localismo. Existem locais em que o visitante não pode nem chegar na areia, porém são mais raros, e na maioria dos locais simplesmente respeitar o local já é o suficiente para não sofrer sansões como sofreu Neco Padaratz.

---

<sup>23</sup> Retirado do site [globoesporte.com](http://globoesporte.com) em 03 de novembro de 2009.

<sup>24</sup> *Black Trunks* - Eles foram assim chamados porque vestiam calções pretos, que é o significado da tradução literal do termo.

<sup>25</sup> Idem nota 19.

O século XXI, por sua vez chegou com uma nova percepção de surfe. Um surfe de linha mais limpa e maior variabilidade de manobras entra em ação. Não obstante, com a aparente desmotivação do grande campeão Kelly Slater, abre-se um espaço para que surja um novo campeão, e Andy Irons, havaiano é quem aproveita a oportunidade. Conquista dois títulos em sequência, 2002 e 2003, e dá a Slater o desafio que ele considerava não existir. Kelly volta a competir e em uma temporada mágica compete pelo título mundial com Irons até a bateria final do último evento do WCT. Irons sagra-se campeão, conquista seu terceiro título consecutivo e entra de vez para a história do surfe. Porém, no ano seguinte não consegue manter a coroa de campeão e Slater recupera seu posto. Após isso Irons não consegue recuperar-se e decide abandonar o *tour* em 2009 para virar *free surfer*<sup>26</sup>.

Na primeira década do século XXI, o *tour* é dominado por australianos, apesar de nenhum ganhar o título mundial, eles são maioria entre os top 45 do WCT. Isso até o fenômeno Mick Fanning surgir. Jovem revelação australiana Mick surge num cenário em que Kelly Slater domina o circuito e o único surfista que impôs dificuldades ao norte-americano, o havaiano Andy Irons, está completamente perdido. Fanning impõe seu estilo agressivo e de manobras progressivas e sagra-se campeão mundial no ano de 2007 quebrando um longo jejum para os australianos, lembrando que o último campeão, natural da Austrália, havia sido Mark Occhilupo em 1999. Fanning, porém, teve o mesmo destino que Andy Irons, seu título subjogado no ano seguinte por Slater, que ganha seu nono título em 2008, ano que Fanning tem muitas dificuldades de lidar com a pressão. Já o ano de 2009 começa com outro australiano disparando no *tour*, Joel Parkinson, o Parko. Mas este é um ano de muita disputa pelo título, tendo, inclusive, um brasileiro em condições de conquistar a coroa.

Desta história, de grandes campeões, grandes lutas, de vencer desafios que se forma a cultura do surfe. Não apenas do localismo dos havaianos, pelo contrário, as pessoas que vivem o surfe intensamente o vêem como uma forma de ter paz. O contato com a natureza, a espiritualidade do esporte e os benefícios mentais para as pessoas que o praticam vão de encontro ao localismo. Para Mike Parsons (2008), surfista profissional “To me it’s just a feeling of being free”,<sup>27</sup> corroborando com Mike, e indo além, Jamie Brisick (2008), jornalista e narrador do documentário *What Is Surfing*<sup>28</sup> “Surfing is sport, lifestyle, art, recreation, music, fashion and, in many ways, a religion that surfers around the world have giving their

---

<sup>26</sup> *Free Surfer* – Surfista que não corre campeonatos e surfa apenas pelo prazer da prática esportiva.

Normalmente é patrocinado e vive de filmes e sessões de fotos para revistas.

<sup>27</sup> “Para mim é apenas o sentimento de ser livre” (Tradução nossa)

<sup>28</sup> O documentário *What Is Surfing – the answer is the making* não foi encontrado pelo autor desta monografia, sendo que retirou as declarações de seu trailer publicado no site youtube.com em 19 de setembro de 2009, sendo que o vídeo foi postado no dia 30 de abril de 2008. (<http://www.youtube.com/watch?v=aAPAUjMAQ8A>)

lives to.”<sup>29</sup>Mas o surfe vai além disso. Na verdade é difícil definir o significado do surfe, e com isso, é também complicado definir pontualmente a cultura do surfe. Pat O’Connell (2008), surfista profissional aposentado fala um pouco da interação entre as pessoas que praticam o surfe quando ele diz que “There is a connection in people, they might not surf but they understand.”<sup>30</sup>

Mas acho que a melhor definição foi feita, também no documentário *What Is Surfing*, por Taylor Knox (2008), surfista profissional, considerado o esportista que revolucionou o *power surf*<sup>31</sup>, na década de 90, mesmo após sofrer uma fratura na coluna e ouvir dos médicos que nunca mais poderia praticar o esporte que para ele era como respirar. Taylor teve uma recuperação assombrosa e hoje surfa todos os tipos de onda, incluindo ondas gigantes e sendo altamente respeitado no meio dos *big riders*. Ele disse sobre o surfe:

It’s kind of a brotherhood around the world. You kinda go to a different country, you run with some other surfers, if you don’t speak the language you’ve got something in common, something to be stoked about, something to smile about.<sup>32</sup>

E este sentimento é o que une os surfistas, é aí que segundo Ferro, em post no blog Surf4ever,

reside o poder do surf, ou vocês acreditam que exista uma cultura que tenha se propagado da mesma forma nos últimos cem anos? Somos uma tribo ou já podemos nos considerar uma recente civilização difundida pela Terra, falando línguas distintas, mas vivenciando uma mesma realidade de prazer e adrenalina, sempre que

Netuno, nosso autêntico representante da Grécia antiga, resolve nos presentear. (FERRO, Maurício T. 2007)

Enfim, como Kelly Slater (2008), ícone mor do surfe diz: “Surfing is basically riding a wave”.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> “Surfar é um esporte, estilo de vida, arte, recreação, música, moda e, em diversas maneiras, uma religião, que surfistas ao redor do mundo vêm dando a vida para.” (Tradução nossa)

<sup>30</sup> “Existe uma conexão entre as pessoas, elas podem não surfar, mas entendem.” (Tradução nossa)

<sup>31</sup> *Power Surf* – Surfe executado com força, diferente do surfe clássico em que os surfistas tinham estilos mais suaves de surfar as ondas.

<sup>32</sup> “É um tipo de irmandade ao redor do mundo. Por exemplo, você vai a diferentes países, você surfa com outros surfistas, se você não fala a mesma língua você tem algo em comum, algo para se emocionar, algo para sorrir em comum.

<sup>33</sup> “Surfar é, basicamente, andar pela onda.” (Tradução nossa)

O surfe, entretanto, dificilmente sobreviveria apenas da vontade das pessoas surfarem. Pessoas como Greg Noll e Jack O'Neill, este último já citado, foram de importância ímpar para o crescimento do surfe como indústria. Outro fator marcante, e segundo o documentário *Riding Giants* (2004) uma marco para o surfe foi o filme *Gidget*, de 1959, estrelado por uma adolescente de 15 anos. De acordo com a produção, em apenas cinco anos o número de praticantes nos Estados Unidos da América subiu de 500 mil para mais de 3 milhões, mostrando o poder da mídia na expansão do esporte. O fotógrafo Brian Beilmann (2008), diz que “The media’s place in surf is critical. There would be no surfing contest, there would be no articles, there would be nothing without the media”.<sup>34</sup>

A partir do filme, deu-se uma explosão na indústria do surfe. As *surf shops* começaram a se proliferar por todo o território norte-americano difundindo mais o surfe. John Severson lançou a primeira revista de surf, a *The Surfer Quarterly*, fora diversas outras contribuições para a cultura do surfe como filmes, fotos e pinturas relacionadas ao esporte. Também no começo da década de 60, mais especificamente em 1962 “surf music pioneer Dick Dale sold 75 thousand copies of hi’s album, *Surfer’s Choice*, in Southern California, alone”.<sup>35</sup>

Com toda a exposição do surfe na mídia não iria demorar muito para que o esporte se tornasse o gigante de hoje, com suas mega lojas, empresas multinacionais como a Quiksilver e a Billabong. Marcas de pranchas, roupas, músicas, filmes. O surfe se tornou altamente rentável, e a exposição cada vez maior de campeonatos, surfistas sendo acompanhados em seus blogs, páginas na internet, MySpace, Orkut, Facebook, Twitter, e todos os aparatos tecnológicos proporcionados fazem do surfe uma profissão para milhares de pessoas, com inúmeras empresas especializadas, tanto em equipamentos quanto em *surfwear* este esporte move milhões de dólares por mês, no mundo. Todas as empresas de surfe começaram trazendo a cultura havaiana em seu âmago, exibindo essa característica em seus produtos. As empresas acima relacionadas, que têm, hoje, renome internacional trazem em seu íntimo o Havaí, sendo elas de qualquer lugar do mundo, como a Billabong, que é de origem australiana, inaugurada em 1973. Não demorou para que a indústria cinematográfica-midiática entrasse em cena. Com diversos filmes e programas de televisão essa indústria transmite, inclusive, eventos dos mundiais de surfe WCT e do WQS ao vivo, seja pela

---

<sup>34</sup> “O lugar da mídia no surfe é crucial. Não haveria competições de surfe, não haveria artigos, não haveria nada sem a mídia.

<sup>35</sup> “o pioneiro da *surf music*, Dick Dale, vendeu 75 mil cópias do seu disco, *Surfer’s Choice* (em português A Escolha do Surfista), no sul da Califórnia, sozinho.” Retirado do documentário *Riding Giants*, 2004. (Tradução nossa)

televisão seja através da internet. Desta forma podemos entender, também, como o surfe se tornou um produto rentável e que está sendo cada vez mais explorado pelas mídias massivas. Os meios de comunicação, conforme expõe Escosteguy (2001, p. 157), agem como o dispositivo mais poderoso na dissolução de um horizonte cultural comum, (...), encarnam, assim, uma posição mediadora na construção de outras identidades: das cidades, das regiões, do espaço local. Proporcionando a experiência, mesmo que no âmbito virtual, de estarem inseridos no universo do surfe, os programas de TV divulgam e incentivam a cultura desse esporte. Para Martín Barbero,

Atravessando o movimento de homogeneização que implica a globalização econômica e tecnológica, os meios massivos e as redes eletrônicas veiculam um multiculturalismo que faz rebentar os referentes tradicionais de identidade. (ESCOSTEGUY *apud* BARBERO, 2001, p. 157)

### 3.3.1 Kelly Slater – Eneacampeão Mundial de Surfe

Kelly Slater nasceu em 1972, em Cocoa Beach, no estado da Flórida, nos Estados Unidos da América. Kelly tem em sua vitoriosa trajetória alguns percalços como todas as pessoas. Para lendas do surfe como Tom Curren, que no filme *Flow* (2006) diz “Maybe there is somebody else out in the world better than Kelly, but I don’t think so.”<sup>36</sup>

Tudo começou no final da década de 70, mais precisamente em 1978 quando Kelly começou a competir. Competiu como amador até o início da década de 90, quando Tom Curren vê em Kelly um surfista muito promissor mesmo com a pouca idade. Abraçado por Curren, Kelly ainda fica algum tempo disputando o circuito amador o qual ele conquista por diversas vezes. Com a influência de Tom, Al Merrick também abraça este jovem talento produzindo pranchas para que ele pudesse expandir cada vez mais seu surfe. Uma curiosidade, é que no primeiro evento, que ele já havia conquistado inúmeras vezes, disputado por Kelly com as pranchas do Al Merrick ele perdeu. Mas ainda assim sabia da capacidade das pranchas que estavam nos seus pés e não desistiu da parceria. Com isso, fazendo parte do grupo Channel Islands começa a grande carreira deste surfista.

---

<sup>36</sup> “Talvez exista alguém no mundo melhor do que o Kelly, mas eu acho que não.” (Tradução nossa)

Seu primeiro título profissional foi em 1990, na etapa da Body Glove, em Trestles, na Califórnia, seu quintal de casa, quando disputava a divisão de acesso ao WCT, o WQS. Coincidentemente esse evento teve premiação inédita de mais de 30 mil dólares, mostrando, também, o crescimento comercial do esporte. Neste mesmo ano ele assinou o maior contrato de patrocínio até então, um contrato de 1 milhão de dólares com a Quiksilver, marca que o patrocina até hoje. Já seu primeiro título de etapa no WCT veio justamente no ano em que se sagrou campeão mundial pela primeira vez, em 1992, no Rip Curl Pro, disputado em Hossegor, na França. Além desta etapa, Slater também faturou o título do Pipe Masters, o mais desejado do circuito. Este ano foi especial para o surfe, e principalmente, para Slater que se tornou o campeão mais jovem do *World Championship Tour*, aos 20 anos.

Já o ano de 1993 foi caótico para o maior surfista da história. Slater começou a gravar o seriado norte-americano, *Baywatch*, ao lado de atores como David Hasselhoff e Pâmela Anderson. Nessa época também era noivo de Pâmela. Toda a responsabilidade televisiva, que ocupa muito tempo, junto com a pressão de ser o atual campeão do circuito, além da pouca idade, fez Kelly se perder nos seus objetivos. Ademais, durante o ano, Slater e Pâmela Anderson romperam o noivado, o que deixou o surfista abalado demais para conseguir correr o circuito. Neste ano, Kelly não conseguiu manter o seu surfe no mesmo ritmo e acabou ficando fora dos top 10 daquela temporada, cuja coroa ficou com o havaiano Derek Ho.

Muito apoiado por Al Merrick, com quem, segundo o filho de Al (2006),

Kelly and my dad relationship is beautiful, is really, really neat, it's being cool to watch, like I said, the amazing thing about my dad is that he's care more about Kelly than he does his world titles, [...] he cares about Kelly as a person, he cares about how he feels in he's heart, and in he's spirit, what he's thinking, and he always has since de very beginning<sup>37</sup>.

E com esse apoio, Kelly deu a volta por cima. Focou-se apenas em uma meta: ganhar títulos. Segundo o próprio Kelly (2006)

the next year I decided not let that happen again and then I just got on this roll, and I've got so focused and determined it was really good for me have that loss but in

---

<sup>37</sup> “A relação entre Kelly e meu pai é linda, é realmente bonita, é legal de ver, como eu disse, a coisa mais legal sobre o meu pai é que ele se importa mais com o Kelly do que com seus títulos mundiais, [...] ele se preocupa com o Kelly como pessoa, ele se preocupa sobre como ele se sente em seus sentimentos, em seu espírito, o que ele está pensando, e ele sempre foi assim, desde o princípio”. (Tradução nossa)

another way it got me so focused that nothing else really matter for five years I just wanted to win world titles<sup>38</sup>

Com este objetivo em mente, ele foi quebrando barreiras e desafios e ganhou 5 títulos seguidos, o maior número de vitórias consecutivas na história. Durante esse período ele quebrou outro recorde, o de maior número de vitórias consecutivas na etapa mais disputada, o Pipe Masters. Ao conquistar seu sexto caneco, Slater esmoreceu, inclusive afirmou no documentário *Flow* (2006) “I won five years in a row, by the end of that I turn like, I’m done, I’m finished with this thing, I have no desire anymore [...] I obtained every goal I had and more, and now I’m stucked”<sup>39</sup> então, desistiu das competições e do estresse do circuito. A vida do então hexacampeão mundial de surfe estava abalada, tudo aprecia contra ele e em meados de 2000 descobriu-se que seu pai tinha câncer. Começou aí uma batalha, Kelly que não era muito próximo de seu pai decide que precisa aproximar-se mais, ou perderia seu pai sem ao menos conversar com o patriarca. Al Merrick ficou ao lado do seu surfista preferido durante todo esse tempo, sofrendo junto com aquele que considera um filho. Após dois anos de luta o pai de Slater faleceu.

Mesmo estando afastado do circuito por estes anos Kelly Slater recebeu o convite para o torneio de ondas gigantes *The Quiksilver in Memory of Eddie Aikau* de 2002. Este torneio, que só acontece quando ondas muito grandes vão quebrar no *North Shore* havaiano, foi vencido por Kelly Slater, que pode acumular mais um torneio em sua carreira.

Mas não acabaria neste ponto a trajetória do maior surfista da história.

I became revitalized in 2003 because my dad really love what I did so much, and that hit me, you know, before he pass away he told me: “that’s what you do, you shouldn’t be here with me, you should be out there doing your thing, I wanna see you in tv”. It was like, “he wanted to see he’s son out there doing what he love and being successful”<sup>40</sup> (SLATER, 2006)

---

<sup>38</sup> “No ano seguinte eu decidi não deixar isso acontecer de novo, e então eu entrei nesse caminho e eu estava tão focado e tão determinado que foi bom para mim ter tido esta derrota que por outro lado me deixou extremamente focado que nada mais interessava durante os próximos cinco anos, somente ganhar títulos mundiais.” (Tradução nossa)

<sup>39</sup> “Eu ganhei cinco anos consecutivos, e quando isso acabou eu pensei, eu estou acabado, eu terminei isso, eu não tenho mais desejo nenhum [...] eu atingi todos objetivos que eu tinha e agora eu estou emperrado”. (Tradução nossa)

<sup>40</sup> Eu fiquei revitalizado em 2003 porque meu pai realmente amava o que eu fazia, e aquilo me tocou, sabe, antes dele falecer ele me disse: “é isso o que você faz, você não devia estar aqui comigo, você devia estar lá fora, fazendo o que sabe, eu quero ver você na TV”. Isso foi como, “ele que ver seu filho lá fora, fazendo o que ele ama e sendo bem-sucedido”.

A partir de então, inspirado pela vontade de seu pai em vela feliz fazendo o que sempre amou, Slater voltou ao circuito mundial num momento que Andy Irons dominava o WCT. Em 2003 o surfista norte americano ganhou diversos títulos, mas a coroa do mundial ficou com o havaiano em uma disputa mágica na última disputa do ano, em Pipeline, no Havaí. Em 2004, Kelly não teve um bom ano, ganhando apenas duas competições pelo circuito de acesso. Mas, em 2005, o grande retorno de um vencedor. Vencendo quatro etapas, sendo três num começo de temporada arrasador Kelly Slater manteve sua vantagem até o fim consagrando-se heptacampeão mundial em cima de seu grande rival, na época, Andy Irons.

Em 2006, sem muitas vitórias, mas com resultados muito sólidos, o maior recordista em títulos do campeonato mundial alcançou seu oitavo caneco. Em 2007, desmotivado e cansado do tour – como se chama o WCT no meio dos surfistas – Kelly não participou de muitas etapas, ganhou apenas Trestles, onde surfou com prazer por sentir-se em casa, e, com este título, torna-se o maior vencedor de etapas do circuito com 34 títulos de etapa. Com o surgimento de um novo campeão, Mick Fanning, parece que Kelly volta a focar-se apenas no WCT e em 2008 tem um ano quase perfeito. Ganha com facilidade o título, quebra o recorde de maior número de vitórias em um ano do circuito, torna-se o surfista mais velho a ganhar o título do WCT, aos 36 anos. Slater ainda quebra mais um recorde, em 2009, ao tornar-se o surfista mais velho a ganhar uma etapa do tour, aos 37 anos. Mesmo estando relativamente velho para continuar competindo muitos acreditam que Kelly ainda tem condições de chegar ao décimo título do WCT, mesmo que não precise provar mais nada a ninguém.

### **3.3.2 Surfe de Ondas Gigantes**

Antes de começar este subcapítulo vale lembrar que algumas das informações nele contidas já foram anteriormente trazidas neste trabalho, e o motivo da repetição deve-se unicamente para manter a linha de raciocínio na busca de compreender este que é um dos mais importantes segmentos do surfe. O surfe de ondas gigantes teve, obviamente, o mesmo início do surfe. Porém, este braço do esporte teve seu princípio, algum tempo depois em relação ao surfe convencional, quando os seus praticantes partiram em busca de mais emoção e ondas cada vez maiores. Isso se deu, inicialmente, no paraíso dos surfistas, o Havaí, mas precisamente no *North Shore* havaiano, na ilha de Oahu. O surfe de ondas grandes se

diferencia em diversos aspectos do surfe convencional. O equipamento usado é diferente, no surfe convencional usa-se pranchas cada vez menores, que proporcionam mais velocidade e mais mobilidade na onda. Em comparação, o *big surf*<sup>41</sup> usa pranchas maiores e mais grossas, que proporcionam maior aceleração na ramada e mais estabilidade na onda. Esse ponto já, busca de ondas cada vez maiores e busca de manobras cada vez mais radicais, já foi ponto de desunião entre os surfistas.

Porém, com a evolução contínua do surfe o preconceito e a rivalidade de outrora foi trocado por uma compreensão mútua além da troca de experiências. Os surfistas passaram a praticar mais de uma modalidade, e assim, na busca de maiores desafios, os *big riders* inventaram o *tow-in*, e com isso passaram a surfar ondas impossíveis de serem aproveitadas no surfe de remada.

Esses surfistas que iniciaram o surfe de ondas grandes, não apenas iniciaram uma modalidade de surfe, mas também foram precursores da cultura do surfe. Nos anos 50, em meio a Guerra Fria, eram jovens que não se importavam em buscar dinheiro e enriquecer, ou defender as divisas do país. Eles buscavam algo maior, mais inspirador, eles queriam curtir a vida, se divertir. Quando eles descobriram o paraíso do surfe de ondas grandes da época, o Havaí era um local pouco visitado e pouco explorado, ainda mais se comparado com os dias de hoje. Quando eles entravam no mar, se houvesse mais oito ou nove surfistas na água era um dia de mar cheio, ou como na gíria do surfe, a *crowd*<sup>42</sup> estava na água.

Esses desbravadores também ajudaram a evoluir o esporte. Eles que surfavam com longboards tinham que evoluir, estavam desbravando o Havaí, e ao se depararem com Sunset Beach, famosa praia de ondas gigantes, perceberam a necessidade de pranchas que dessem estabilidade mas que proporcionassem mais velocidade, e aí surgiram as *Guns*. Esse modelo de prancha segundo o documentário *Riding Giants* “long narrow surfboards designed exclusively to catch the fast moving 25 foot waves of Waimea”<sup>43</sup>

As ondas de Waimea Bay são um marco histórico para o *big surf* e foram consideradas as melhores ondas para os *big riders* até meados dos anos 80, quando o jovem surfista Jeff Clark descobriu uma onda escondida no norte do estado da Califórnia chamada Mavericks. Na verdade, Clark descobriu Mavericks em 1975, porém a praia ficava num local deserto numa baía chamada *Half Moon Bay*, e só começou a ser surfada por mais pessoas 15 anos

---

<sup>41</sup> *Big Surf* – Surfe de ondas grandes.

<sup>42</sup> *Crowd* – substantivo masculino. Multidão, ajuntamento. Na gíria do surfe, significa que o mar está cheio de surfistas disputando as mesmas ondas.

<sup>43</sup> “Pranchas longas e finas desenhadas exclusivamente para pegar as rápidas ondas de 25 pés de Waimea.” (Tradução nossa)

depois, em 1990. Tudo estava perfeito para o crescimento de Mavericks até que em 1994 o havaiano Mark Foo, uma lenda do surf de ondas gigantes morre após um *wipeout*<sup>44</sup> em uma onda mediana. Foi um marco triste na história deste santuário dos *big surfers*.

Em dezembro de 1992 o *tow-in* começa a ser desenvolvido por Laird Hamilton em conjunto com seu amigo, e também surfista profissional Buzzy Kerbox além do salva-vidas de *Waimea Bay*, Darrick Doerner. Eles se equiparam de um bote inflável motorizado, foram até o *line-up*<sup>45</sup> de *Waimea* e iniciaram o surfe rebocado ou o *tow-in surfing*. “Neither of the three couldn’t imagined that, the time they got back to the beach that afternoon, big wave surfing would be changed forever”.<sup>46</sup>

E não mudou pelo tamanho das ondas que eles estavam surfando naquele dia, mas sim pelo equipamento usado. Nunca o surfista fora rebocado até a onda, ele sempre precisou remar, usar sua força e suas limitações para poder surfar, e agora, com o advento da tecnologia, da força mecânica, os surfistas poderiam ultrapassar os limites que surfistas como Greg Noll encontraram em sua época. Não tardou para que o bote inflável fosse substituído pelo jet-ski, e ondas gigantescas começaram a serem surfadas. O *outside reef* de *Waimea Bay*<sup>47</sup> não seria mais uma missão suicida e picos como *Jaws* seriam, agora, a Meca do surfe, e ao invés de surfarem ondas de até 30 pés, como no surfe de remada eles estariam desafiando todos os limites enfrentando ondas de até 80 pés. Além disso, o surfe de ondas gigantes sofreu sua mais radical transformação no equipamento. Além do uso de jet-skis, os surfistas diminuíram o tamanho das suas pranchas, afinal, elas eram tão grandes apenas para que eles pudessem entrar nas ondas com a remada e, uma vez que não precisavam mais remar para conseguirem surfar tais ondas eles não precisavam mais de pranchas tão grandes.

Estes surfistas, Jeff Clark, Greg Noll, Laird Hamilton, entre os outros tantos que não foram citados, mudaram o rumo do surfe, não apenas do surfe de ondas grandes, mas do surfe em geral, contribuindo para sua cultura e para sua evolução de maneira ímpar.

---

<sup>44</sup> *Wipeout* – Gíria do surfe que em português é chamada de *vaca*, que é quando o surfista cai da onda.

<sup>45</sup> *Line-up* – Gíria do surfe que em português é chamada de *pico* (vide nota de rodapé 9)

<sup>46</sup> “Nenhum dos três poderia imaginar que, quando eles voltassem para a praia naquela tarde, o surfe de ondas grandes teria mudado para sempre” Trecho retirado do documentário *Riding Giants* (2006). (Tradução nossa)

<sup>47</sup> *Outside reef de Waimea Bay* – É uma bancada de coral que existe nessa praia mais afastada de onde as ondas normalmente quebram. Este pico só quebra quando uma ondulação muito grande encosta no litoral formando ondas gigantescas que fecham a baía de *Waimea*.

### 3.4 CULTURA DO SURFE NO BRASIL

Assim como a história do esporte no Havaí, não existe uma data precisa para a chegada do surfe no Brasil.

Uma investigação levada a efeito por Marcello Árias, embasado também em outros dois pesquisadores, Alex Gutemberg e Diniz Iozzi, ressalta o surgimento do surfe brasileiro neste período, mas com duas vertentes. A primeira, entre os anos de 1934/36, pelo americano naturalizado brasileiro Thomas Rittscher e, a segunda, em 1938, no canal 13 de Santos-SP, por Osmar Gonçalves, acompanhado de Silvio Malzoni e João Roberto Suplicy Haffers. A partir de instruções da revista eletrônica americana *PopularMechanics*, trazida por seu pai, Osmar retirou ensinamentos para a construção da “tábua havaiana”, que se configurou como a primeira prancha produzida no país. Assim, pode-se creditar a ele também o título de primeiro shaper nacional. Considerando as duas versões, o autor ressalta o pioneirismo de todos os protagonistas, considerando Thomas como o primeiro estrangeiro a surfar no Brasil, e Osmar como o primeiro surfista brasileiro. (AMORIN, Simone; BITENCOURT, NAVARRO e VIGNE. Atlas do Esporte, 11.3)

Mas o que se sabe é que o esporte só começou a ganhar corpo no Brasil na década de 50. O Rio de Janeiro sempre como expoente do surfe tinha em Paulo Preguiça e companhia seus grandes surfistas. No final da década o esporte começa a evoluir e as pranchas deixam de ser produzidas com madeira compensada e passam a ser produzidas com material naval, as chamadas “madeirites”. Apenas na década de sessenta o Brasil teve seu primeiro campeonato de surfe, obviamente no Rio de Janeiro, na praia do Arpoador. Mas, analisando a situação do esporte, pode-se concluir e ele estava em evolução, pois um campeonato, por menor que seja, necessita de recursos, patrocinadores, apoiadores, competidores e público. O surfe no país sofreu, e ainda sofre, o mesmo problema de todos os esportes, exceto o futebol, que é a falta de apoio. Não obstante, os surfistas nacionais sofreram, e sofrem, os mesmos preconceitos que os surfistas estadunidenses.

Porém, já na década de 60 surgem aqueles que serão os expoentes do surfe nacional até os dias de hoje. Obviamente, surgem outros grandes surfistas, mas somente porque nomes como Ricardo Bocão, Rico de Souza, Betão, Maraca, Otávio Pacheco, entre outros nomes cariocas. Mas, em expansão, o surfe já abrangia outros estados como São Paulo e Rio Grande do Sul. Em 1964, chega ao país a fibra de vidro, material usado para cobrir as pranchas de poliuretano deixando-as mais resistentes e impermeáveis.

Na década de 70, os surfistas sofreram muito com a ditadura militar, a estereotipagem que sofriam devido ao movimento hippie, que como já foi dito, tem muitas semelhanças com o surfe e com o preconceito das pessoas. Mas os amantes do esporte não fizeram por menos e foram atrás de receita e apoio ao surfe.

Alberto Pecegueiro, Flávio Dias, Livio Bruni Jr. e Nelson Machado conseguiram junto a International Professional Surfers-IPS um maior investimento no surfe brasileiro e, assim, uma série de outras promoções foram realizadas, atraindo cada vez mais o interesse do público, da mídia e dos patrocinadores. (AMORIN, Simone; BITENCOURT, NAVARRO e VIGNE, Atlas do Esporte, 11.4)

Também em 70, segundo a revista Fluir (edição especial de aniversário, outubro de 2000, p. 84) é lançada a primeira revista especializada do país, a Brasil Surf, que ajudou a difundir mais o esporte além de contribuir para retirá-lo da marginalização.

Nos anos oitenta uma verdadeira revolução aconteceu em tudo que é relacionado ao surfe. Porém, não foi apenas de louros que viveu essa década. No início de seus dez anos o esporte sofreu muito com a crise que o país enfrentou, passando um período de escassez pela falta de recursos. Mas, com a recuperação econômica,

a segunda metade deste período, retornou com força à fase dos grandes campeonatos, entre eles, os da marca OP, na região sul do país, que impulsionou o crescimento do número de adeptos. (AMORIN, Simone; BITENCOURT, NAVARRO e VIGNE, Atlas do Esporte, 11.4)

Assim, com a maior aceitação do esporte e com a mídia divulgando constantemente os acontecimentos relacionados à indústria brasileira não deixou para menos e passou a explorar o surfe.

Daniel Zaki Setton foi um dos pioneiros na fabricação de calções específicos para a prática do esporte e, posteriormente, unindo-se a Mandinho e outros companheiros, fundou a Lighting Bolt, primeira empresa de surfwear. Com a fundação da OP, por Sydney Tenucci Jr. Novas empresas despontaram no mercado como: Mormaii, Hang Loose, Sundek, Fico, Town & Country. (AMORIN, Simone; BITENCOURT, NAVARRO e VIGNE, Atlas do Esporte, 11.4)

Os veículos de comunicação também não ficaram de fora desse novo ramo cujo potencial não era conhecido ainda. Com isso, além da revista Brasil Surf, surgem outras revistas especializadas como a revista Fluir, hoje consagradamente a maior revista especializada em surfe no Brasil, além de outros títulos na

mídia segmentada [como] o jornal carioca Staff, Now e as revistas Inside, Surf Nordeste, Swell, Costa Sul, Hardcore, Surfer, Trip, Quiver, Terapia Intensiva e Ação. No final dos anos 1980, o surfe brasileiro começa a firmar-se no cenário internacional com potência. (AMORIN, Simone; BITENCOURT, NAVARRO e VIGNE, Atlas do Esporte, 11.4)

A década de 90 veio para fechar com chave de ouro o século XX. O país em plena expansão econômica, o esporte com cada vez mais crédito na sociedade e na mídia acabou por atrair um público cada vez maior para o surfe. Surfistas que se consagraram mundialmente na década anterior como Fábio Gouveia, serviram de inspiração para uma nova leva de grandes surfistas que, cada vez mais, tinham condições de competir em igualdade com os tops do WCT. Nos anos noventa surgiram grandes nomes para o cenário mundial como os irmãos Padaratz, que possuem quatro títulos da divisão de acesso ao WCT, o WQS, e Victor Ribas, que foi o brasileiro que terminou melhor colocado no *tour*, quando conquistou a terceira posição em 1999, mesmo ano em que o circuito nacional de surfe foi organizado, evoluindo para trazer mais condições aos surfistas e mais possibilidade de lucros para todos. O SuperSurf, como passou a ser chamado o circuito nacional, tem conseguido atrair mais patrocinadores e mais competidores, elevando o nível do surfe nacional, visando, além da maior circulação de capitais, uma possibilidade dos surfistas brasileiros atingirem um nível de competição parecido com o dos surfistas estrangeiros.

Mesmo com a afirmação do surfe no país, a virada do milênio começa com dificuldades para os brasileiros. As novas gerações têm dificuldades para conseguirem treinar em ondas de qualidade internacional, com isso, sofrendo no circuito. O Padaratz mais novo, Neco, conquista dois títulos consecutivos do WQS, 03 e 04, mas não consegue se firmar no WCT. Em 2005, a maior promessa do surfe brasileiro, Adriano de Souza, o Mineirinho, vence a divisão de acesso, mas em 2007 quem brilha na primeira divisão do surfe é o gaúcho Rodrigo “Pedra” Dornelles que conquista um excelente décimo nono lugar no *tour*. O gaúcho, por sua vez, não consegue manter o mesmo desempenho no ano seguinte e cai para o WQS. Após dois anos de circuito profissional, Adriano de Souza evolui nas competições e se firma

como top 10 do circuito ficando em quinto lugar no ano de 2008 e mantendo-se entre os cinco primeiros em 2009, além de faturar seu primeiro título de etapa do WCT neste ano.

Com este desempenho constante dos brasileiros, a luta por patrocínio ainda é difícil e muitos surfistas tupiniquins têm dificuldades para conseguirem viajar pelo mundo acompanhando os campeonatos e correndo todas as etapas. Acredita-se, contudo, que, com a evolução dos surfistas nacionais, e a exposição dos seus patrocinadores em nível mundial, os brasileiros passem a ter maior apoio. A única certeza que se tem é que o esporte é uma realidade no país, e continua em expansão, não só girando a economia, como enraizando seus costumes e tradições no país.

### 3.5 CULTURA DO SURFE NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Neste subcapítulo, será tratado principalmente a questão do surfe no estado de Santa Catarina. Este é, sem nenhuma dúvida, dos três estados do sul, o estado com maior relevância para o surfe por oferecer algumas das melhores praias para o surfe do Brasil, além de ser o berço de uma das maiores lojas especializada do país, a Mormaii. Além disso, não há a menor dúvida de que a cultura do surfe em toda região sul do país sofre influência deste estado por ser, este, inclusive, o palco de um evento fixo do WCT.

Marco Aurélio Raimundo é o criador da empresa Mormaii. Ele trouxe seus conhecimentos para um dos paraísos do esporte no Brasil: Garopaba, no estado catarinense. A Mormaii é uma das marcas de surfe mais conhecidas no país, e teve seu início nos invernos viciado pela adrenalina do esporte desafiava o impiedoso inverno sulista para aproveitar a época com melhores ondas no sul – vale lembrar, que na época em que Morongo, como é conhecido Marco Aurélio, desbravou o litoral ainda não existia a *crowd* no mar, então o único impedimento para a prática do esporte ainda era a temperatura da água e o clima bravio do sul. Morongo começou a desenvolver, então, roupas que permitissem que o surfista ficasse mais tempo na água, apesar do frio, criando roupas de borracha, inicialmente inspiradas em roupas de mergulho. O problema é que roupas de mergulho são muito grossas devido a diferença das práticas. O surfe envolve muito mais mobilidade do que o mergulho, ou seja, o surfista necessita de roupas que permitam mais movimento, movimentos mais rápidos e que não demandem tanta dispensa de energia. As ideias de Morongo foram tão aceitas que ele começou a desenvolver cada vez mais seu produto e também começou a produzir roupas para

os outros amantes do esporte terem a oportunidade de praticar em condições adversas. Foi assim que Morongo, criou a Mormaii (que junta suas iniciais com as de sua esposa: Mor de Morongo e Maii de Maiira), que hoje é essa mega empresa mundialmente conhecida pela qualidade de suas *wetsuits*<sup>48</sup>.

Segundo o site da empresa “a marca Mormaii surgiu então em 1975, um ano depois da chegada do médico Marco Aurélio Raymundo (Morongo) a Garopaba” e hoje, esta empresa que já existe

há 30 anos [...] fortalece suas parcerias comerciais com a participação de representantes, franqueados e licenciados, entre outros colaboradores. São 26 lojas Mormaii e cinco quiosques exclusivos, instalados em diferentes locais do Brasil. O número de pontos de vendas Mormaii é de aproximadamente 20 mil, cobrindo todo o território nacional. (Sem autor)

Além disso, a empresa segue em forte crescimento, apesar das crises mundiais, demonstrando toda a força deste esporte que move milhões de dólares por mês, no mundo. Segundo Valéria Bittercourt – mestrandia da UGF/RJ, que realiza estudos sobre a Gestão do Surfe – o mercado do surfe envolve em torno de 140 mil pessoas e movimentações financeiras acima de R\$ 2,5 bilhões. Além disso, ela expõe que o crescimento nesse nicho de mercado é em torno de 10% ao ano com, no Brasil, aproximadamente 13 mil estabelecimentos comerciais especializados em produtos para os praticantes do esporte.

A afirmação de empresas ligadas ao surfe no território serve também para arraigar ainda mais a cultura do mesmo no estado, e até mesmo no país, já que existem diversas lojas espalhadas pelo Brasil. Não é a toa que os catarinenses respiram o surfe, também influenciados por surfistas top de linha como os irmãos Neco e Teco Padaratz. Os irmãos entraram para o hall da fama no país, justamente na explosão do esporte, na década de 90. Além disso, o estado catarinense recebe todos os anos milhares de turistas que buscam suas praias paradisíacas e suas ondas de nível superior.

---

<sup>48</sup> *Wetsuits* – Roupas para a prática do surfe. Tanto roupas de proteção como as roupas de neoprene quanto bermudas e camisetas de lycra.

### 3.6 CULTURA DO SURFE NO RIO GRANDE DO SUL

Segundo Valéria Bittencourt (2006), o surfe no estado gaúcho tem seus primeiros registros no final da década de 60 com família Johanpeter e com a família Shefton. Porém, a história do surfe gaúcho não é de tantas glórias como a do estado vizinho, fato facilmente explicado pela falta de praias com condições ideais para a prática do surfe, como no estado de Santa Catarina, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros. Com um litoral pouco recortado e sem muitas falhas geológicas, o Rio Grande do Sul oferece boas condições de surfe apenas nas praias da cidade de Torres e nos píers espalhados por todo litoral. Ainda assim, como é tradicional no gaúcho, o esporte cresce independente das dificuldades. Os surfistas gaúchos se espalham pelo país e, em todas as oportunidades, invadem outros estados e até mesmo outros países, como o Uruguai, em busca de ondas de qualidade. Além das duas famílias citadas, nos anos 70 o Rio Grande do Sul exportou seu maior talento empresarial relacionado ao surfe: Marco Aurélio Raimundo, Morongo, dono da loja Mormaii. Médico formado em Porto Alegre, ele se mudou para Garopaba, no estado de Santa Catarina, nos anos setenta em busca de ondas de qualidade e criou sua própria marca de roupas de borracha para o surfe. A marca se expandiu e hoje é internacionalmente conhecida.

O Rio Grande também deu ao país o melhor surfista do ano de 2007, Rodrigo “Pedra” Dornelles, natural de Porto Alegre, mas que reside em Torres, principal praia do litoral gaúcho. O estado conta com outros surfistas de gabarito, como Daison Pereira, que compete no circuito nacional de surf, o SuperSurf.

#### 4 HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL

Culturas híbridas, como o próprio nome sugere, é a junção de mais de um tipo cultural. Hoje em dia, com o nível de modernidade atingido, todas as culturas são híbridas. É impossível manter-se desligado completamente de outras pessoas, outras notícias, enfim, isolado completamente do mundo. Contudo, esse estudo mostra a integração entre duas culturas específicas: a cultura gaúcha e a cultura do surfe. Vale ressaltar que nenhuma das culturas analisadas são culturas puras. Elas já são, em si, culturas híbridas, provenientes de uma vasta mistura que não será analisada tão profundamente. A cultura gaúcha, por exemplo, é proveniente tanto das imigrações européias, quanto da cultura indígena já existente quando os europeus chegaram, e, também, da cultura “gaucha” dos vizinhos castelhanos, isso sem citar todos outros fatores que influenciaram a cultura gaúcha. A cultura do surfe, por sua vez, surgiu da integração entre os polinésios, inventores do surfe, os havaianos e os norte-americanos da porção continental, no caso, principalmente os californianos.

O hibridismo cultural faz parte das relações humanas desde os primórdios, como Peter Burke (2003) defende em seu livro, tomando por base diversos estudiosos. Desde a hibridização entre o Império Romano com sábio povo grego, a integração entre as culturas é cada vez mais inerente à existência social humana. Eu me atrevo, inclusive, a afirmar que este processo existe desde que o homem começou a viver em sociedade. Assim como Burke acredita, subjugar completamente outras culturas é um fato deveras complicado, apesar de alguns povos ousarem tentar impor suas culturas. A história européia é uma prova de como é difícil subjugar por completo uma cultura, afinal, é recheada de impérios que ousaram de uma forma ou de outra impor seus costumes, tradição e religião a outros povos e foram relativamente fracassados em suas tentativas. A Roma antiga falhou ao tentar impor suas tradições de forma deliberada, tentando acabar com os costumes locais. A própria língua dos exércitos romanos era distinta. O grande império romano foi um exemplo de sopa cultural.

Eles [alguns historiadores] costumam acreditar que processos como os de helenização, romanização, hispanização e anglicização e assim por diante foram vitoriosos. Hoje, no entanto, a uma forte tendência a negar este sucesso, a argumentar, por exemplo, que os romanos nunca tiveram uma penetração profunda nas culturas das diferentes partes de seu império. (BURKE, 2003, p. 110-111)

A colonização da África é outro bom exemplo, em que vários países europeus tentaram justapor seus costumes aos africanos, criando problemas internos até os dias de hoje, como guerras civis e povos totalmente diferentes tendo que viver juntos em um mesmo país. Outro bom exemplo é o de grandes metrópoles como Amsterdam, onde houve uma grande imigração. Assim, com a chegada de alemães, escandinavos judeus e turcos, povos totalmente diferentes tentaram-se criar, entre as diferentes “tribos”, comunidades nas quais haveria uma separação cultural, cada povo viveria apenas entre os seus. Esta tentativa foi sendo corrompida e mesmo com todo o esforço dos povos de manterem-se alheios a outras culturas elas acabaram sendo “gradualmente assimilada[s] à cultura urbana local, embora acrescentando algo de novo à mistura” (BURKE, 2003, p. 71-72).

Hoje em dia, todas as culturas são, na verdade, essa mescla, esse “ensopado” como sugere Burke (2003, p. 21). As culturas latinas são o ápice da hibridização. Receberam influência de diversas culturas, diversos continentes, e, neste ponto, a cultura brasileira é internacionalmente conhecida por este fato. Um país em que algumas pessoas acreditam tanto na religião católica quanto no umbandismo, misturam catolicismo, religiões pagãs, espiritismo, assim como em uma sopa, a qual “os ingredientes, por mais variados que sejam, são liquidificados e homogeneizados” (BURKE, 2003, p. 21). Portanto, não é difícil de imaginar que a cultura do surfe iria se arraigar por estas bandas, como fez. O que é, por sua vez, um pouco mais complicado de se compreender, é como a cultura do surfe se alocou no estado gaúcho, um estado mais fechado para a entrada do novo, seja novas culturas, novos produtos, etc., e que não proporciona as mínimas condições para a prática do esporte. Quiçá, como fora citada em algumas das entrevistas, a relação tão bem sucedida venha dessa questão marcante do gaúcho de luta contra todos os obstáculos, contra todas as dificuldades, como citado pelo entrevistado GC, “nós, gaúchos, lutamos contra o mar ruim e as baixas temperaturas. Talvez essa vontade de não se entregar por qualquer coisa” que faça este esporte crescer tanto, criar raízes no estado, como se este fosse um dos precursores no país. A esse processo, Burke (2003, p. 44) usou o termo “assimilação” para representar a chegada de uma nova cultura que vai tomando conta da cultura pré-existente. No caso do surfe, a cultura nova não chega a dominar como no exemplo dos índios estadunidenses, utilizado por Burke, o que acontece no estado gaúcho, por sua vez, é a “assimilação” da nova cultura, a “transculturação de mão dupla” sugerida pelo sociólogo cubano Fernando Ortiz (Burke, 2003, p. 44).

Não é novidade que o Brasil é um país cujo povo é oriundo de uma grande miscigenação. Em todo o país diferentes culturas uniram-se, por motivos diversos, formando

uma nova nação e muitas novas culturas. No estado gaúcho, como citado anteriormente, os alemães, italianos e açorianos, fora outros povos em menor expressão, formaram a região trazendo consigo suas tradições e costumes, adaptando-os, unindo-os, criando uma nova cultura junto com a nativa e junto com a cultura dos pampas. Toda essa miscigenação criou as tradições gaúchas, em algumas regiões mais marcantemente do que em outras, mas de qualquer forma, nasceu assim o gaúcho tradicional. Culturalmente, sabe-se que esse gaúcho é um povo muito fechado, forjado em uma cultura tradicionalista patriarcalista, porém, como Burke (2003) afirma, nenhuma cultura consegue manter-se ilhada, e todas as culturas estão em diferentes níveis sujeitas a sofrerem influência e se modificarem, se hibridizarem. Portanto, a identidade gaúcha se modificou, mantendo alguns de seus padrões tradicionais,

Identidade, contemporaneamente, então, não se circunscreve apenas ao território, mas a ação sociocomunicacional, articulando local, regional, nacional, internacional e o pós-nacional, questão emergente a partir dos vários tratados de livre comércio que estão em vigor. Isso, entretanto, não quer dizer que o território perde sua significação, apenas deve ser somado as participações em redes comunicacionais. Conclui assim que a modernidade/pós-modernidade, não acaba com o tradicional, apenas o transforma, e que a identidade não pode ser atemporal, mas histórica. (JACKS, 1999, p. 35-36)

A memória tem função essencial neste processo em que a identidade cultural é tão marcante como no estado gaúcho, pois

se não houver memória, a mudança será sempre um fator de alienação e desagregação, pois inexistiria uma plataforma de referência, e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho do passado esvaziando para o vazio do futuro. (MENESES *apud* JACKS. 1999. P. 65)

Assim, não é de se estranhar que a cultura do surfe se impregnou pelo estado de uma forma muito marcante, mas sem anular a cultura pré-existente. Desta forma, como Jacks (1999, p. 58) afirma “comunidades de apropriação: mais de uma comunidade de referência que tem relevância no processo de recepção”, para, a partir, deste ponto, iniciar-se o processo de formação de culturas híbridas, no caso do estudo, cultura do surfe e cultura gaúcha.

O pertencer a diversas comunidades de apropriação faz com que o receptor tenha diversas “comunidades de referência”, cuja relevância no processo de recepção vai ser determinada pela situação empírica do objeto de análise. Além disso, em função da análise, comunidades de apropriação podem tornar-se de referência, basta o investigador fazer um corte em determinada etapa da recepção, como por exemplo a comunidade escolar. Nessa situação haverá sempre uma comunidade de apropriação e várias de referência. Como decorrência, as comunidades de referência tanto podem coincidir com as de apropriação, como não, influenciando diversamente no processo de interpretação da mensagem. Coincidindo ou não, no geral são mais complexos para serem identificadas e avaliadas do que as comunidades de apropriação, mas são fontes importantes para conhecer as identidades das audiências: sexual, etária, étnica, geográfica, socioeconômica, assim como a da subcultura a que pertença o receptor. Estas comunidades, pelo visto, são constituídas basicamente pelas mediações estruturais. (JACKS, 1999, p. 58 – 59)

Desta forma, não é difícil de entender porque até mesmo pessoas que não surfam e que não partilham da cultura são afetados por ela, principalmente na forma de se vestir, algo extremamente marcante. Roupas de surfe são frequentemente vistas pelas ruas do estado. Não é raro encontrar na praia carros de cidades distantes do litoral, que se deslocaram por horas apenas para passar um final de semana na praia. Assim como “os missionários europeus [que] foram obrigados a convencer seus ouvintes, em outras palavras a se adaptar à cultura nativa, a fazer concessões” (BURKE, 2003, p. 66) a cultura do surfe se adaptou a cultura gaúcha e vice-versa, ambas fazendo concessões e moldando-se a realidade local, “a mudança cultural aconteceu, como sói acontecer, por acréscimo e não por substituição” (Burke, 2003, p. 47). Não é a toa que o surfista gaúcho sempre leva consigo algo típico do estado em suas viagens. Todos os entrevistados responderam que levavam consigo algo que o caracteriza como gaúcho, seja o chimarrão, seja alguma vestimenta, a música ou alguma atitude, todos levam consigo alguma marca da sua cultura nas *surftrips*.

Ao sair do estado, ou até mesmo do país, é fácil reconhecer o gaúcho. Três características culturais mais observadas em surfistas do Rio Grande do Sul são o chimarrão, o churrasco e a música. A música tradicionalista é amplamente apreciada, principalmente por moradores litorâneos e do interior do estado, além de alguns metropolitanos que gostam de exaltar suas origens. O churrasco é tradição absoluta, porém pode-se observar mais nas casas e supermercados, portanto, dificultando a diferenciação do gaúcho com o povo local. E, por fim, o chimarrão, que sem dúvida é o item que mais identifica o gaúcho fora do estado, e não só isso, mas também demonstra a hibridização das culturas.

É muito comum ver as pessoas usando roupas de surfe, ou com seus equipamentos para a prática do esporte e com o chimarrão acompanhando quase que permanentemente. Na linguagem a identificação dessa transformação também é muito marcante, sendo este um tema

também utilizado pelos estudiosos da hibridização cultural como Peter Burke e Néstor García Canclini. Em seu livro *Hibridização Cultural* (2003), já citado neste trabalho, Burke utiliza-se de várias metáforas para definir seu trabalho, e, ao citar as questões linguísticas utiliza-se de alguns termos muito úteis, nesta parte. O primeiro é “língua macarrônica” para o processo de línguas híbridas. No caso dos gaúchos em sua junção com os costumes do surfe, além do sotaque, palavras como “bá” e “tchê” – absolutamente tradicionais gaúchas – misturadas com gírias provindas da cultura do surf como “roots” e “drop”. Logo em seguida, já se utiliza do termo “fusão cultural” que, “inspirado pela física nuclear, a linguagem da fusão é popular em contextos que vão da música a culinária” (Burke, 2003, p. 50) e se encaixam perfeitamente no caso estudado. É comum ver um surfista gaúcho comendo um sanduíche natural na beira da praia acompanhado do chimarrão, chegar em casa, sua ou alugada, e preparar um típico churrasco, mesmo que fora do estado nem sempre as casas provenham um local ideal, normalmente quando a casa é alugada. Para Canclini (2003), por sua vez, o termo *hibridização* é o que traduz de forma mais coerente o fenômeno, apesar disso, ele mesmo usa diversos termos como *sincretismo* e *mestiçagem* apesar dele não considerá-los tão eficientes para a definição. Mas, para finalizar esta questão, citarei Burke (2003, p. 55), um pouco mais extensamente, para demonstrar a dificuldade de traduzir com exatidão o conceito de hibridização cultural.

Os conceitos de sincretismo, de mistura e de hibridismo têm também a desvantagem de parecerem excluir o agente individual. “Mistura” soa mecânico. “Hibridismo” evoca o observador externo que estuda a cultura como se ela fosse a natureza e os produtos de indivíduos e grupos como se fossem espécimens botânicos. Conceitos como “apropriação” e “acomodação” dão maior ênfase ao agente humano e à criatividade, assim como a ideia cada vez mais popular de “tradução cultural”, usada para descrever o mecanismo por meio do qual encontros culturais produzem formas novas e híbridas.

Já os meios de comunicação de massa têm função de destaque para a propagação das culturas, e com isso, também no seu processo de mistura, de acréscimo, de hibridização. Nilda Jacks (1999, p. 64), tomando por base seus estudos, conclui que,

Nesse sentido, a identidade cultural só é reconhecível no coletivo, como uma espécie de reflexo da imagem social, na qual os MCM desempenham uma função também referencial, na medida em que podem refletir ou não a imagem do coletivo em questão. [...] os meios demonstram estar inseridos no espaço cultural e social nos

quais são fruto; do contrario, evidenciam seu alijamento e, indiretamente, as inúmeras outras possibilidades de identificação de um grupo social.

Mostrando a importância dos meios massivos de comunicação para o processo estudado. Portanto, conclui-se que o Orkut, até pelo fato de o usuário traçar seu perfil, é um coletor de informações seguras, pois lá, as pessoas trazem a tona suas características e buscam amigos ideias em comum nas comunidades, ou apenas entram nos grupos porque a agregação tem uma ideia condizente com o seu perfil. Deste ponto, podem-se identificar as relações midiáticas entre as culturas.

A comunicação como instrumento de inserção e disseminação de práticas culturais sempre é discutida amplamente nos bancos acadêmicos. Observamos que em alguns nichos é mais visível o “poder” de disseminação da comunicação de massa, promovendo culturas, que podem ser novas ou não, mas que ao receptor são alienígenas, levando até estes espectadores diferentes hábitos e práticas. A comunicação de massa deve ser entendida, conforme define Thompson como “produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação ou conteúdo simbólico” (1999, p. 32). A identidade cultural dessa massa que é atingida sofre algumas modificações, podendo adquirir e usufruir cotidianamente ícones culturais diferentes dos de praxe, hibridizando sua cultura e, dessa forma, formando outra.

A prática do esporte surfe no mundo e, principalmente, no Brasil é um exemplo de como a divulgação de práticas culturais podem ser incorporadas e indicadas como identidades culturais. A interface de algumas práticas da cultura nativa gaúcha e a cultura surfe formam uma hibridização cultural, amplamente difundida pelos meios de comunicação de massa como, por exemplo, a televisão e a internet. Um esporte não originário das terras tupiniquins move uma indústria de comunicação ao ser redor.

#### 4.1 RELAÇÕES MUDIÁTICAS ENTRE A CULTURA GAÚCHA E A CULTURA DO SURFE

Com diversas empresas especializadas em *surfwear* e quaisquer outras ligações com o surf, esse esporte move milhões de dólares por mês, no mundo. Segundo Valéria Bittercourt – mestranda da UGF/RJ, que realiza estudos sobre a Gestão do Surfe – o mercado do surfe, em 2004, envolvia em torno de 140 mil pessoas e movimentações financeiras acima de R\$ 2,5 bilhões. Além disso, ela expõe que o crescimento nesse nicho de mercado é em torno de 10% ao ano com, no Brasil, aproximadamente 13 mil estabelecimentos comerciais especializados em produtos para os praticantes do esporte. As empresas que trabalham com esse público começaram trazendo a cultura havaiana arraigada em seus produtos. Empresas de renome mundial como Billabong – que é uma companhia de origem australiana, trazem em seu íntimo o Havaí para o mundo, desde o seu princípio. Hoje, o comércio que envolve produtos relacionados ao surfe cresceu vorazmente, haja vista, o crescimento da cobertura da mídia em torno dos campeonatos de surfe, surfistas e todos os assuntos relacionados ao esporte.

Além desse mercado, outro gigante que leva os costumes desse estado norte-americano, localizado no meio do Oceano Pacífico, é a indústria cinematográfica-midiática. A produção cinematográfica crescente amplia não apenas a quantidade de filmes como os orçamentos dos filmes. Cada vez mais patrocinadores aparecem e até o cinema nacional está acompanhando. No Brasil, desde o ano 2000 diversos lançamentos como *Surf Adventures*, sua continuação o *Surf Adventures 2* e *Fabio Fabuloso*, entre outros filmes provaram que a produção cinematográfica no país tem futuro. Ainda mais com diversos programas de televisão, essa indústria transmite, inclusive, eventos dos campeonatos mundiais de surf – o WCT, World Championship Tour, que inclui a elite do surf mundial, o WQS, World Qualifing Series, a divisão de acesso à elite mundial, e o SuperSurf, que corresponde ao campeonato brasileiro de surfe – ao vivo, seja pela televisão seja via internet. O canal pago de televisão, Sportv, transmite, por exemplo, os campeonatos via internet, podendo ser assistido tanto pelo computador quanto pela televisão. Dessa forma, podemos entender que o surfe tornou-se um produto vendável e está sendo explorado pelas mídias massivas. Conforme Thompson (1999, p.19),

os meios de comunicação tem uma dimensão simbólica irreduzível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem.

Os meios de comunicação, conforme expõe Escosteguy (2001, p. 157), agem como o dispositivo mais poderoso na dissolução de um horizonte cultural comum, (...), encarnam, assim, uma posição mediadora na construção de outras identidades: das cidades, das regiões, do espaço local. Proporcionando a experiência, mesmo que no âmbito virtual, de estar inserido no universo do surfe, os programas de TV divulgam e incentivam a cultura desse esporte. Para Martín Barbero,

Atravessando o movimento de homogeneização que implica a globalização econômica e tecnológica, os meios massivos e as redes eletrônicas veiculam um multiculturalismo que faz rebentar os referentes tradicionais de identidade. (ESCOSTEGUY apud BARBERO, 2001, p. 157).

Neste viés a web se encaixa de forma primorosa, ajudando a expandir os limites do surfe, seja na descoberta de novos lugares para surfar, seja com roupas importadas que podem ser adquiridas via internet, na aquisição de passagens aéreas, enfim, numa infinidade de possibilidades. Hoje, a internet proporciona, em larga escala, ainda que de forma ilegal, que se reproduza ou se faça o *download*<sup>49</sup> de filmes de surfe, impulsionando a indústria cultural. Não obstante, os sites de relacionamento, blogs e mini-blogs cada vez mais presentes na vida dos internautas<sup>50</sup> amplia a velocidade com que se propagam informações. Neste ponto, as comunidades virtuais também atuam como hibridizadoras culturais, ampliando o processo já descrito por Jacks e Canclini, de mistura cultural. Canclini (2003, p. 285-286) afirma que “sem dúvida, a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridização cultural”, indo além, afirmando que a sociedade urbana “dispõe de uma oferta simbólica heterogênea” conectada por “uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação”. Então, o Orkut, neste caso, pode servir como facilitador de uma nova cultura, ou então, de uma cultura não tão nova, como a cultura do surfe no Brasil, que não tem nem 60 anos, em uma cultura tradicionalista relativamente fechada como a gaúcha. Comunidades do

---

<sup>49</sup> *Download* – Baixar arquivos da internet.

<sup>50</sup> Internautas – Usuários da internet.

Orkut como *Rio Grande do Surf, Surf RS, Praia, Surf e Chimarrão Tche!* não apenas servem como prova da hibridização dessas culturas mas também fixam essa mistura, criando uma nova cultura, integrando ambas.

A partir deste ponto, cria-se uma nova identidade, abandonando a gaúcha, aquela que seria única e indiscutível. É aí que acontece um fenômeno que Bauman explica em uma entrevista sua que se tornou o livro *Identidade*.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso- são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer as pessoas, enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (BAUMAN, 2005, p. 17-18)

Assim cria-se uma nova identidade unindo duas culturas tão antagônicas a primeira vista, mas que se analisadas mais criteriosamente, mostram que estes costumes possuem pontos em comum, além de terem se unido harmoniosamente. Inclusive, a partir das entrevistas, foi possível, e aqui me adianto um pouco às considerações finais, perceber que essa união não suprime os hábitos de nenhuma, ela apenas agregou novos valores, que não destroem a cultura nativa, pelo contrário,

diante deste quadro, é possível pensar na hipótese da participação dos meios de comunicação na ativação das identidades culturais, especialmente nos contextos regionais, contrariando a perspectiva que considera os meios de comunicação nocivos as culturas tradicionais. Os dados empíricos apresentados sobre a relação da identidade cultural com os meios massivos permitem pensar nas possibilidades mediadoras destas instituições em pró da construção, manutenção ou ativação das identidades sociais e culturais, regionais e também locais. (JACKS, 1999, p. 150-151)

As comunidades virtuais, portanto, têm mais poder agregador, contrariando a ideia de que os MCM desagregam culturas, ou até mesmo o que alguns estudiosos mais radicais pensavam que os MCM destruiriam as culturas regionais. Porém, aqui, o que se buscou mostrar é como as pessoas e, por consequência, as culturas, apropriaram-se da internet e, a partir dela, deram continuidade à hibridização cultural, já que “o uso das máquinas de

comunicação favorece a criação de redes de sociabilidade” (PERRIAULT *apud* LEMOS, 2002, p. 260).

Afinal, com a popularização cada vez maior da internet, o seu

espírito transgressor, desviante e apropriador, chegando a sua disseminação pelo corpo social, atingindo, mesmo indiretamente, todas as pessoas que têm acesso às novas tecnologias. A cibercultura é a popularização da atitude. (LEMOS, 2002, p.259)

Atitude que é agregada, imitada e até mesmo difundida através de blogs, mini-blogs, redes sociais, entre outros. Em redes sociais como o Orkut, o que se observa é a proliferação de comunidades envolvendo mais de um atributo, comunidades que envolvem hibridizações, como o exemplo do trabalho.

Nas redes sociais e em todas outras ferramentas disponibilizadas pela tecnologia o indivíduo tem a oportunidade de ser o agente da transformação, e não apenas seguir o fluxo das mudanças. Lemos (2002, p. 260) defende que “devemos superar a perspectiva do uso correto ou não das máquinas de comunicação, marcados para sempre pelo estigma do consumidor passivo”. Portanto, é possível compreender os motivos que fazem das redes sociais uma ferramenta cada vez mais utilizada pelas pessoas e, também, o porquê tais redes têm o poder de influenciar nas novas culturas que surgem, misturando, hibridizando as culturas pré-existentes.

#### 4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para proceder as entrevistas buscou-se, antes de mais nada, a seleção da mídia. Escolheu-se a web, mais especificamente o site de relacionamentos Orkut ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)). A escolha do Orkut, como ficou especificada na introdução deste trabalho, deve-se a quantidade de brasileiros que utilizam o site, mais de 51% de acordo com o levantamento demográfico do próprio site da Google, além da sua faixa etária predominantemente de jovens, 71% até 30 anos e quase 54% do total. A partir desta escolha, o passo seguinte a ser dado foi a relação de comunidades que seriam utilizadas. Para isso, realizou-se uma busca

partindo-se das palavras-chave surfe, gaúcho e Rio Grande do Sul. Com tais procedimentos chegou-se a sete comunidades relacionadas às palavras-chave. São elas, Surf RS (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=79015>) (Imagem 2),

**Surf RS**  
631 membros

participar  
denunciar abuso  
fórum  
enquetes  
eventos  
membros

**Surf RS**  
Início > Comunidades > Esportes e Lazer > Surf RS

descrição: Comunidade dedicada ao surf e a preservação das praias do litoral sul brasileiro e GO SURF. Boas ondas

idioma: **não há resposta**

categoria: **Esportes e Lazer**

dono: **Gerson C**

moderadores: **Gerson**

tipo: **pública**

privacidade do conteúdo: **aberta para não-membros**

local: **Brasil**

criado em: **1 de junho de 2004**

membros: **631**

**membros (631)**

Maurícus Rafael Rafael  
André Marcelo Castro Fabiano "Bibi"  
JULIANO Gabriel LIMA Felipe

[ver membros >>](#)

**fórum**

tópico postagens última postagem

Figura 2 – Print screen da comunidade *Surf RS*.

*Surf Gaúcho* (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=15798360>) (Imagem 3),

**Surf Gaúcho**  
33 membros

participar  
denunciar abuso  
fórum  
enquetes  
eventos  
membros

**Surf Gaúcho**  
Início > Comunidades > Esportes e Lazer > Surf Gaúcho

descrição: **NETFRIENDS**  
A pedidos: Sim a pedidos de irmãs e irmãos!!  
Essa comunidade, essa rede de amigos é para ti é pra mim é pra quem contribuiu ou contribui com o surf gaúcho.  
Uma comunidade para a galera que trabalha/trabalhou com o surf gaúcho  
A galera que não vê a hora de cair na água, galera formou ou forma o conceito de surf!! Comunidade pra gaúchos(as), Galera casca grossa!! Galera que curte as remadas!! Pra galera que cai inverno e verão!! Pra galera da prancha, do BODYBOARD!! MINIMALIBU!! FUNBOARD!! LONGBOARD!! Comunidade pra surfistas e simpatizantes!!  
A idéia é manter o contato!!!!!!

idioma: **Português (Brasil)**

categoria: **Esportes e Lazer**

dono: **Cristiano GREMIO**

tipo: **pública**

privacidade do conteúdo: **aberta para não-membros**

local: **PoA, RS, Brasil**

criado em: **23 de junho de 2006**

membros: **33**

**membros (33)**

star ocean Guudi Natália  
Fafá Leandro V H  
Mauricio Gaby ETIELI

[ver membros >>](#)

**comunidades relacionadas**

Figura 3 - Print screen da comunidade *Surf Gaúcho*.

Federação Gaúcha de Surf (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=3361202>) (Imagem 4),

The screenshot shows the Orkut community page for 'Federação Gaúcha de Surf' (FGS). The page includes a navigation bar with 'Inicio', 'Perfil', 'Página de recados', 'Amigos', and 'Comunidades'. The community name is 'Federação Gaúcha de Surf' with 302 members. The description states: 'Federação Gaúcha de Surf (FGS). Para toda a galera que pega onda no Rio Grande do Sul Pra toda a raça que curti, e esta ligado com o esporte de alguma maneira... finais de semana dentro d' água, atletas, shapers, admiradores, galera do free surf, jornalistas, representantes de marcas gaúchas, patrocinadores... www.fgsurf.com.br'. It also mentions '\*Fiquem por dentro dos campeonatos, e eventos que acontecem em todo RS\*'. The language is Portuguese (Brazil), category is 'Saúde, Bem-estar e Fitness', owner is Fernando (II) Coelho, and it is a moderated, open community. The location is 470230, Brasil, and it was created on July 12, 2005. A list of members is shown, including Juliano & Sii, Leonardo, Jonatas, W brasil, filipe fenner, Hanna, João Vicente, \*.R i c a r d o, and njaige. There are also links for 'participar', 'denunciar abuso', 'fórum', 'enquetes', and 'eventos'.

Figura 4 - Print screen da comunidade *Federação Gaúcha de Surf*.

*TuboAéreo* – *Surf* *Gaúcho* *Roots* (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=95693356>) (Imagem 5),

The screenshot shows the Orkut community page for 'TuboAereo - Surf Gaúcho Roots'. The page includes a navigation bar with 'Web', 'Mapas', 'Notícias', 'Livros', 'Tradutor', 'Blogs', 'Gmail', and 'mais'. The community name is 'TuboAereo - Surf Gaúcho Roots' with 4 members. The description states: 'Comunidade pra todo mundo que curte surfe e a companhia irada da galera do TuboAereo!'. The language is Portuguese (Brazil), category is 'Recreation & Sports', owner is Luciano (Cachopa) Sampras, and it is a moderated community with members-only content privacy. The location is Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, and it was created on October 29, 2009. A forum section shows a topic 'Entrevista' with 1 post and a last post on 30/10/2009. A list of members is shown, including EricStolting, Luciano, Max, and Diego. There are also links for 'promote', 'edit profile', 'forum', 'polls', 'events', 'members', 'spam', and 'bin'. Related communities are listed, including 'Churrasco (370,922)', 'Chimarrão (250,376)', 'Rio Grande do Sul - RS (389,981)', 'Kelly Slater - The Genius (13,063)', 'Capão da Canoa (13,695)', and 'SURF NO URUGUAY (30)'.

Figura 5 - Print screen da comunidade *TuboAereo – Surf Gaúcho Roots*.

Rio Grande do Surf (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=44170>) (Imagem 6),

The screenshot shows the Orkut community page for "Rio Grande do Surf". The page includes a header with navigation links, a search bar, and a main content area. The community description is "Pra galera gaúcha que quebra tudo quando cai na água." The language is Portuguese (Brazil), and the category is Recreation & Sports. The owner is Bernardo Mattioda, and the moderators are Marcelo. The community was created on April 20, 2004, and has 21,250 members. A forum section lists several topics with their respective post counts and last post dates. A sidebar on the right shows a grid of member profiles and a section for related communities.

**Rio Grande do Surf**  
 description: Pra galera gaúcha que quebra tudo quando cai na água.  
 REGRAS:  
 -Sem propagandas.  
 -Para vender/anunciar um produto procure o tópico VENDE-SE.  
 language: **Portuguese (Brazil)**  
 category: Recreation & Sports  
 owner: Bernardo Mattioda  
 moderators: Marcelo  
 type: public  
 content privacy: open to non-members  
 location: Brazil  
 created: 20 April 2004  
 members: 21,250

topic	posts	last post
[Video-Aulas] Manobras	1	02/12/2009
Produtos de Natação Hammerhead	1	02/12/2009
Jam Session e Show Banda Sanatório no Joe's!	1	02/12/2009
BOAT TRIP FLORIPA	1	01/12/2009
LOCAÇÃO DE VAN	1	30/11/2009

**members (21250)**  
 João, Tiago, RICARDO, Eduardo, Felipe, João, EDUARDO, Luiz, Rafael

**related communities**  
 Surf Feminino (74,134), Placa do Madrugada da Free-way (4,520), Adriano Mineirinho (2,770), Pé de Pano F.C. (155)

Figura 6 - Print screen da comunidade *Rio Grande do Surf*.

*Praia, Surf e Chimarrão Tche!* (Imagem 7)  
 (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=14392793>)

The screenshot shows the Orkut community page for "Praia, Surf e Chimarrão Tche!". The page includes a header with navigation links, a search bar, and a main content area. The community description is "Praia, surf e chimas... isso eh td pessoal! :)". The language is Portuguese (Brazil), and the category is Esportes e Lazer. The owner is Aline Hartmann, and the type is pública. The community was created on May 29, 2006, and has 23 members. A sidebar on the right shows a grid of member profiles and a section for related communities.

**Praia, Surf e Chimarrão Tche!**  
 descrição: Praia, surf e chimas... isso eh td pessoal! :)  
 idioma: **Português (Brasil)**  
 categoria: Esportes e Lazer  
 dono: Aline Hartmann ☺  
 tipo: pública  
 privacidade do conteúdo: apenas membros  
 local: Brasil  
 criado em: 29 de maio de 2006  
 membros: 23

**members (23)**  
 Luciano, Gilio, Rick ViEiRA, Vini, Naná, MATHEUS, Bi, Clack, Mari

Agora os donos de comunidades podem ocultar determinados recursos. Entre em contato com o dono caso deseje reativar fóruns, enquetes ou eventos nesta comunidade.

Figura 7 - Print screen da comunidade *Praia, Surf e Chimarrão Tche!*.

e *Surfistas Gaúchos* (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1419706>) (Imagem 8).

The image shows a screenshot of the Orkut website interface for the community 'SURFISTAS GAUCHOS'. The browser's address bar shows the URL 'http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1419706'. The page header includes the Orkut logo and navigation links like 'Início', 'Perfil', 'Página de recados', 'Amigos', and 'Comunidades'. The user's name 'lucianomurr@gmail.com' and a search bar are also visible.

The main content area features a community profile for 'SURFISTAS GAUCHOS' with 1,319 members. The description reads: 'Você é gaúcho?? De nascência ou de criação?? Gosta de um bom churrasco?? Torce pra alguém da dupla gre-nal?? Ou já desistiu por causa dos fracassos?? Ahhhhh....pega onda??? Ou elas lhe pegam?? Fim de semana é dia de ir pra praia?? É?? É mesmo?? Bom: ENTÃO ESSA É A SUA COMUNIDADE!!! Comunidade pra juntar a galera do surf de todo o rio grande, do Chuí à Frederico Westfalen!!! Tô falando sério: vamu fazê umas trips, muita festa, tomá muito porre e pega muita onda!!! Add ae gurizada, e vamu cai na água! ps: a comunidade tá moderada agora por causa dos spams e dos paga pau de surfista'. Below the description, metadata is provided: idioma: Português (Brasil), categoria: Esportes e Lazer, dono: Vinicius Amaral, tipo: moderada, privacidade do conteúdo: aberta para não-membros, local: Brasil, criado em: 24 de fevereiro de 2005, and membros: 1.319.

On the right side, there is a 'membros (1319)' section displaying a grid of member profile pictures with names like Vinicius, Armindinho, Marcio, Diego, Hanna, TRANSFRAGA, Guilherme, Leandro, and Diego. Below this is a 'comunidades relacionadas' section with three thumbnails: 'NO CROWD...YES BIG WAVES! (282)', 'Circuito Gaúcho de Rugby (934)', and 'Onde se surfa não se pesca (13.731)'. Other related communities shown are 'Galera da Praia de Imbé! (3.044)' and '100% PRAIA (174.026)'.

Figura 8 - Print screen da comunidade *Surfistas Gaúchos*.

O procedimento posterior foi a realização das entrevistas com os membros das comunidades. Pelo diferente número de participantes das comunidades escolhidas, o número de entrevistas foi proporcional à quantidade de integrantes das comunidades, sendo que, nos grupos em que havia mais participantes, foram realizadas mais entrevistas. Outro adendo importante, é em relação à comunidade *TubeAéreo – Surf Gaúcho Roots*. Por se tratar de um grupo de surfistas que mantém contato não apenas pelo Orkut, mas, principalmente, pelo grupo de emails do Yahoo ([tuboareo@googlegroups.com](mailto:tuboareo@googlegroups.com)), as entrevistas foram enviadas tanto via comunidade quanto via email. Essa diferença no procedimento deve-se ao fato de que muitas pessoas deste grupo não possuem Orkut, porém, participam ativamente do grupo de emails, podendo, com isso, contribuir positivamente para a aquisição de dados.

Depois de escolhidas as comunidades em que seriam realizadas as entrevistas partiu-se para a escolha da forma de entrevistar os membros. Primeiramente, tentou-se realizar as

entrevistas através de recados deixados (*scraps*<sup>51</sup>) para os integrantes. Inicialmente, seriam apenas dez recados por comunidades, os nove membros que aparecem na tela inicial da comunidade, por serem os que entraram mais recentemente no Orkut, mais o dono da comunidade. Essa tática não funcionou. Talvez pelo fato de o site estar mudando seu *layout*. A questão é que ao tentar deixar os recados, consegui que apenas sete membros recebessem o questionário, sendo que, após uma revisão para garantir que todos haviam recebido, pude perceber que os membros não tinham em sua página de recados o questionário.

Com isso, outra tática foi adotada tendo em vista uma melhor abordagem, menos agressiva que a anterior. Em cada comunidade seria criado um tópico em que o questionário online seria postada (fig. 9) junto com algumas informações para que qualquer membro pudesse respondê-la. Entretanto, descobriu-se que para poder criar um fórum nas comunidades era necessário que eu fosse membro da mesma. Com isso, prontifiquei-me de tornar um associado em todos os grupos em questão, fato que propiciou outra dificuldade. Algumas comunidades são de acesso moderado, ou seja, eu faço um pedido de associação que passará pelo crivo de um moderador. Em uma comunidade, *Surfistas Gaúchos*, meu pedido não foi visto pelo moderador, fazendo com que eu fosse impedido de postar o questionário em uma das comunidades escolhidas. Outro problema decorrido da falta de cuidados do moderador foi na comunidade *Praia, Surf e Chimarrão Tche!*, em que o dono do grupo não possibilita a abertura de fóruns. Portanto, nessas duas comunidades não foi possível efetuar as entrevistas desejadas.

---

<sup>51</sup> *Scraps* – substantivo. Pedaco, fragmento. No Orkut, *scraps* são os recados que os usuários podem deixar para outros participantes do site.

**FGS**  
Fedeção Gaúcha de Surf  
(303 membros)

fórum  
enquetes  
eventos  
membros  
ver perfil

## Monografia sobre a cultura do surfe

Início > Comunidades > Saúde, Bem-estar e Fitness > Fedeção Gaúcha de Surf > Fórum > Mensagens

mostrando 1-1 de 1 primeira | < anterior | próxima > | última

 **Luciano** 31 out [excluir](#)

**Monografia sobre a cultura do surfe**

Olá, meu nome é Luciano Murr, eu estudo Relações Públicas e estou fazendo esta entrevista para o meu trabalho de conclusão de curso, o TCC, sobre a integração entre a cultura gaúcha e a cultura do surfe. Todos que estiverem interessados em ajudar podem responder a entrevista por email ([lucianomurr@gmail.com](mailto:lucianomurr@gmail.com)) ou pelo orkut mesmo. Muito obrigado.

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

- 1 - Nome:
- 2 - Idade:
- 3 - Escolaridade:
- 4 - Local de nascimento:
- 5 - Local de residência:
- 6 - Email:
- 7 - Qual a sua relação/história com o surfe?
- 8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?
- 9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?
- 10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?
- 11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

primeira | < anterior | próxima > | última

[responder](#) [denunciar spam](#)

[« voltar aos tópicos](#)

**Figura 9** – Print screen do questionário online.

A partir deste ponto, diversos componentes das comunidades receberam o seguinte recado:

Cara, deixei na comunidade xxxxxxxx que tu és membro, um tópico que é uma entrevista para a minha monografia. É bem tranquila de responder e os dados são sigilosos. Se tu puderes responder me ajudará muito. Desde já agradeço.  
Luciano Murr

O *scrap* tinha o objetivo de demonstrar a importância da participação de cada pessoa que respondesse, porém com uma linguagem que o membro do site de relacionamento se sentisse à vontade, reconhecesse, a fim de incentivá-lo a responder.

Na comunidade *Surf RS*, tentou-se entrevistar 14 integrantes da comunidade que estiveram online mais recentemente. Destes quatro não receberam o questionário por bloquearem *scraps*. Na comunidade *Surf Gaúcho*, tentou-se entrevistar 21 integrantes da comunidade que estiveram online mais recentemente. Destes 13 não receberam o questionário por bloquearem os seus recados. Na comunidade *Fedeção Gaúcha de Surf*, tentou-se

entrevistar 30 integrantes da comunidade que estiveram online mais recentemente. Destes 18 não receberam o questionário pelos mesmos motivos anteriormente destacados. Na comunidade *Rio Grande do Surf*, devido ao grande número de membros, tentou-se entrevistar 53 membros, dos quais 29 não receberam o recado por bloquearem seus recados para quem não é seu amigo. Na comunidade *TubeAéreo – Surf Gaúcho Roots*, foram entrevistados todos os integrantes da comunidade. Além destes, também receberam as entrevistas os membros do grupo de email (tubeaereo@googlegroups.com). O questionário está disponível em todas as comunidades relacionadas. As respostas foram encaminhadas em sua maioria por email, porém algumas respostas foram feitas diretamente nos fóruns das comunidades. A quantidade de respostas foi baixa, apenas 14 para 57 tentativas efetivas<sup>52</sup>.

A comunidade *Surf RS* traz o texto: “Comunidade dedicada ao surf e a preservação das praias do litoral sul brasileiro e GO SURF. Boas ondas”. O texto não busca a relação entre as culturas, porém, o próprio nome da comunidade tem implícita a relação de orgulho do estado, típico do gaúcho. Por sua vez, o dono da comunidade não trás em seu perfil nenhuma referência ao estado nem seus símbolos tradicionais, sendo, no entanto, membro de comunidades que fazem referência ao chimarrão e as praias dos estado.

A comunidade *Surf Gaúcho*, por sua vez, traz o texto:

NETFRIENDS. A pedidos: Sim a pedidos de irmãs e irmãos!! Essa comunidade, essa rede de amigos é para ti é pra mim é pra quem contribuiu ou contribui com o surf gaúcho. Uma comunidade para a galera que trabalha/trabalhou com o surf gaúcho. A galera que não vê a hora de cair na água, galera formou ou forma o conceito de surf!! Comunidade pra gaúchos(as), Galera casca grossa!! Galera que curte as remadas!! Pra galera que cai inverno e verão!! Pra galera da prancha, do BODYBOARD!! MINIMALIBU!! FUNBOARD!! LONGBOARD!! Comunidade pra surfistas e simpatizantes!! A ideia é manter o contato!!!!!!!!!!!!

Esta descrição da comunidade mostra traços gaúchos, como a escrita com o uso do “ti” e também faz referência a hibridização cultural quando ele diz “é pra quem contribuiu ou contribui com o surf gaúcho. Uma comunidade para a galera que trabalha/trabalhou com o surf gaúcho.” Não obstante, existem duas comunidades relacionadas que fazem referência ao sul, sendo que uma delas, a comunidade *Surfistas Gaúchas - RS & POA* (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=5372330>), faz referência, inclusive a

---

<sup>52</sup> O termo “entrevistas efetiva” foi utilizado para fazer referência a quantidade de entrevistas que tentou-se executar. No total foram 145 tentativas e apenas 57 membros virtuais receberam recados sendo avisados do fórum e recebendo convite para participar do trabalho.

hibridização cultural. Já o perfil do dono da comunidade não permite fazer uma análise por ser bloqueado para pessoas que não são suas amigas na rede. Em suas comunidades existem referências ao estado e ao surfe, porém, nenhuma além da comunidade analisada faz referência à hibridização cultural estudada.

A comunidade *Surfistas Gaúchos*, tem o texto:

Você é gaúcho?? De nascência ou de criação?? Gosta de um bom churrasco?? Torce pra alguém da dupla gre-nal?? Ou já desistiu por causa dos fracassos?? Ahhhhh....pega onda??? Ou elas lhe pegam?? Fim de semana é dia de ir pra praia?? É?? É mesmo??? Bom: ENTÃO ESSA É A SUA COMUNIDADE!!! Comunidade pra juntar a galera do surf de todo o rio grande, do Chuí à Frederico Westfalen!!! Tô falando sério: vamu fazê umas trips, muita festa, tomá muito porre e pega muita onda!!! Add ae gurizada, e vamu cai na água! ps: a comunidade tá moderada agora por causa dos spams e dos paga pau de surfista

Na descrição da comunidade já se pode observar a hibridização cultural estudada em sua totalidade, estruturada a partir de perguntas relacionadas às duas culturas e no montante a cultura gaúcha tratando de alguns símbolos como o churrasco e as duas principais equipes de futebol do estado. Nas comunidades relacionadas existem referências ao orgulho gaúcho e ao surfe, porém sem nenhuma integração. O perfil do dono não possui referências a nenhuma das culturas estudadas e suas comunidades, à exceção da estudada, não traz referência a hibridização cultural, apesar de ter comunidades específicas de surfe e específicas de símbolos tradicionais gaúchos.

A comunidade *Praia, Surf e Chimarrão Tche!* em seu texto traz: “Praia, surf e chimas... isso eh td pessoal!”. Seu texto curto tem contém elementos de hibridização por mesclar surfe com o símbolo gaúcho chimarrão. Analisando o perfil da dona da comunidade, pode-se perceber que ela, em si, não é uma surfista, mas sim uma admiradora do esporte, pois em suas comunidades está uma em que ela demonstra o desejo que seu filho se torne um surfista. Por isso, e por conter também comunidades referentes às tradições rio-grandenses pode-se pressupor que seu filho terá em suas raízes a cultura híbrida que sua mãe já possui.

A comunidade *Rio Grande do Surf* em sua descrição traz: “Pra galera gaúcha que quebra tudo quando cai na água. REGRAS: -Sem propagandas. -Para vender/anunciar um produto procure o tópico VENDE-SE.”. Nesta comunidade já no nome se pode observar a analogia feita com o surfe e o estado gaúcho, deixando claro o orgulho de ser gaúcho e o amor pelo esporte. Já o perfil do dono possui comunidades de exaltação às tradições do Rio Grande

assim como ao surfe, mas, também não possui nenhuma outra que deixe claro a hibridização.

A comunidade *Federação Gaúcha de Surf*, traz em seu texto:

Federação Gaúcha de Surf (FGS). Para toda a galera que pega onda no Rio Grande do Sul! Pra toda a raça que curti, e esta ligado com o esporte de alguma maneira... finais de semana dentro d'água, atletas, shapers, admiradores, galera do free surf, jornalistas, representantes de marcas gaúchas, patrocinadores... [www.fgsurf.com.br](http://www.fgsurf.com.br)  
\*Fiquem por dentro dos campeonatos, e eventos que acontecem em todo RS\*.

Esta comunidade, apesar de ser da confederação gaúcha, não tem elementos que afirmem o orgulho regional ou quaisquer outros elementos que se possa fazer tal comparação. Os dois perfis que o dono possui também não fazem nenhuma relação relevante como os outros estudados. Apesar de possuir algumas características típicas do estado nenhuma que ajudasse a fazer qualquer relação de mistura cultural.

A última comunidade analisada é a *TubeAereo – Surf Gaúcho Roots* que tem a seguinte descrição: “Comunidade pra todo mundo que curte surfe e a companhia irada da galera do TubeAereo!”. O texto da comunidade não deixa clara nenhuma espécie de hibridização, porém em suas comunidades relacionadas existem diversos elementos que representam a hibridização. O perfil do dono desta comunidade não foi analisado por ser o autor desta monografia.

De posse das entrevistas, iniciou-se a análise das entrevistas, com uma primeira análise quantitativa das respostas. Inicialmente, a contagem foi iniciada através da contagem das respostas para a pergunta “Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?”, chegando-se aos dados da tabela 3.

<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>TALVEZ</b>	<b>NÃO OPINOU</b>
9	3	1	1

**Tabela 3** – Tabela de respostas sobre a existência de hibridização cultural.

Então, analisando as respostas, pode-se chegar à conclusão de que, para os sujeitos pesquisados, realmente existe essa integração defendida por Caclini. Isso demonstra que as pessoas estão cada vez mais cientes disso, somando mais de 64% dos votos. Um detalhe importante sobre a análise é que ela não pode se resumir, nem inicialmente, a uma análise

apenas quantitativa, somando-se apenas sim e não. Em muitas respostas estas palavras nem apareceram, obrigando, com isso, a feitura de uma análise qualitativa para chegar à conclusão quantitativa. Além disso, temos a consciência de que esta é uma análise delimitada na opinião dos sujeitos entrevistados, os quais podem representar a opinião de um grupo maior do qual fazem parte.

Partiu-se então para quais são os símbolos gaúchos mais relevantes para os entrevistados, chegando-se a seguinte tabela 4.

<b>Chimarrão</b>	<b>Churrasco</b>	<b>Música</b>	<b>Pilcha</b>	<b>Laçador</b>	<b>Grenal</b>
12	7	4	4	3	2
<b>Orgulho das Raízes</b>	<b>Cavalo</b>	<b>Campo</b>	<b>Polar</b>	<b>Bandeira</b>	<b>Hino</b>
2	2	1	1	1	1
<b>Atitude</b>	<b>Amizade</b>	<b>Guri de Uruguaiiana</b>	<b>Rodrigo “Pedra” Dornelles</b>	<b>Acampamento Farroupilha</b>	<b>Prenda</b>
2	2	1	1	1	1

**Tabela 4** – Tabela indicativa dos símbolos gaúchos citados nas entrevistas.

Pode-se observar que muitas opções foram explicitadas, podendo, então, chegar-se a algumas conclusões apenas observando os itens que foram indicados. Primeiramente, os quatro itens mais votados, chimarrão com doze votos, churrasco com sete votos, música e a pilcha com quatro votos, mostram os itens mais clássicos da cultura gaúcha, itens que são vistos e vivenciados por todos desde pequenos como sendo os principais símbolos do gaúcho. Outros itens bem avaliados são o Laçador, o cavalo e o orgulho das raízes, além da atitude do gaúcho. Houve algumas informações que não foram possíveis de se analisar quantitativamente como, por exemplo, “povo com virtudes”, por serem itens subjetivos e que poderiam entrar em mais de uma categoria. No entanto, ao se realizar uma análise mais criteriosa, utilizando os dados das outras perguntas, principalmente da pergunta “Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?”. Com esta questão poder-se-ia analisar de forma mais

aprofundada as raízes e a ligação que cada entrevistado possui com o Rio Grande do Sul e com a seus costumes e tradições.

Por fim, ao analisar-se a última questão, de importância crucial para o trabalho, questionou-se aos entrevistados “Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?”, e os números foram os esperados, além dos itens também esperados. Porém, surgiu um item que não era esperado, o bairrismo, demonstrando como é forte esta característica no gaúcho. O item que mais apareceu ao analisarem-se as entrevistas foi o chimarrão provando, definitivamente que é realmente a maior marca do gaúcho, a marca que sempre o acompanha. Não obstante, também foi altamente lembrado o churrasco e a música, que, apesar de aparecer com apenas dois votos, foi evidenciada em outros itens, como pode se observar na tabela 5.

<b>Chimarrão</b>	<b>Churrasco</b>	<b>Música</b>	<b>Fala</b>	<b>Música</b>	<b>Bairrismo</b>
10	4	2	2	2	2

**Tabela 5** – Tabela indicativa dos símbolos gaúchos levados para surftrips fora do estado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho diversas conclusões puderam ser tomadas tendo-se por base as referências teóricas junto com as comprovações empíricas e as entrevistas. O trabalho que teve como objetivo primário comprovar, ou não, como se dão as manifestações de hibridização cultural nos sites de relacionamento, mais precisamente no Orkut, tanto a através das comunidades quanto através dos usuários. A partir da definição das diretrizes a serem seguidas partiu-se para o estudo teórico e análise empírica das situações em busca das respostas. Para responder à questão básica deste trabalho, a manifestação, ou não, de uma cultura híbrida no Orkut mostrou-se necessário realizar uma pesquisa com os usuários das comunidades escolhidas. A partir do recolhimento destes dados junto com o conhecimento empírico e toda a base teórica adquirida com as pesquisas

Enfim, um trabalho inicial, porém, primordial para compreender a relação entre essas culturas antagônicas foi o aprofundamento do conhecimento sobre ambas, estudando suas origens para, com isso, entender como poderia se dar essa integração. Já de posse do conhecimento teórico e também do conhecimento empírico, formado pela prática do esporte e amor por ambas as culturas, foi possível iniciar o segundo momento da pesquisa, que visava entender como a hibridização acontece na web e como seus usuários a percebem. Para isso foram distribuídas diversas entrevistas nas comunidades do Orkut que expressavam a integração entre surfe e Rio Grande do Sul. Com o retorno das pesquisas dei abertura à próxima etapa, a coleta dos dados e análise das entrevistas. Após a realização de todas essas etapas pude concluir que existe a hibridização cultural especificada, apesar de algumas pessoas não a perceberem.

A pesquisa era constituída de onze perguntas, sendo apenas as cinco últimas relacionadas à cultura gaúcha e cultura do surfe. Destas cinco, apenas a pergunta dez e a pergunta onze tinham relação à hibridização cultural. Então, quando afirmo que algumas pessoas não percebem a mistura entre as culturas tenho por base, por exemplo, o entrevistado VC, que afirma: “não creio que exista uma relação direta, até pq na minha opinião a cultura do surfe varia em cada estado e até em grupo de pessoas”. Porém, quando perguntado quais elementos da cultura regional levava consigo em viagens específicas para surfar respondeu “o chimarrão e minha faca para fazer um churrasco”, ou seja, demonstrou que pratica a integração cultural, apesar de não a reconhecer. Não é o único caso, porém estes fazem parte

da minoria, já que grande parte dos entrevistados afirmou perceber a integração, como afirmou RZ ao dizer

acredito que exista sim, a cultura do surfe implica que os surfistas estejam tanto sozinhos quanto em grupos – e ambas as situações geram histórias e fatos que são contados inúmeras vezes para diversos públicos. Já a cultura gaúcha nos mostra que somos pessoas mais fechadas e mais individualistas que as outras culturas brasileiras. Apesar disso, também gostamos de estar com os amigos, parentes e pessoas que nos identificamos, situações de grupo. A cultura gaúcha também mostra que o gaúcho gosta de contar as suas histórias e peripécias. Portanto acho que existem essas similaridades entre as culturas.

Seguindo a mesma linha de resposta de RZ, porém indo um pouco mais além, RM afirma:

claro. A própria união que se forma entre os surfistas, os encontros para contar das ondas que cada um pegou, as vacas, é muito parecida com a união dos gaúchos para tomar um mate e contar histórias. Além de que não existe uma “surftrip” de gaúchos sem um chimarrão e uma boa música gaudéria.

Foi possível, portanto, concluir que os entrevistados percebem a hibridização cultural, e a analisam através de atitudes que as culturas possuem em comum. Tais atitudes além de outras manifestações de mistura anteriormente analisadas, como o uso de uma linguagem mista prova que estas culturas estão unidas quase que embrionariamente. Além disso, todos os entrevistados que responderam perceber a relação entre ambas, provaram seu ponto com atitudes e não com símbolos, da mesma forma que se formou a cultura gaúcha, através de muitas lutas e muita atitude para depois sim a construção de seus símbolos tradicionais. Portanto, é fácil compreender que ao incorporar uma nova cultura a sua original, o gaúcho incorpora não apenas suas atitudes, porém as usa para demonstrar e explicar o porquê da sua assimilação.

## 6 REFERÊNCIAS

- A Fly In The Champagne. Direção: Matt Beauchesne, VAS Entertainment. 2009. 1 DVD (48 min), son., color.
- BALDISSERA, Rudimar. **Comunicação, identificação e imagens-conceito**. FEEVALE – UCS
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- BITENCOURT, Valéria da S. **A Gestão do Surfe no Brasil, segundo os modelos das Organizações de Aprendizagem: Uma Proposta Empreendedora**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGEF/UGF. 2005.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. 2º reimpressão. Rio Grande do Sul. Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4º edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 4ª edição. São Paulo - Paz e Terra: 2000.
- \_\_\_\_\_. **O Poder da Identidade**. 2ª edição. São Paulo – Paz e Terra: 1999.
- COLEMAN, Stuart Holmes. *Eddie Would Go: A história de Eddie Aikau, Heroi Havaiano*. Ed. Gaia, 2001.
- Dicionário do Surfe. Disponível em <<http://surfebrasil.br.tripod.com/surfebrasil/id8.html>>. Acesso em 13 de out. de 2009.
- DOWBOR, Ladislau. **Economia da Comunicação**. In: *Desafios da Comunicação*, p.47-61.
- Drive Thru Caribbean. Direção: Greg Browning, 14Day Production. 2007. 1 DVD (38 min), son., color.
- ESCOSTEGUY, ANA C. *Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte. Autêntica, 2001.
- FERNANDES, Adriana. **História do surf no Brasil**. 2001. Disponível em <<http://360graus.terra.com.br/surf/geral.asp?did=380>>. Acesso em 26 de set. de 2009.
- Flow. Direção: Josh Landan, Thirthy Four Films. 2006. 1 DVD (98 min), son.,

color.

FORTES, Rafael. De “passatempo de vagabundos” a “esporte da juventude sadia”: surfe, juventude e preconceito em *Fluir* (1983-1988). Artigo publicado no XIII Encontro de História Anpuh – Rio. Rio de Janeiro, 2007.

Havaí. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Havaí>>. Acesso em 10 de out. de 2009.

HENRIQUES, Eduardo. **Geografia**. P. 1-5. Disponível em <<http://www.colegionap.com.br/AulasOnline/geografia/correntes.pdf>>. Acesso em 13 de Nov. de 2009.

História da Empresa Mormaii. Disponível em <[http://www.mormaii.com.br/\\_pt/empresa\\_historia.php](http://www.mormaii.com.br/_pt/empresa_historia.php)>. Acesso em 10 de set. de 2009.

História de Eddie Aikau. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Eddie\\_aikau](http://pt.wikipedia.org/wiki/Eddie_aikau)>. Acesso em 08 de out. de 2009.

History of Eddie Aikau. Disponível em <[http://live.quiksilver.com/2009/eddie/history.php?btn\\_history=\\_over](http://live.quiksilver.com/2009/eddie/history.php?btn_history=_over)>. Acesso em 08 de out. de 2009.

JACKS, Nilda. **Querência: estudo regional como mediação simbólica – um estudo de recepção**. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. **Mídia Nativa: Indústria cultural e cultura regional**. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 1998.

KAMPION, Drew. **John Severson**. 2000. Disponível em <<http://www.surflines.com/surfaz/surfaz.cfm?id=905>>. Acesso em 30 de out. de 2009.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social contemporânea**. – Porto Alegre: Sulina. 2002.

LOMBA, Gabriele. **Apitaxo reforça o localismo no Havaí**. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Surfe/0,,MUL262820-7497,00.html>>. Acesso em 08 de out. de 2009.

MATTELART, Armand e Michele. **Os novos paradigmas da Comunicação**. Palestra. 2000.

MICHAELIS: pequeno dicionário inglês-português, português-inglês. – São Paulo: Companhia de Melhoramentos. 1989

MORAES, Dênis. **O concreto e o virtual: Mídia, cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A editora. 2001.

PASSAVENTO, Sandra Jatay. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1984.

PIENIZ, Mônica. **A Apropriação do global para fins locais: as representações da identidade gaúcha em comunidades virtuais do Orkut**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM. 2009.

OTTO, Gustavo. **A história de Eddie Aikau, o herói havaiano**. 2007. Disponível em <<http://surf4ever.wordpress.com/2007/01/03/a-historia-de-eddie-aikau-heroi-havaiano>>.

Acesso em 08 de out. de 2009.

REVISTA FLUIR: Edição Especial de Aniversário. São Paulo: Editora Peixes Ltda. Edição 180. 2000.

Riding Giants – No Limite da Emoção. Direção: Stacy Peralta e Sam George, Imagem Filmes. 2004. 1 DVD (101 min), son., color.

SILVA, Cassiano Paes da; SILVA, Méri Roseane Santos da; SOUZA, Altamir da Silva. **Surf: Esporte, Corpo e Tribo. Os Discursos da Sociedade de Consumo Fluem na Revista Fluir**. Rio Grande, FURG.

Singlefin: Yellow. Direção: Jason Baffa, LLC Productions. 2003. 1 DVD (109 min), son., color.

Surf Adventures – O Filme. Direção: Arthur Fontes, Imagem Filmes. 2002. 1 DVD (90 min), son., color.

Surfe. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Surfe>>. Acesso em 15 de set. de 2009.

The Occumentary. Direção: Jack McCoy, Billabong Profuctions. 1998. 1 DVD (106 min), son., color.

VALER, Marcos. **História do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: gráfica LoriGraf. 2000.

## ANEXO A

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: DS

2 - Idade: 25

3 - Escolaridade: Superior incompleto

4 - Local de nascimento: São Paulo/ SP

5 - Local de residência: Canoas/ RS

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Gosto muito do esporte e pratico quando possível. Infelizmente não é muito frequente, mas tudo sobre o assunto (filmes, fotos, materiais, locais) me interessam.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Com a chegada a Porto Alegre, a apresentação da cultura e costumes foi intensa. Alguns deles aderi, como o churrasco no final de semana seguido de uma visita aos parques da cidade para ver o por do sol, sempre acompanhado do chimarrão. Apesar de considerar o amor pela terra, não tenho grande apego à cultura gaúcha, apenas gosto por alguns costumes.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

Chimarrão, bombacha, alpargata, música e o churrasco

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

A proximidade com a natureza. O surfe prega a sinergia do surfista com o mar e a praia, assim como a do gaúcho campeiro o faz. A interação e desfruto da natureza com simplicidade e respeito.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

Chimarrão e churrasco

## ANEXO B

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: EM

2 - Idade: 25 anos

3 - Escolaridade: 3º grau completo, pós em andamento

4 - Local de nascimento: Porto Alegre

5 - Local de residência: Porto Alegre , bairro 3 figueiras

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Bom, começou lendo revistas de surfe quando tinha uns 12 anos de idade, comecei a tentar convencer minha mãe a me deixar surfar, esforço feito em vão. Aos 16 anos comprei uma prancha escondido dela, na praia da joaquina em floripa, nesse verão comecei a dar as primeiras braçadas e aprender fundamentos, como joelinho. Porém não tinha amigos que surfavam para o incentivo e aprendizado, deixei a prancha meio de lado. Aos 18 anos um amigo me chamou pra surfar e lá me fui. Neste ano eu comprei minha primeira roupa de neoprene, um short, que me permitia surfar alguns meses mais do que só o verão. Virei o rei do reto side. Então conheci mais alguns amigos que surfavam e peguei minhas primeiras paredes pra direita na praia do Campeche. Daí foi o pulo do gato, me infectei pelo vírus do surfe. Comecei a faculdade e com ela mais amigos do surfe e mais trips. Meus fins de semana e feriados eram guiados pelas oportunidades de ir surfar, que pela falta de \$\$\$ clássica dos universitários não passavam de uma vez por mês. Logo tudo girava em torno do surfe e faculdade, era guardar os pilas pra poder comprar um long e pagar a gasol e surfar sempre. Nessas trips as amizades se firmavam e hoje tenho certeza que o surfe me trouxe meus melhores amigos, as mais belas paisagens, o maior contato com a natureza, menor estresse pro meu dia a dia.

Hoje não vejo minha vida sem o surfe, por que com este de brinde vem o melhor da vida, amizades, tranquilidade, felicidade.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Tenho como todo gaúcho um sentimento de pátria pelo RS, orgulho de cantar

nosso hino, de saber um pouco da história que foi formada por nosso povo. Mantenho alguns hábitos como ouvir música gaúcha, tomar mate. Não frequento movimentos tradicionalistas mas volta e meia vou em algum evento tradicionalista observar.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

Chimarrao, bombacha e alpargata, churrasco, prenda.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

Acho que o povo gaúcho é batalhador e vai contra a corrente sendo persistente, tenta se separar do brasil mesmo este sendo maior e mais poderoso, no surfe, o surfista gaúcho se depara com este nosso litoral com fracas condições pro surfe mas mesmo assim ele se mantém firme no seu ideal enfrentando as condições adversas ou contornando-as fazendo as trips pra santa. Portanto o idealismo da nossa cultura.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

Chimarrao, alpargata e minha prenda, (e o long will q faz parte tb)

## ANEXO C

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: ES

2 - Idade: 25

3 - Escolaridade: Pós-Graduado

4 - Local de nascimento: Porto Alegre

5 - Local de residência: Porto Alegre

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Sou praticante. O que mais me motivou a surfar foi o fascínio pelo modo como a prancha deslisa sobre a água.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Já fui bastante ligado à cultura tradicionalista gaúcha. Participei de piquetes na parada de 20 de setembro. Hoje, estou mais afastado, mantendo o contato com a cultura gaúcha somente em momentos pontuais, como a semana farroupilha.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

A pilcha e o cavalo.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

Apesar de não vislumbrar uma relação direta, creio que, como todas as culturas, existe uma mitigação de ambas.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

Nessa última vez, levei somente minhas alpargatas. Se bem que a salvadorenha com quem falei a respeito me disse, talvez com razão, que esse calçado é de origem espanhola. Mas não deixa de pertencer também a cultura gaúcha.

## ANEXO D

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: FN

2 - Idade: 26 anos

3 - Escolaridade: Ensino medio completo

4 - Local de nascimento: Porto Alegre

5 - Local de residência: Porto Alegre

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

surfo a uns 6 anos

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

tenho muito orgulho d ser gaucho e um respeito muito grande pelas tradições do meus estado mais até do que pelo meu país

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

simbolos tradicionais pra mim é o chimarrão e o gaucho mas entendo como simbolo tambem a coragem do povo gaucho

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

existe uma relação muito grande entre as duas culturas em relação a amizade e o companherismo que existe de surfista para surfistas e gauchos com gaúchos

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

chimarrão é classico, junto com a coragem e a atitude que só nós gauchos temos

## ANEXO E

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: FM

2 - Idade: 24 ANOS

3 - Escolaridade: SUPERIOR COMPLETO

4 - Local de nascimento: ESTEIO-RS

5 - Local de residência: SAPUCAIA DO SUL-RS

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Surfo desde 1989, e me lembro como se fosse hoje de quando ganhei um short manga curta verde-limão da mormaii em 1991. Iniciei meus passos com meu irmão mais velho em Garopaba-SC onde ficava hospedado na casa da mãe do surfista profissional Roni Ronaldo, grande incentivador e grande amigo desde que me conheço por gente. Desde então o surf era presente em todas as férias (inverno e verão). Com o passar do tempo a vontade de fazer algo pelo meu surf e dos meus amigos cada vez aumentava mais e em 2005 decidi aprender a arte de shapear com o mestre Toni Ferraz na fábrica da Glass Brother's, onde todos são parceiros de trabalho netes 4 anos. Atualmente em função de minha vida profissional tenho tempo disponível para shapear somente a noite e possuo uma sala de shape em minha residência.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Vivo neste estado desde que nasci e a relação com a cultura gaúcha é a mais próxima possível. Ser um “guri” desta terra é motivo de orgulho.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

O velho e bom chimarrão.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

Não, são totalmente diferentes. Mas nosso clima de inverno e a água congelante combinam com o surf daqui.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

Chimarrão.

## ANEXO F

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: GF

2 - Idade: 25 anos

3 - Escolaridade: Superior Completo

4 - Local de nascimento: Porto Alegre

5 - Local de residência: Três Coroas

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Conheci o surf no verão de 2001, estava no 2º grau do colégio. Meu irmão pediu uma prancha de natal, e eu, sem querer, ganhei uma também. Aprendemos juntos naquele verão, que por acaso, foi o primeiro de surf do Xande, meu primo Catarina, que também tinha ganhado uma bóia no natal. Nós três, muitas vacas e no fim, a glória: ficamos em pé. Em resumo, ao final daquele verão pensava como não tinha me interessado pelo surf antes. Vicieei no esporte. Ficar boiando, curtindo o barulho do mar, dos pássaros, as ondas quebrando. E ainda por cima estar, sem querer, fazendo um baita exercício, um dos mais completos que já fiz. É o bicho: cura ressaca, dá o fomão, te deixa feliz. E te faz sentir a adrenalina, dentro daquele tubo que nunca abre ou então descendo a morranca assassina. De lá para cá, tratei de aprimorar meu surf, melhorando o estilo, surfando com mais calma e pegando umas ondas realmente boas. Assim, surfei em alguns picos de fama, na Indonésia e Austrália, mas não troco as ondas de SC (dentre as quais destaco Santinho e Ferrugem) e Uruguay por nada.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Sou gaúcho. Nasci tomando um chimarrão, fazendo churrasco, torcendo pelo Inter, indo a Grenal, sendo petista, odiando o Britto e a Yeda, dizendo que o por do sol do Guaíba é o mais bonito do mundo (e é mesmo), e que não tem gente tão valorosa como os do sul. Nasci amando Porto Alegre (pra onde volto feliz todo fim-de-semana), curtindo a redenção, indo ao brique, à Cidade Baixa pra um bom buteco, à Ipanema e ao Lami para desopilar, à Itapuã, pra fazer

trilha e ao Parcão pra correr. Nasci pra andar a cavalo, pra ver o amanhecer no campo e tomar um amargo, nasci curtindo as tradições, e dançando a chula (hehehe, brincadeira essa parte). Até sou crítico com o gauchismo inventado pelo MTG, mas tenho orgulho de ser do sul, e, independente da invenção, vejo na tradição positividade à vida de quem nela se insere.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

Chimarrão, campo, Guri de Uruguaiana, Polar, Grenal, Laçador, Tangos e Tragédias, churrasco, cavalo...

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

Talvez. O gaúcho é brigador, e os local lá da Plataforma também. O gaúcho não leva desaforo pra casa, e os local de Torres também não. O gaúcho é, na real, meio haole em relação ao resto do Brasil, se vê como diferente, o mesmo acontecendo com a gauchada que vai surfar em SC. Por outro lado, o surfista, assim como o gaudério, acorda cedo e toma mate. E, ambos, quando vão a praia, fazem aquele churrasco pra não deixar ninguém na mão.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

Churrasco e chimarrão.

## ANEXO G

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: GC

2 - Idade: 23

3 - Escolaridade: Superior em curso

4 - Local de nascimento: Porto Alegre

5 - Local de residência: Porto Alegre

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Surfo a 9 anos. Comecei naquele boom do surf em 1999/2000 e nunca mais parei.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Quando pequeno ouvia muita música gaudéria e frequentava o CTG 35 com meus pais.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

O hino, o chimarrão, o churrasco, o laçador e o Pedra Dornelles.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

Existe uma cultura forçada. Nós, gaúchos, lutamos contra o mar ruim e as baixas temperaturas. Talvez essa vontade de não se entregar por qualquer coisa seja nossa relação.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

Chimarrão.

## ANEXO H

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: GL

2 - Idade: 18

3 - Escolaridade: Ensino Superior

4 - Local de nascimento: Porto Alegre RS

5 - Local de residência: Viamão

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Meu pai foi surfista, teve até uma fábrica de prancha com um amigo dele mas com tempo parou de praticar o surf.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Desde pequeno vou a CTG por influência de meus pais e avós e pq gosto.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

O chimarrão, Laçador, a música gaúcha e o acampamento Farroupilha.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

O sotaque e as gírias

## ANEXO I

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: RM

2 - Idade: 22 anos

3 - Escolaridade: Superior incompleto

4 - Local de nascimento: Porto Alegre

5 - Local de residência: Porto Alegre

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Desde pequeno, vendo o namorado da minha irmã carregando sua prancha pra cima e pra baixo, fiquei amarradão e desde lá não largou a minha também.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Sou gaúcho de nascença, e sua cultura me encanta, tanto pelos laços afetivos como sua tradição.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

Chimarrão, amizade e povo com virtudes.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

O sentimento de descoberta, de desbravar o novo e levar consigo aquilo o que mais gosta.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

Chimarrão, as amizades, a boa conversa, o churrasco depois de um dia de surfe perfeito.

## ANEXO J

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: RM

2 - Idade: 25

3 - Escolaridade: 3º Incompleto

4 - Local de nascimento: Porto Alegre

5 - Local de residência: Porto Alegre

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Comecei a surfar por influência dos meus amigos. Logo gostei do esporte e do ambiente que foi criado, comprei uma prancha usada e passei a acompanhá-los nas “trips”. Isso faz uns 8 anos e continuamos a surfar juntos.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Sou de família de fazendeiros. Tanto pelo lado da minha mãe quanto pelo lado do meu pai as famílias sempre foram ligadas ao campo, portanto a cultura gaúcha sempre esteve presente na minha vida.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

O chimarrão, a pilcha, a música tradicionalista e o orgulho das raízes.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

Claro. A própria união que se forma entre os surfistas, os encontros para contar das ondas que cada um pegou, as vacas, é muito parecida com a união dos gaúchos para tomar um mate e contar histórias. Além de que não existe uma “surftrip” de gaúchos sem um chimarrão e uma boa música gaudéria.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

O chimarrão, a música e, sem dúvida, o orgulho de ser gaúcho.

## ANEXO L

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: RG

2 - Idade: 16

3 - Escolaridade: 2º EM

4 - Local de nascimento: Porto Alegre

5 - Local de residência: Porto Alegre

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

comecei a surfar com quatro anos, quando ganhei meu primeiro bodyboard, com 5 ganhei pés de pato aos 10 comecei a surfar de prancha, desde então revezo.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

sei lá, eu considero o RS o melhor lugar do Brasil

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

Força de vontade, acho que todo gaúcho tem grande força de vontade

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

não é muito boa por que nosso local de treinamento não apresenta as condições ideais como de outros estados, nosso mar é "fraco"

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

Tento mostrar ao máximo que sou gaúcho e que aqui mesmo com nosso mar que não é bom, tem grandes surfistas, e por gostar tanto sempre gosto de divulgar nosso estado

## ANEXO M

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: RP

2 - Idade: 25

3 - Escolaridade: Superior Completo

4 - Local de nascimento: Porto Alegre

5 - Local de residência: Porto Alegre

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Comecei a surfar com 17 anos, por causa dos amigos e até hoje faço de conta que surfo.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Basicamente ser gaúcho e gostar muito mais do meu estado e suas tradições do que dos outros.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

Para mim, o Inter. Além disto, poderia destacar coisas como o chimarrão, a música tradicional e o apreço pela tradição.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

O surf e os gaúchos têm certa dificuldade para se ligar, ante a falta de boas praias e ondas como em outros estados do país, porém, como é de costume, o gaúcho luta contra estas adversidades buscando o divertimento, mesmo que longe de casa, levando esta característica de não desanimar perante a primeira dificuldade que aparecer.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

Geralmente vai o chimarrão, o cd de música gaudéria e a disposição de interromper qualquer coisa para ver o jogo do colorado. Evidente, dos itens citados nem todos são levados por mim necessariamente, mas geralmente estão presentes nas viagens.

## ANEXO N

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: RZ

2 - Idade: 25 anos

3 - Escolaridade: 3º grau incompleto.

4 - Local de nascimento: Porto Alegre, RS.

5 - Local de residência: Porto Alegre, RS.

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Comecei a surfar por influência de vizinhos na praia de Salinas (RS) por volta de 1996. Como meu Vô era aposentado, ficava, em média, 3 meses por ano no litoral gaúcho, e eu passava uns 2 meses com ele, facilitando a prática do surfe. Aprendi a gostar de surfar, desbravei outras praias, e hoje considero o surfe como um momento, além de esportivo, de reflexão, onde ficamos por horas sentados pensando em inúmeras coisas e situações.

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Por ter nascido em Porto Alegre, neto de avôs oriundos do interior, sou adepto de algumas tradições como chimarrão, algum contato com a música gaúcha, frequentei algumas cidades do interior e possuo um certo sentimento de regionalismo.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

Os principais símbolos da cultura gaúcha são o chimarrão, o churrasco e a bandeira do Rio Grande do Sul que gostamos de evidenciar para os outros.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

Acredito que exista sim, a cultura do surfe implica que os surfistas estejam tanto sozinhos quanto em grupos – e ambas as situações geram histórias e fatos que são contados inúmeras vezes para diversos públicos. Já a cultura gaúcha nos mostra que somos pessoas mais fechadas e mais individualistas que as outras culturas brasileiras. Apesar disso, também gostamos de estar com os amigos, parentes e pessoas que nos identificamos, situações de grupo. A

cultura gaúcha também mostra que o gaúcho gosta de contar as suas histórias e peripécias. Portanto acho que existem essas similaridades entre as culturas.

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

O chimarrão, o churrasco e o 'bairrismo' que os gaúchos têm – seja pelos times, estado, tradições, etc.

## ANEXO O

Entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas

1 - Nome: VC

2 - Idade: 25 anos

3 - Escolaridade: superior completo

4 - Local de nascimento: porto alegre

5 - Local de residência: porto alegre

6 - Email:

7 - Qual a sua relação/história com o surfe?

Iniciei no surf quando era adolescente nas praias do litoral norte gaúcho. Atualmente surfo apenas quando viajo para outros estados e países e no verão nas praias do sul (Xangri-lá).

8 - Qual a sua relação/história com a cultura gaúcha?

Desde pequeno aprendi as tradições do estado na escola, com danças típicas, festas juninas, etc. Após, mantive um pouco as tradições através do chimarrão e da culinária típica.

9 - Para você, quais são os principais símbolos da cultura gaúcha?

O chimarrão e o churrasco.

10 - Na tua opinião, existe alguma relação entre a cultura do surfe e a cultura gaúcha?

Não creio que exista uma relação direta, até pq na minha opinião a cultura do surfe varia em cada estado e até em grupo de pessoas (amadores, profissionais, longboarders. Bodyborders, etc).

11 - Quando você vai para a praia fazer uma surftrip fora do Rio Grande do Sul quais elementos da cultura gaúcha o acompanham?

O Chimarrão e minha faca para fazer um churrasco.

**ANEXO P**



Arquivo Pessoal

**ANEXO Q**



Arquivo Pessoal

ANEXO R



Arquivo Pessoal